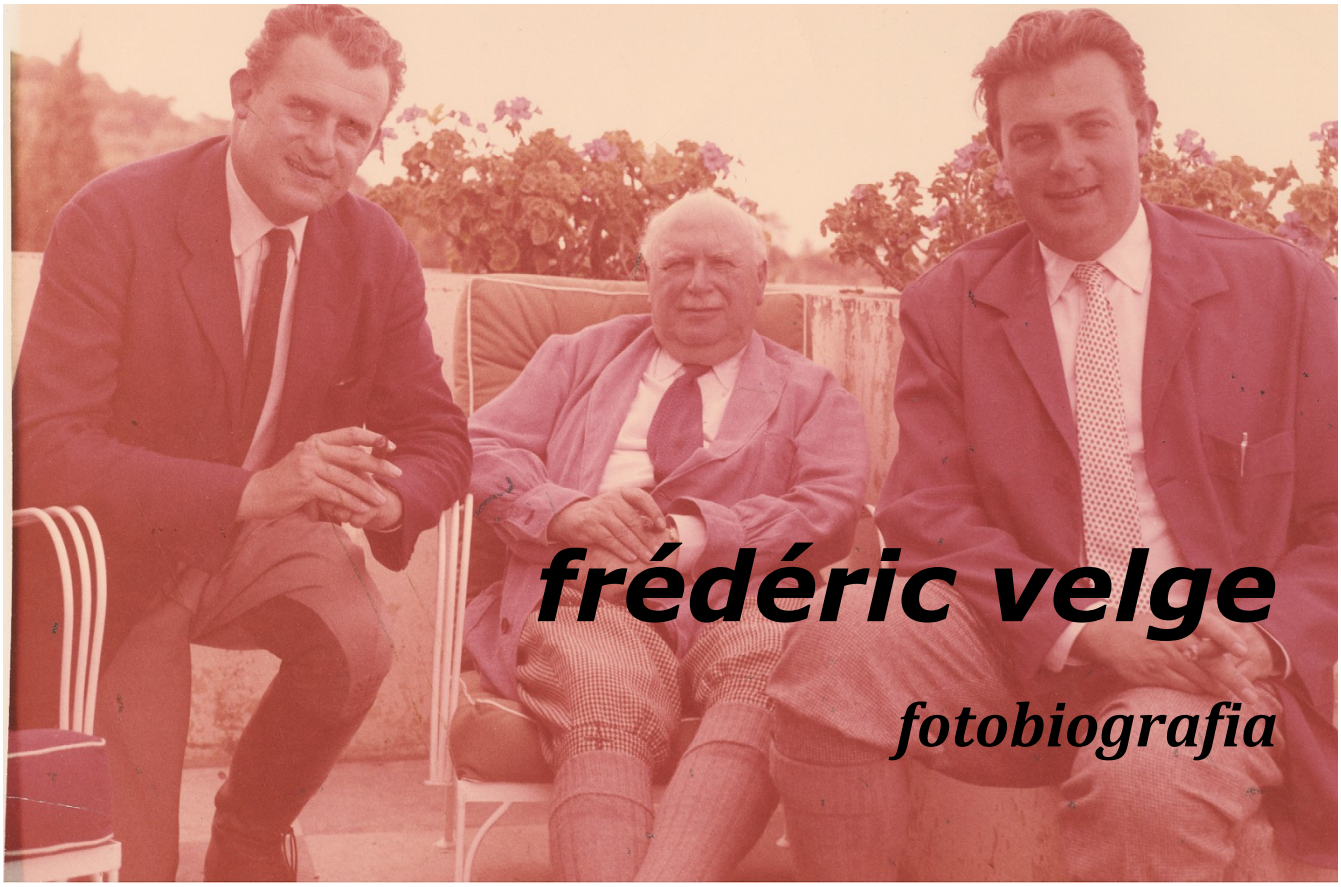


# *frédéric velge*

## *fotobiografia*

***Pedro Pereira Leite***

Leite, Pedro Pereira, 1960 -

ISBN- 978-972-8750-03-09

Título: Frédéric Velge: Fotobiografia

Autor, Pedro Pereira Leite

Tradução para Inglês: Marta Carvalho

Edição: Pedro Pereira Leite – Marca d'Agua, e

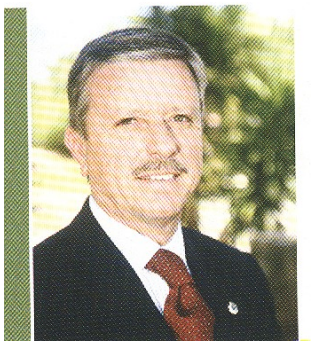
Museu Mineiro do Louzal

# Frédéric Velge
(1926-2002)
Fotobiografia

# 1 Índice

Prefácio ..... 5
Primeiros tempos ..... 10
verdes anos ..... 15
os anos das pirites ..... 41
rumo do oriente ..... 82
Freddy velge para sempre ..... 142
Genealogia ..... 153
de FRÉDÉRIC VELGE ..... 153
Antepassados Paternos ..... 154
Antepassados Maternos ..... 154
Descendentes ..... 154
Relações Directas . ..... 155
Irmãos: ..... 155
Outras linhas ..... 155
Árvore genealógica ..... 156
Por via paterna ..... 156
Por via materna ..... 156
Família Próxima ..... 156
Descendentes ..... 157

# Prefácio



Tive o privilégio[1] e o acrescido prazer de conhecer e privar com o Engenheiro Frédéric Velge, ainda antes de pensar na minha candidatura à Presidência da Câmara Municipal de Grândola e, portanto, longe de saber que iria ser um dos principais agentes e obreiros – a par da Família Velge e da SAPEC – do relevante processo de mudança e de construção do futuro que está a ser levado a cabo na Aldeia Mineira do Louzal. Refiro isto porque, desde o primeiro momento em que nos conhecemos, muito me impressionou e, naturalmente, muito me honrou a amizade que estabelecemos e inclusivamente alguma cumplicidade, reforçada por prazeres comuns que Frédéric Velge cultivava com experiência, saber e gosto apurado, e que partilhava com agrado, tendo-me guiado, entre muitas outras coisas, na arte maior de fumar e saber apreciar um bom "Puro Cubano". Desses contactos e do relacionamento, infelizmente breve, que fomos mantendo retive ainda o seu grande sentido humanista, aliado a uma cultura vasta e profunda e a um

[1] Carlos Beato, nascido em 02/11/1945, Eleito Presidente do Município de Grândola em 2001, reeleito em 2005

pragmatismo muito peculiar, características que muito contribuíram para a importância que a Aldeia Mineira do Louzal teve na economia da Região, durante a fase de laboração da Mina, e para a criação e concretização do projecto de revitalização daquele Núcleo Mineiro, que Frédéric Velge e a sua família abraçaram desde o primeiro momento.

No ano de 2005, quando por minha iniciativa o Município de Grândola atribuiu, a título póstumo e com inteira justiça, a Medalha de Ouro de Mérito Municipal a Frédéric Velge, escrevi uma pequena nota justificava da qual destaco os seguintes aspectos:

*"Frédéric Marie Joseph Velge (…) licenciou-se como Engenheiro pela Faculdade de Agronomia de Louvain e iniciou a sua actividade profissional nas minas de carvão Bonne Fin e Violette, em Liége.*

> *Foi uma experiência profissional de cinco anos naquela que, à altura, era considerada a actividade mais perigosa do mundo. Esse facto terá sido o suficiente para que seu Pai o considerasse com condições para assumir a responsabilidade pela gestão das Minas do Louzal, como Administrador Delegado.*
>
> *Admiração e respeito pela actividade dos mineiros terá sido o resultado dessa sua experiência em Liége, admiração e respeito que sempre estiveram presentes em todas as*

*atitudes e acções, realizadas durante a sua permanência no Louzal e em Canal Caveira entre 1958 e 1964.*

*Sob a gestão de Frédéric Velge, as Minas do Louzal registaram um progresso a todos os títulos notável.*

*Fez repartir parte dos ganhos de produtividade com os seus mineiros que viram os salários duplicar, passando a dispor de inúmeras estruturas de apoio e de regalias sociais de que até aí não usufruíam.*

*A existência do Louzal deve-se, por completo à Família Velge e, muito especialmente, ao empenho e amizade de Frédéric Velge, pela forma como adoptou aquela terra como sua.*
*(…) Esta incontornável personalidade deixou uma marca indelével na história do Louzal e do Concelho de Grândola"*.

Aquilo que então escrevi reflecte, apenas, o lado mais visível de uma personalidade marcante que muito contribuiu para a afirmação do Concelho de Grândola e para o momento ímpar que o nosso concelho está hoje a atravessar.

Tenho vindo a afirmar que, ao contrário dos nossos vizinhos, e por razões históricas e culturais, Grândola não necessitou de construir castelos para se defender, abrindo-se, deste modo, ao mundo e à diversidade. Fomos, desde sempre, uma terra que acolheu como seus aqueles que a escolheram e a quiseram fazer sua.

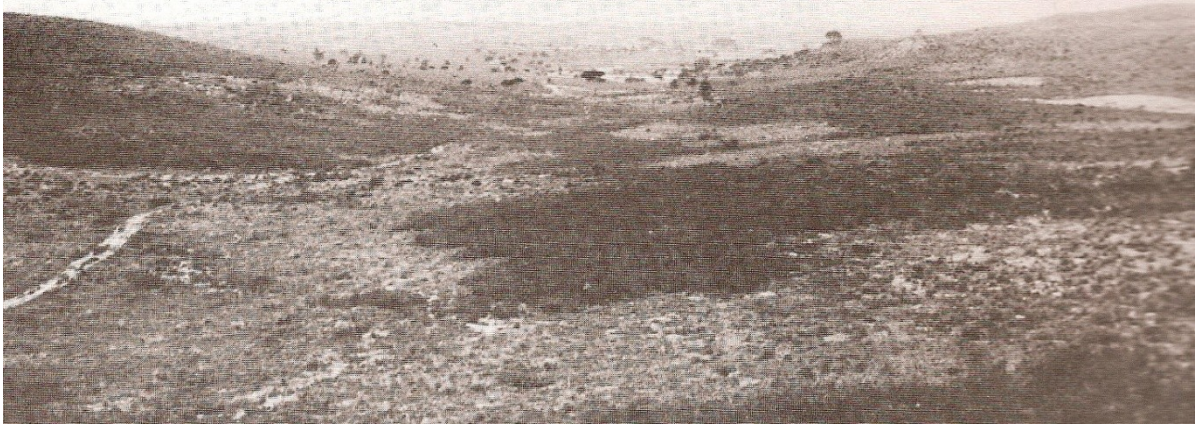
A nossa história colectiva confunde-se, em parte substantiva, com a história de alguns seres de excepção, os quais, com o seu trabalho, a sua determinação, as suas ideias e projectos, ajudaram a construir um Concelho que se orgulha do seu Passado e que, no Presente, constrói de modo sustentado e coerente um Futuro de progresso e oportunidades.

Frédéric Velge foi, indubitavelmente, um desses seres excepcionais a quem todos tanto devemos. Conhecê-lo, privar com ele em momentos inesquecíveis e ter podido partilhar uma amizade franca e verdadeira foi um privilégio e uma honra que irei guardar, não apenas na memória, mas no local exacto de todas as emoções. O exemplo da sua vida e da sua obra constituirão, para sempre, um

poderoso incentivo para as gerações actuais e futuras, e em particular para aqueles que, como ele, dedicam a sua existência ao serviço da causa maior do bem comum e do interesse colectivo.

Carlos Beato (Novembro 2007)

# Primeiros tempos



O dia 24 de Outubro de 2006 amanheceu plúmbeo. O céu descarregara uma forte chuvada sobre o vale do Sado fazendo transbordar a ribeira da Corona isolando do mundo a Aldeia Mineira do Louzal[2]. A aldeia agita-se com os preparativos para a primeira visita do Presidente da Republica. Poucos são os que se lembram que oitenta anos antes havia nascido Frédéric Velge, o obreiro que haveria de transformar este remoto local num moderno centro de produção mineira. Uma memória que hoje se mantêm bem viva através dum não menos ambicioso programa de recuperação da identidade da saga mineira.

---

[2] A Aldeia Mineira do Louzal pertence à Freguesia da Azinheira dos Barros e São Mamede do Sádão, concelho de Grândola, Distrito de Setúbal. Tem uma população residente de 734 habitantes (2001). O território apresenta várias marcas da ocupação mineira desde a idade do Bronze, nele se destacando o "*Castelo Velho do Louzal*", identificado por Leite de Vasconcelos em 1915, e vários "Tholoi", escavados e estudados pelos Serviços de Fomento Mineiro em 1956. Todos os vestígios arqueológicos se encontram em acentuado estado de degradação, abandono e ignorados pelas várias entidades públicas e privadas. O actual núcleo mineiro tem a sua génese em 1882, com o registo da concessão mineira a favor do Sr. António Manuel, abastado lavrador da região.

É em tributo à memória deste empresário mineiro e do seu trabalho que hoje se procura retratar o seu percurso como homem. Frédéric Velge viveu intensamente. Empenhou-se profundamente no seu trabalho legando uma obra notável de que a SAPEC é um exemplo. Senhor duma visão de futuro, soube em cada momento da sua vida fazer a aposta certa nos negócios certos. Rodeou-se dos melhores colaboradores, gente em quem depositava uma confiança ilimitada e que soube conduzir com mestria as forças criativas. Mostrou em cada momento um discernimento, uma capacidade de decisão e de assumir riscos que o tornam num exemplo para todos nos dias de hoje num mundo económico global e em rápida mutação.

O desafio aliciante que nos foi lançado pela Fundação Frédéric Velge para retratar o percurso biográfico deste empresário não foi fácil. Os registos documentais não abundam. A riqueza da vida e da obra do empresário Frédéric Velge estão dispersos por vários locais e, como é natural na vida empresarial, não são de fácil acesso. Optamos por isso por recorrer aos testemunhos da família e dos colaboradores mais próximos na tentativa de recolher o retrato, tão fiel quanto possível, da pessoa. Procuramos

sobretudo identificar o homem, a sua personalidade ao mesmo tempo que procuramos contextualizar os momentos cruciais da sua vida empresarial. Os seus objectivos e os seus resultados. Os momentos criadores do empresário.

A aldeia mineira do Louzal teve a sua origem na saga mineira. Os campos que bordejam o Alto Sado, com excepção de algumas várzeas, são áridos. Propícios à criação de gado e cortiça. A exploração do minério de pirite[3] vai, no final de oitocentos, atrair uma nova forma de povoamento. Contudo, é somente nos anos trinta, com a intensificação da actividade mineira, que a estrutura urbana se densifica. A chegada de Frédéric Velge e a implementação dum arrojado plano de inovação e aumento de produtividade da mina vai formatar nos anos 50 o núcleo urbano tal como hoje é visível.

A mineração é uma actividade pesada. As marcas deixadas nos territórios são muito fortes. O seu encerramento em 1988 e o consequente abandono das estruturas industriais vai acentuar a ruína e a degradação. Frédéric Velge, profundamente ligado a esta aldeia deixa as famílias mineira continuarem a habitar nas casas da mina. Contudo tal

não evita a profunda crise social.

O projecto de revitalização da aldeia, surgido pouco depois tem como grande objectivo a alteração do padrão de especialização territorial.

[3] A pirite é uma rocha metamórfica constituída essencialmente por Sulfureto de Ferro ($S_2Fe$). A pirite pode ainda conter outros minerais metálicos tais como Cobre (Cu), Zinco (Z) Ouro (Au) entre outros

Frédéric Velge, em mais uma das suas obras empresariais, procura perpetuar a memória da saga mineira através de novas actividades económicas. A solução era investir no turismo e no lazer. Museografar as estruturas industriais, divulgar a cultura mineira eram os suportes e conteúdos essenciais para diferenciar a nova actividade económica.

Quando Frédéric Velge faleceu, em 20 de Outubro de 2002, no seu castelo de Folembray, em França, rodeado pelos seus filhos e netos, havia já visto os primeiros passos deste projecto e deixava em legado uma vida profundamente vivida no mundo dos negócios. Tinha sobrevivido num mundo em acelerada mudança. Tinha herdado uma

empresa de base industrial, feita pelo pai e pelo avô e que participara na reconstrução europeia. Deixou aos seus herdeiros uma empresa que tinha operado uma das mais interessantes reconversões da sua base de especialização, e que tem enfrentado com sucesso os desafios da globalização. Deixou esse magno desafio à sua Aldeia Mineira do Louzal; Na senda do que foi a sua vida, esta se quiser sobreviver, será capaz de se adaptar aos novos tempos da história?

verdes anos

Numa manhã ensolarada de 1924 um carro percorre a estrada de macadame, chamada da Graça, bordejando o rio Sado em direcção ao sol nascente. No seu interior, os Srs. Frédéric Jacobs, banqueiro de Antuérpia e Antoine Velge, seu genro, visitam a Herdade das praias. Procuram uma localização para concretizar a instalação das unidades industriais de transformação do minério das planícies do Sul.

A localização desta propriedade com cerca de 400 hectares, arenosa, a 7 km da então cidade conserveira de Setúbal, com acesso ao rio e à recém construída linha de caminho-de-ferro do vale do Sado, cumpria os requisitos essenciais. Boas comunicações por caminho-de-ferro[4] com as fontes de matérias-primas e acesso fácil ao mar e aos portos

[4] A Linha do Vale do Sado começa a ser construída em 1911, e vai ligar o Barreiro à Funcheira, entroncado aí com a linha do Alentejo. A ligação de Lisboa às planícies do Sul e ao Algarve fazia-se pela linha do Alentejo, concluída em 1873. As dificuldades técnicas da travessia do Estuário do Tejo levaram a que as ligações ao Sul se fizessem por Setil, Muge, Coruche, Vendas Novas, seguindo pelo interior até Beja, Castro Verde e Ourique. Era uma linha que servia sobretudo o escoamento das produções cerealíferas que a partir da segunda metade do século XIX passam a caracterizar a produção agrícola nas planícies do Sul. A produção de fosfatos acompanha esse surto agrícola. Os fosfatos eram obtidos a partir da exploração mineira. A construção da linha do Vale do Sado, que passa a servir as minas de pirite da Caveira, Louzal e Aljustrel insere-se nesta dinâmica económica. A linha é construída de Sul para Norte, chegando ao Louzal e 1923 com a construção das duas pontes sobre as ribeiras da Corona e de Espinhaço de Cão. Em 1925, com a construção da ponte sobre o rio Sado em Alcácer do Sal fica concluída a ligação a Setúbal

do norte da Europa, em particular à região mineira do norte da França e da Bélgica e mão-de-obra abundante com experiência industrial. O negócio com Henrique Augusto Pereira, abastado proprietário fica apalavrado.

Em 1923 Frédéric Jacobs tinha adquirido uma importante participação na "Société Anonyme Belge des Mines de Aljustrel" o que lhe permitiu assumir uma representação no Conselho de Administração da mina alentejana. A partir dessa participação Frédéric Jacobs terá começado a pensar no alargamento dos seus negócios financeiros através da exportação da pirite. Para isso necessitava de transportes, dum local para armazenar o minério e um cais para o exportar. A herdade das praias cumpria essas exigências.

Em 1925 a herdade das praias começa e ser utilizada para receber o minério de pirite. Nela é instalada uma oficina de fragmentação que granulava a pirite a 0/12 mm e que posteriormente era exportada para as fábricas no Norte da Europa

Por essa época tanto Frédéric Jacobs como Antoine Velge residiam essencialmente em Bruxelas. Frédéric será o primeiro presidente da SAPEC, que manterá até ao seu falecimento em 1946. Antoine era na época um homem de vinte e cinco anos[5], pai de dois filhos. Berthe e Pierre-Bernard.

Em 24 de Outubro de 1926 nasce em Bruxelas o seu terceiro filho, a quem dará o nome Frédéric, talvez em homenagem ao seu sogro.

[5] Antoine Velge nasce em 1901, em Bruxelas. É o sexto filho de Charles Velge (1858-1913) e Berthe Lenoir (1869-1927). Neto Paterno de Jean-Baptiste Velge (1800-1882) e Rosalie Prieels (1818-1894). Sobre a família editou-se "Les Velge" Casou-se com Alice Jacobs em 1921

Terá ainda mais dois Marc e Cécile. Frédéric passará os primeiros anos da sua vida na Bélgica.

Com a consolidação da primeira fase do seu projecto de investimento: a exportação de pirite. Frédéric Jacobs e Antoine Velge começam a preparar a segunda fase do seu projecto. A produção de adubos.

A 21 de Janeiro de 1926, é firmada no cartório notarial do Sr. André Taymans, em Bruxelas a escritura de constituição da "Société Anonyme de Produits et Engrais Chimiques du Portugal", sociedade de direito belga, que passará a ser conhecida por SAPEC. É esta sociedade que passará doravante a explorar a herdade das praias[6].

A produção de adubos permitia acrescentar valor às exportações. Para produzir adubos era necessário acrescentar aos sulfuretos obtidos a partir da pirite a fosforite. A fosforite era abundante em Marrocos e podia ser comprada e facilmente transportada por mar até à Herdade das Praias, em Setúbal. Além disso era necessário construir uma unidade industrial de fabricação dos adubos

A construção da fábrica de adubos na Herdade das Praias, em 1926 e a construção do cais de estacada BEER em Setúbal concretiza esse projecto e consolida os investimentos da família em Portugal. Inicia-se aí um processo que passará pela construção de diversas unidades industriais a permitir à SAPEC afirmar-se como uma das principais empresas de produção de adubos em Portugal.[7]

---

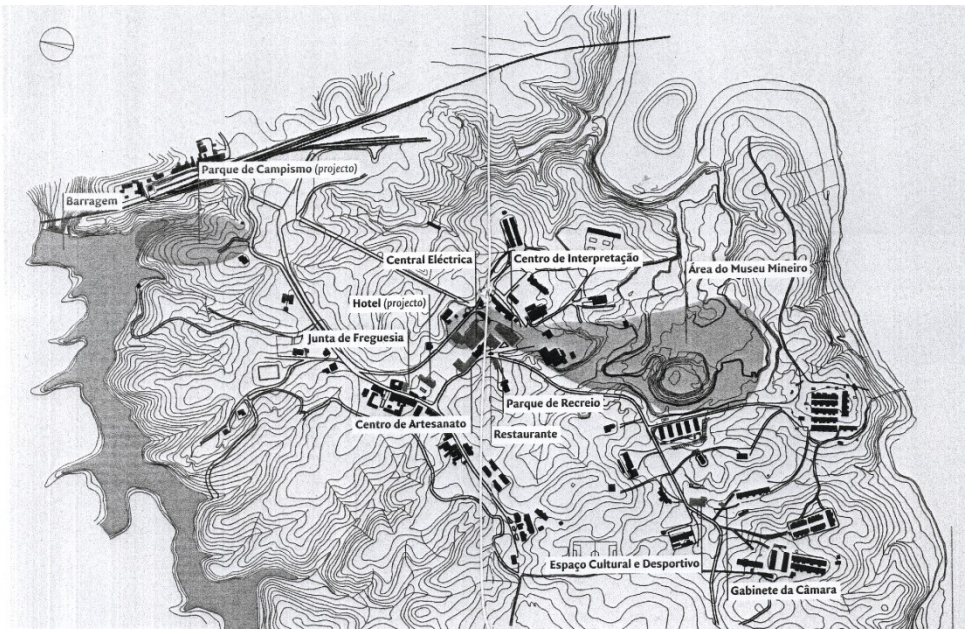
[6] Em 1926 a SAPEC compra à SA Belge dês Mines de Aljustrel 60 ha. Da Herdade das Praias. Somente em 1933 serão adquiridos os restantes 423 hectares

[7] O processo químico da produção de adubos passava por adicionar água que dissolvia os sulfuretos ($S_2$+ $H_2O$ = $H_2SO_4$) com a adição da Fosforite obtinha-se Ácido Fosfórico e Superfosfatos Simples (0-18-0). Posteriormente a SAPEC passará a produzir Granulados, Superfosfatos e Adubos complexos

Com o crescimento da actividade da SAPEC aumenta a exigência a permanência dos seus responsáveis em Portugal. Compram a quinta d' Ayres, uma antiga casa conventual do século XVIII que constituirá a sua residência em Portugal e a Quinta do Anjo em Palmela.

> "As duas Quintas, foram compradas em 1926 ou 1928 por aí, pelo meu avô Antoine, que vivia na Quinta de Aires. A Quinta do Anjo era onde estavam os cavalos" (Antoine Velge)

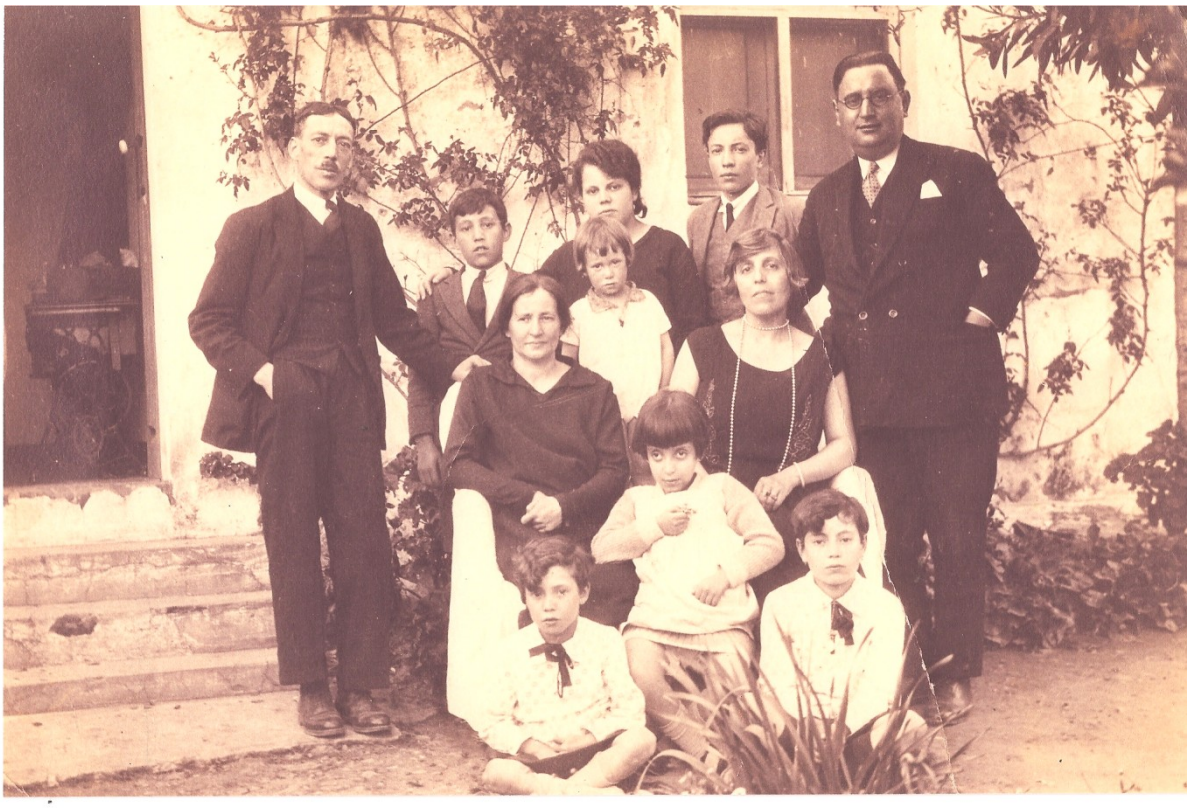
Com a posse da totalidade da Herdade das Praias em 1933 aumenta a área disponível para a produção e




armazenagem industrial. Em 1936 alargam os seus investimentos em Portugal comprando à Sociedade de Minas de Aljustrel 40 % da Sociedade "Mines et Industrie" situadas no Louzal e as participações da sociedade britânica "A. White Crookston", na Caveira. As minas da Caveira eram uma antiga mina explorada desde o tempo dos romanos. Na altura estava parcialmente esgotada. Na altura pensava-se que existiriam jazidas de cobre ainda não conhecidas. Era uma propriedade de cerca de 124 hectares com uma bela mansão.

Nesse mesmo ano compra mais 17 % das acções da Mines & Industrie, passando a deter a maioria do capital nas minas do Louzal[8]. Esta situação marca a crescente autonomia das unidades industriais da SAPEC em Setúbal em relação ao centro de produção de Aljustrel. Doravante a política de produção mineral poderá ser ajustada às necessidades de produção das respectivas unidades industriais em Setúbal.

[8] A restante parte do capital será adquirida em 1960



Em França compram, em 1937, o castelo de Folembray[9], onde se realizará regularmente o "rallye nomade", reunião magna de caçadores de veado.

Dos primeiros anos da vida de Frédéric e dos seus irmãos temos poucas informações. Tiveram uma vida normal das crianças da sua idade, frequentando a escola. O seu pai Antoine passaria longas temporadas em Portugal a cuidar dos seus negócios.

O eclodir do conflito europeu em 1939, a ocupação da Bélgica e do norte da França pelas tropas alemãs vêem perturbar a rotina familiar.

> "O meu sogro, Antoine Velge, já tinha uma certa idade, mas mesmo assim quando se aproxima a guerra ele vai para a Bélgica. Em 1940 os alemães entraram na Bélgica. A Bélgica tentou resistir aos alemães. Não muito. Ele foi para lá mas a sua mulher e os cinco filhos vieram para Portugal. Eu parti para casa do meu avô na Bretanha. Eles estiveram aqui de 1940 a 1945, depois regressaram à Bélgica." (Madame Velge)

Os sucessivos relatos das atrocidades cometidas, a instabilidade vivida haviam levado Antoine Velge a escolher a Quinta de Ayres em

[9] Folembray é anagrama de Lambrefaut. A história deste castelo e do Conde de Lambrefaut foi vertida para uma novela por Paul Vialar

Setúbal para acolher a sua mulher e os seus cinco filhos. Não sabemos se essa terá sido a primeira viagem de Frédéric, então com 13 anos, e os seus irmãos a Portugal. Sabemos que aí passaram os anos de guerra afastados dos grandes problemas da Europa.

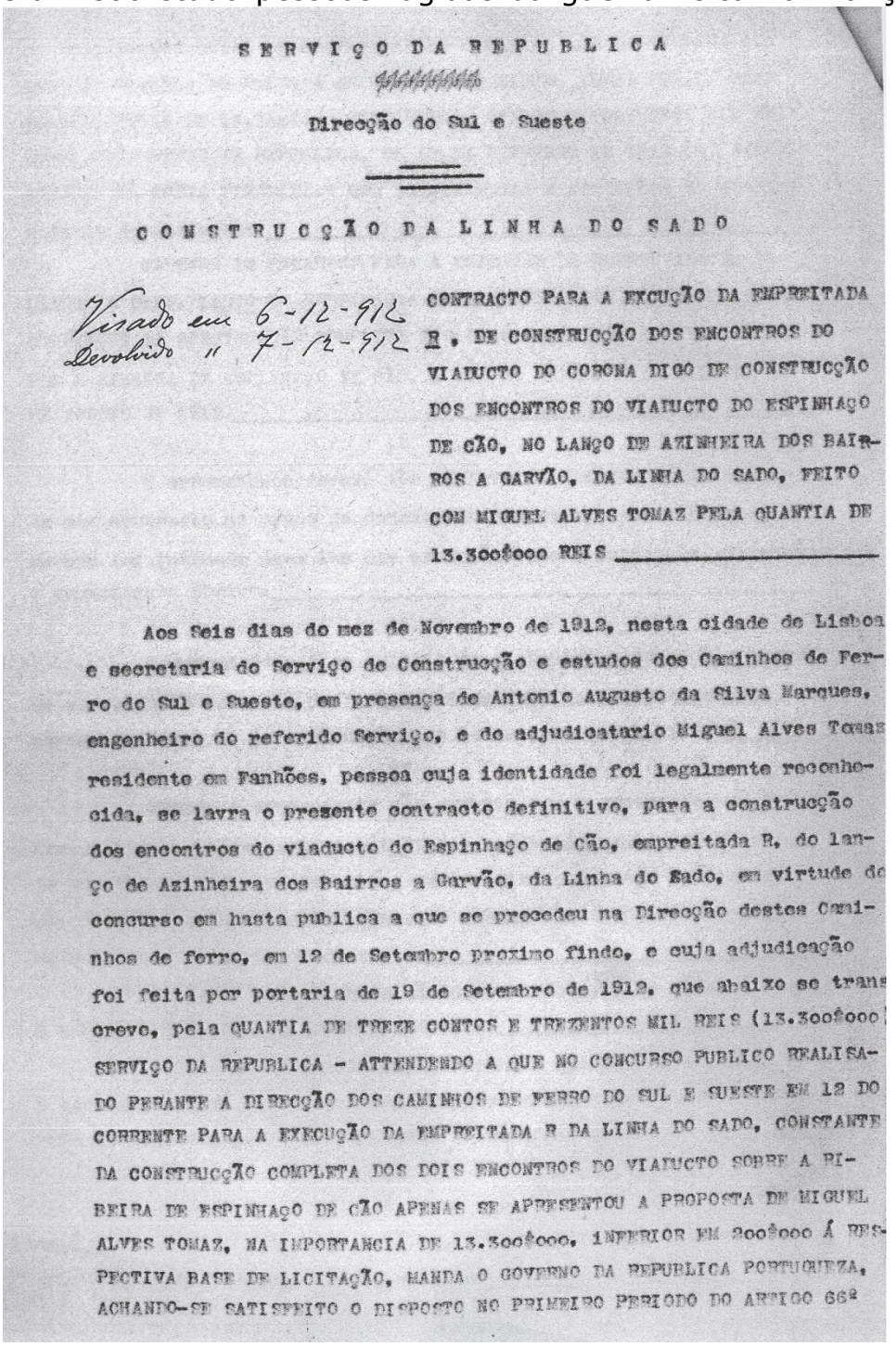
> *"Durante esse tempo o meu marido (Frédéric Velge) estudou na Escola Francesa de Lisboa, no Lumiar. O Liceu Francês de Lisboa só surge mais tarde. Aí o meu marido estudou dos 14 aos 18 anos com os meus cunhados Berthe, Marc e Cécile. (Madame Velge)*
>
> *"Bem durante a guerra o meu pai (Frédéric Velge) esteve primeiro na Bélgica e depois em Portugal. Ele nasceu em 1926 e nessa altura esteve cá em Portugal. Vivia na Quinta de Aires. Temos uma fotografia em que ele está a passear na Serra da Arrábida com a irmã Berthe" (Antoine Velge)*
>
> *"Isto é um passeio na Serra da Arrábida. Ela estava a cavalo e ele levava o cavalo. Vê-se perfeitamente aquelas petalazinhas lá da parte da serra. Eles viviam lá em Aires e passeavam por ali."* (Antoine Velge)

É durante este período da guerra que Antoine Velge parece assumir um protagonismo maior na SAPEC que culminará com a sua subida à presidência da empresa. O seu sogro Frédéric Jacobs com uma idade avançada, apoquentado pela doença e pela guerra, vem a falecer em 1946[10], em Clabecq, na Bélgica. Antoine, mais presente em Portugal conduz os negócios com mestria e começam-se a evidenciar algumas

[10] Com o falecimento de Frédéric Jacobs, a sua herança é repartida. A parte accionista na SAPEC é legada a sua filha A. Jacobs casada com Antoine Velge e a parte accionista do grupo "Pont Brulé é legada à sua irmã Mme Van den Bosch. A partir dessa data o Sr. Paul Van Den Bosch, seu filho, assume a representação deste grupo no capital na SAPEC. Este grupo ainda detinha participação no capital das minas de Aljustrel

características que marcam a intervenção da Família Velge na comunidade.

A história da guerra foi mais uma complicação. O meu avô (Antoine Velge) esteve envolvido na segunda guerra mundial. Embora não fosse militar, já tinha uma certa idade naquela altura, mas viu o que a guerra representou para muitas famílias. Mesmo a família dele ficou dividia entre o norte e o sul de França. E o meu avô, através aqui da SAPEC, fazia tudo o que podia fazer para ajudar as pessoas fugidas da guerra… não era tanto do regime nazi, eram sobretudo pessoas fugidas da guerra física na Franç



SERVIÇO DA REPUBLICA

Direcção do Sul e Sueste

CONSTRUCÇÃO DA LINHA DO SADO

Visado em 6-12-912
Devolvido " 7-12-912

CONTRACTO PARA A EXCUÇÃO DA EMPREITADA R, DE CONSTRUCÇÃO DOS ENCONTROS DO VIADUCTO DO CORGNA DIGO DE CONSTRUCÇÃO DOS ENCONTROS DO VIADUCTO DO ESPINHAÇO DE CÃO, NO LANÇO DE AZINHEIRA DOS BAIRROS A GARVÃO, DA LINHA DO SADO, FEITO COM MIGUEL ALVES TOMAZ PELA QUANTIA DE 13.300$000 REIS

Aos Seis dias do mez de Novembro de 1912, nesta cidade de Lisboa e secretaria do Serviço de Construcção e estudos dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em presença de Antonio Augusto da Silva Marques, engenheiro do referido Serviço, e do adjudicatario Miguel Alves Tomaz residente em Fanhões, pessoa cuja identidade foi legalmente reconhecida, se lavra o presente contracto definitivo, para a construcção dos encontros do viaducto do Espinhaço de Cão, empreitada R, do lanço de Azinheira dos Bairros a Garvão, da Linha do Sado, em virtude do concurso em hasta publica a que se procedeu na Direcção destes Caminhos de ferro, em 12 de Setembro proximo findo, e cuja adjudicação foi feita por portaria de 19 de Setembro de 1912, que abaixo se transcreve, pela QUANTIA DE TREZE CONTOS E TREZENTOS MIL REIS (13.300$000) SERVIÇO DA REPUBLICA - ATTENDENDO A QUE NO CONCURSO PUBLICO REALISADO PERANTE A DIRECÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO DO SUL E SUESTE EM 12 DO CORRENTE PARA A EXECUÇÃO DA EMPREITADA R DA LINHA DO SADO, CONSTANTE DA CONSTRUCÇÃO COMPLETA DOS DOIS ENCONTROS DO VIAUCTO SOBRE A RIBEIRA DE ESPINHAÇO DE CÃO APENAS SE APRESENTOU A PROPOSTA DE MIGUEL ALVES TOMAZ, NA IMPORTANCIA DE 13.300$000, INFERIOR EM 300$000 Á RESPECTIVA BASE DE LICITAÇÃO, MANDA O GOVERNO DA REPUBLICA PORTUGUEZA, ACHANDO-SE SATISFEITO O DISPOSTO NO PRIMEIRO PERIODO DO ARTIGO 66º

a e na Alemanha e que passavam por Espanha. E como em Espanha, não podiam sair para Inglaterra, entravam em

Portugal. E então, em Portugal, procuravam alguém que os ajudasse. Eu acho que isso foi feito mais como uma ajuda às pessoas. As famílias portuguesas não sentiam muito a guerra, mas quando o meu avô e a minha avó falavam ao telefone (não sei se naquela altura se falava muito ao telefone), mas quando recebiam cartas duma irmã que vivia na Bélgica e duma outra que vivia em França e que contavam história horríveis, não podiam ficar indiferentes. Mas eu penso que aí foi mais uma ajuda natural. Dizer se eu posso ajudar…aliás como foi com as pessoas que durante a guerra ajudaram os judeus.” (Antoine Velge)

**Société Anonyme Belge des Mines d'Aljustrel**

ALJUSTREL (Portugal)

Aljustrel le 22 Janvier de 1925

Monsieur A. Velge

Lisbonne

Monsieur Velge,

Nous avons l'honneur le vous communiquer le texte du télégramme que nous venons de recevoir du Siège:

"Santiria oui pour 300 tonnes exception"

Contrat Louzal. Nous vous remettons en annexe 2 copies des contrats de l'achat de la mine du Louzal et les copies de la correspondance échangée avec la maison Burnay, concernant les stock de Barreiro.

Veuillez agréer, Monsieur Velge, nos salutations empressées.

*"Foi sobretudo um comboio em 1943 que veio, só com homens. Eram resistentes que não queriam participar na guerra ao lado de Hitler e que se queriam juntar às forças aliadas. Foi um comboio que partiu de Miranda e chegou ao cais da SAPEC onde havia barcos ingleses que os*

*esperavam. Franco e Salazar não queriam que isso se soubesse." (Madame Velge)*

Mas não foi só durante o tempo de guerra que a vocação de mecenas de Antoine Velge se fez sentir[11]. Durante a sua presidência na SAPEC são várias as actividades de apoio à comunidade a que se dedica.

*"O que levou o meu avô Antoine a fazer tantas coisas em Setúbal foi muito dentro duma política de retribuição, e que eu acho que é razoável: "-Eu sou estrangeiro nesta terra, eu nasci na Bélgica e fui acolhido por Portugal, por Setúbal; consegui fazer uma empresa, enfim enriquecer aqui, e tenho que dar alguma coisa de volta à comunidade que me recebeu", que foi Portugal e em particular Setúbal. Eu vejo muito a política do meu avô dentro do: Eu recebi X tenho que devolver Y. Mas tenho que devolver para ajudar.*

[11] Para além da autorização da utilização do cais da SAPEC na Herdade das Praias em Setúbal para embarque de refugiados do campo de concentração de Miranda del Ebro, sabemos que Antoine Velge doou à Caritas Internacional um barco mercante de 3.000 toneladas, o "Frédéric", para o transporte de víveres para os prisioneiros dos campos de concentração. Este barco foi afundado em 1947 quando transportava um carregamento de conservas portuguesas na Holanda (BARROSO, António, História da SAPEC, 1996, p.19)

*Eu gosto que isto fique claro, ele queria repartir uma parte da sua riqueza para ajudar as pessoas que dela necessitavam. Não temos que ir mais longe do que isso, não precisamos de dizer que era filantropo, que também não foi." (Antoine Velge)*

Uma frase que é atribuída a Antoine Velge "Le moitié de mon coeur est portuguais"[12], ilustra bem o carinho que sentia pelas terras e pelas gentes de Portugal.

*"Vou-lhe contar uma história do Sr. Antoine presidente sobre o Hospital de Setúbal, o hospital de São Bernardo. O Busto que lá está à porta é o do Sr. Antoine Velge. É um agradecimento dos donativos feitos para equipar uma parte desse hospital. Foi O irmão mais velho do Sr. Frédéric, Bernardo, ficou muito doente na quinta de Aires, onde ele habitava quando estava em Portugal. Ele acabou por falecer em 1954, com 29 anos[13]. Nessa altura em Setúbal não havia ainda equipamentos para tratar as doenças pulmonares. Ele então deu um donativo para equipar o hospital. Tal como deu um donativos para outras coisas. Por exemplo ao clube da cidade, o Vitória de Setúbal, para construir parte do pavilhão desportivo*[14].

---

[12] op. cit, p.17

[13] Quando em 1953, depois de vários adiamento, foi criado Hospital Regional de Setúbal, com o objectivo de assegurar a assistência médica, cirúrgica, serviços de urgência e diversas especialidades clínicas. Antoine Velge contribui com o valor de 800.000 € (23 % do custo total). Este donativo foi decisivo para o arranque das obras de construção. O Hospital virá a ser inaugurado pelo Presidente da República em 1959 e tomará o nome de São Bernardo, em memória do filho mais velho, Bernard, que havia tido diversos problemas pulmonares e que acabou por falecer em França em 1954. Em 1971 será inaugurado o Busto do mecenas na entrada principal do Hospital

[14] O contributo para o Pavilhão Antoine Velge, na cidade de Setúbal foi efectuado em 1982 por Marc Velge, irmão de Frédéric, que assim quis homenagear a memória de seu Pai

E os exemplos multiplicam-se.

*Olhe, eu lembro-me de um dia de ir com o Sr. Antoine Velge ao forte de São João do Estoril onde era a residência de Férias do Presidente da Republica. Nessa altura quem era o Presidente da República era o Almirante Américo Thomáz. Eu fui lá porque o Sr. Antoine Velge foi lá levar uma carta ao presidente da Republica. Carta essa que era um donativo para a construção de casas para gente pobre*

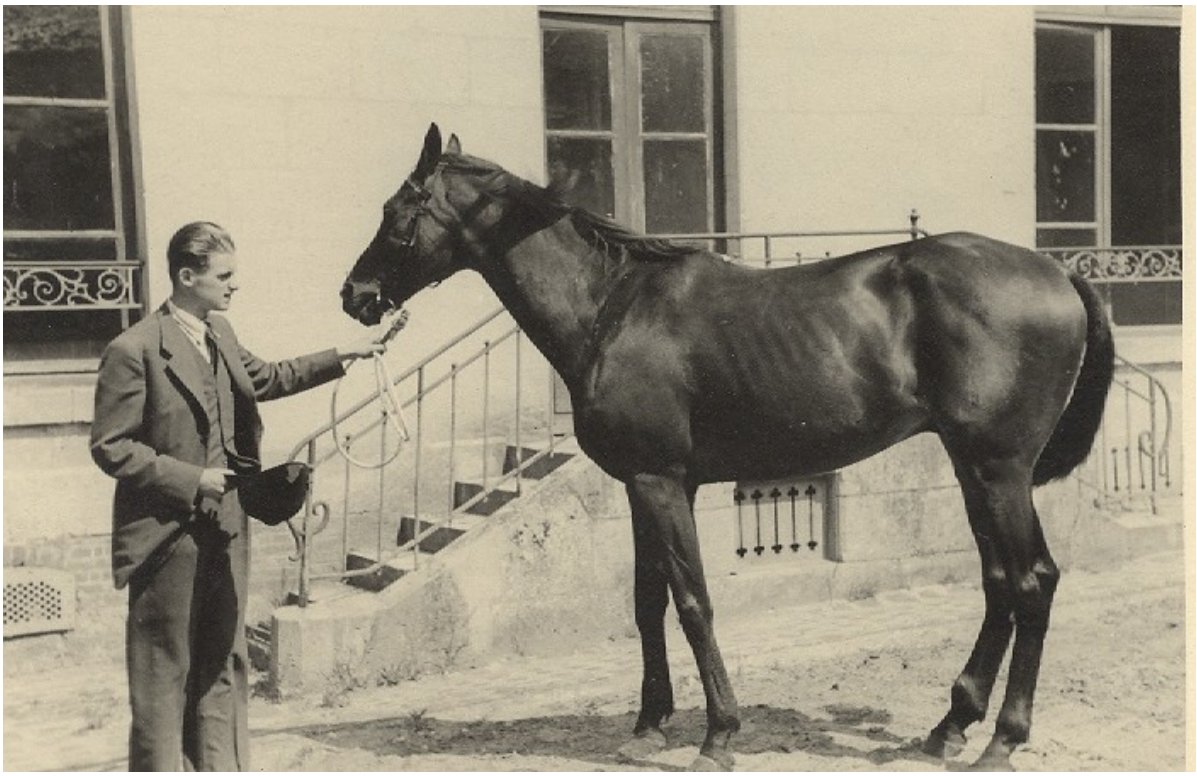
*no bairro dos Olivais, em Lisboa, ao pé do*

*aeroporto. O Sr. Antoine Velge pai, que era um homem de mãos largas deu um donativo ao Presidente da República para esse bairro. Não sei quanto foi, mas sei que foi um donativo, eu nessa altura estava lá*." (José Henrique Semeão)

Regressada a paz ao continente devastado pela guerra, o núcleo familiar da família Velge regressa. Passam a residir na Bélgica com passagens por Folembray no Norte da França, enquanto os negócios prosperam em Portugal.

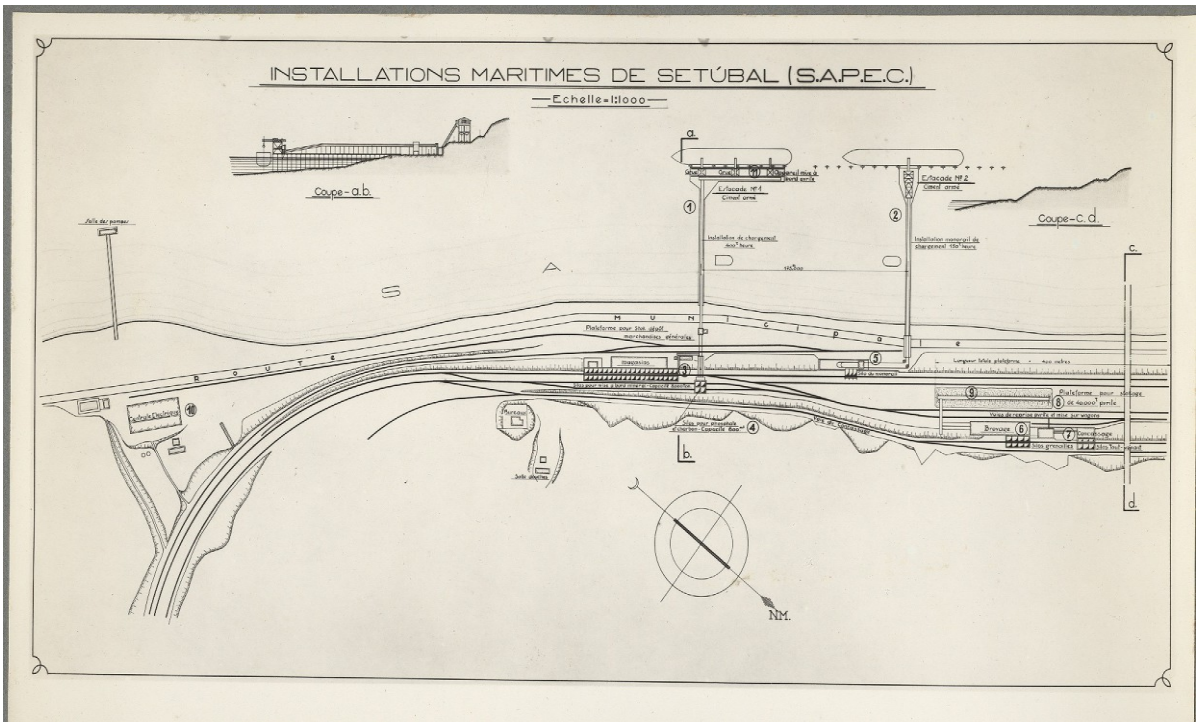
> *Nascemos todos na Bélgica e fizemos os estudos todos na Bélgica. Só passamos aqui algum tempo durante a guerra em 1945. Depois regressamos à Bélgica. Eu nasci em 1929 e estudei Direito em Louvain e Liége. O meu irmão era mais velho e estudou engenharia florestal, mas começou a trabalhar nas minas de carvão do Norte da França*" (Marc Velge)

Terminada a sua fase de estudos, Frédéric inicia a sua vida profissional. O seu curso de engenharia florestal terá tido pouca utilidade já que em 1954 ele está a trabalhar nas minas de carvão de Liége, na Bélgica, provavelmente onde haverá interesses financeiros da sua família.



"Depois de terminar os estudos foi trabalhar, cerca de 8 anos nas minas do Norte da França, entre 1948 e 1954-55. Na altura eu tinha 12 anos, mas sei que eram umas minas de grande importância em Pais-de-Calais. Era na bacia mineira do norte de França. Aí ele trabalhou como mineiro. Descia todos os dias à mina. Em França nós temos duas bacias mineiras. O Norte e a região de Lorraine. No norte nós temos dez ou quinze centros mineiros.

Depois, entre 1954 e 1958, o meu marido foi trabalhar na Bacia Mineira de Liége. As minas eram propriedade da família e exploravam antracite de elevada qualidade. Nessa altura existiam 4 minas: Batterie, Bonne Esperance, Bonne Fin e Violette. Estas minas tinham 900 metros de profundidade e irradiavam por debaixo da vila." (Madame Velge)




Nesse mesmo ano. Com pouco mais de 28 anos, numa visita à sua família em França, Frédéric conhecerá a Mayalen Thierry, uma jovem francesa de vinte anos, amiga da sua irmã Cécile. Dois anos depois passará a ser a Madame Velge, uma presença e um apoio constante ao longo da sua vida

*"Eu sou francesa. Nasci em Pais-de-Calais em 7 de Março de 1934. Conheci o Frédéric em França, em 1954. Eu era amiga da sua irmã Cecile e tinha ido passar uns dias com*

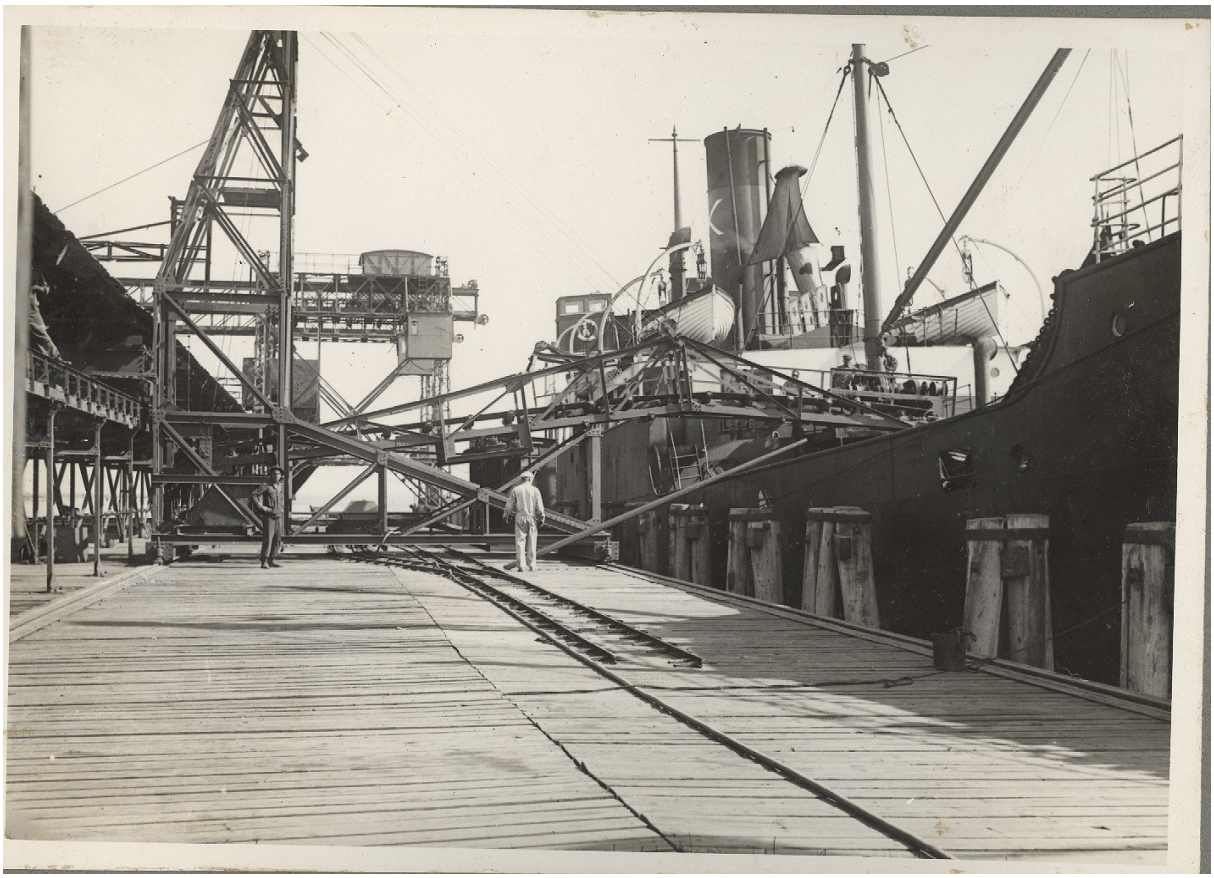
*ela a Folembray. Ele era uma pessoa muito solitária, muito sozinha. Ele já era um apaixonado pelo trabalho. Na altura ele trabalhava nas minas de carvão de Liége, na zona de Charleroi no Sul da Bélgica. Era um trabalho muito duro, onde ele trabalhou durante 4 anos. Dois anos depois, em 1956, casamos. Eu tinha 22 anos e o Frédéric 30 anos*." (Madame Velge)

E durante os dois anos seguinte o jovem casal irá criar a sua rotina familiar. É ainda nesse período que conhecerá um jovem alemão que rapidamente se tornará seu grande amigo e que será um colaborador decisivo na sua actividade mineira: o Eng. Günter Strauss

"Eu nasci em 9 de Maio de 1935 em Neu-Ulm. Mais tarde a minha família mudou-se para Nördlinge, na Alemanha. O meu pai era engenheiro electrofísico. Essa era na altura uma região essencialmente agrícola, não tinha nada a ver com minas. Eu tive sempre um grande interesse pelas ciências naturais. Na escola as técnicas e a matemática eram as minhas áreas preferidas. Na altura lembro-me que gostava de investigar no laboratório. Gostava sobretudo de fazer coisas que os outros não faziam. Depois da escola entrei na Universidade Técnica de Munique para estudar Ciências em 1954. Aí decidi escolher estudar Geologia Mineira na Escola de Minas em Clausthal.

Foi nessa altura que eu, por acaso, vim a Portugal e entrei em contacto com a SAPEC. Na Universidade de Munique, para concluir a licenciatura era necessário ter um determinado tempo de prática nas empresas. Estávamos então no Verão em 1956 e para concluir os meus estudos precisava de estudar um caso. Eu decidi estudar zonas que eram pouco concorridas na Alemanha. Tinha a opção de ir para a Suécia ou para Espanha. Bem, nessa altura não tinha bem a noção de que na península Ibérica haviam dois países, o que eu sabia era que na Península Ibérica existiam as maiores jazidas de volfrâmio da Europa. As minas da Panasqueira eram na altura as maiores minas de volfrâmio. Bem, então no programa dos estudantes dizia que havia uma mina de Volfrâmio no Louzal. E eu decidi-me por estudar esse caso. Apanhei o comboio até Portugal, e desembarco em Lisboa num belo dia de verão. Nunca mais me esqueço daquele dia luminoso com o rio Tejo ao fundo. Nessa altura eu devia ter uns 21 anos e fui bater à porta da SAPEC, na Rua Vítor Cordon. Aí, descobri que afinal no Louzal não havia nenhuma mina de volfrâmio, mas sim de Pirite. Ora eu não tinha grandes conhecimentos sobre as pirites, e achei que era uma boa alternativa para o meu estágio. Precisava de fazer mais um semestre de praticas sobre um caso.

*Nessa altura, na SAPEC, não me deixaram ir trabalhar na mina do Louzal. O engenheiro dizia que isso de me ir misturar com os mineiros ia dar um série de problemas e tal… Nessa altura em Portugal os mineiros eram gente muito pobre e o trabalho da mina muito pesado. No Louzal era quase tudo feito à mão, à força de braços. Bem, eu lá insisti na minha ida para o Louzal e então o engenheiro sugeriu que fosse fazer trabalhos topográficos e de prospecção. E assim foi. Passados poucos dias desembarco na estação do Louzal e fico a viver na "Casa da Recepção". Durante dois ou três meses percorro toda aquela zona e faço um mapa rudimentar de geologia. Ora nessa altura já havia a casa da Caveira, onde um professor da Universidade Livre de Bruxelas, o Professor De Fontier, que vinha regularmente ao Louzal, estava a passar uns dias com Antoine Velge. Ele passava o tempo entre Lisboa, a França e a Bélgica. Bem ele viu o meu trabalho e no dia anterior ao meu regresso à Alemanha mandam-me chamar à Caveira para falar com ele. Começou aí uma amizade para toda a vida. Nessa altura não pensava em vir trabalhar para a indústria. Eu pensava em prosseguir a minha carreira na universidade dedicando-me à investigação.*

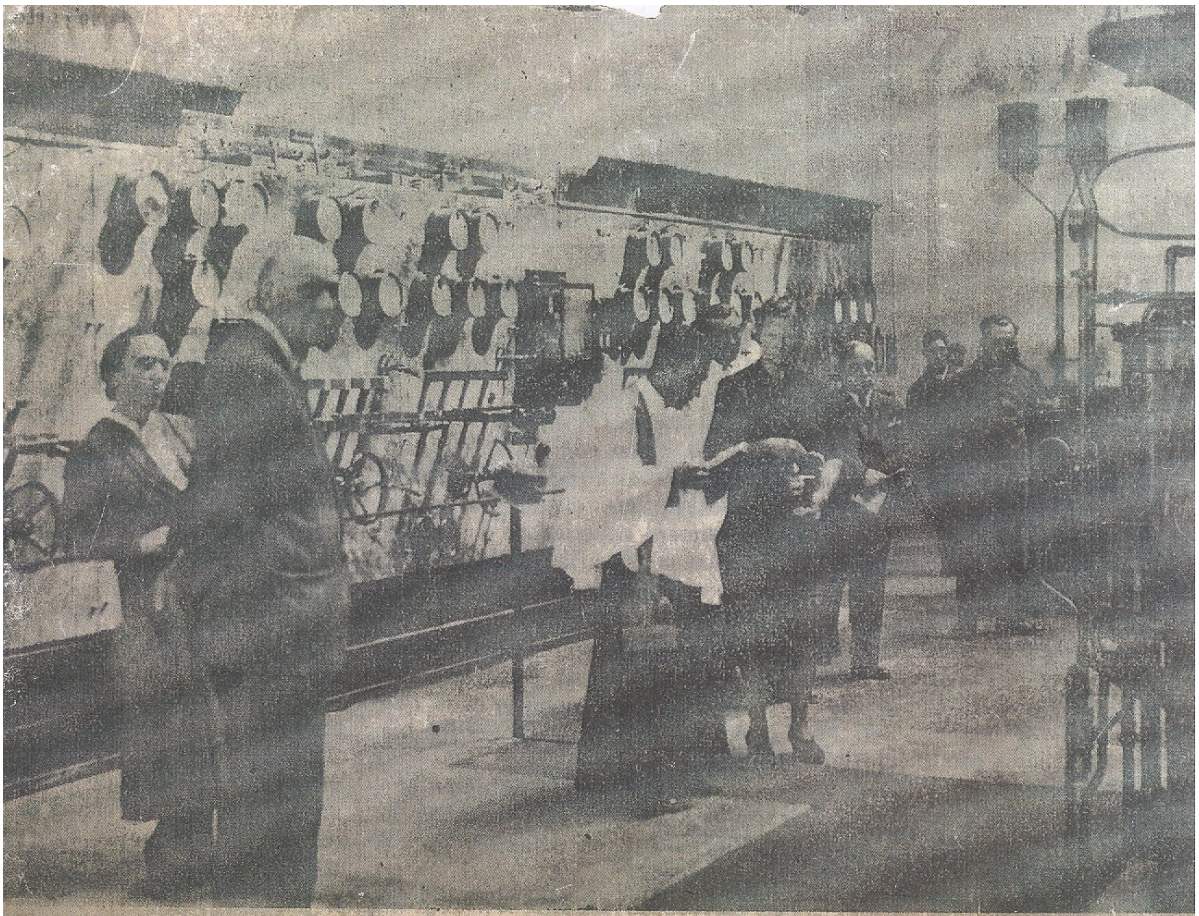


*O Professor Fontier prometeu falar com o Sr. Velge para ver a possibilidade de eu ir fazer um estágio para as Minas da Panasqueira. Só que nessa altura, como eu era alemão, não me aceitaram na Panasqueira. Então, como alternativa, o Sr. Antoine Velge convida-me para ir para as minas de carvão em Liége. E assim foi, eu vou passar vários meses a Liége.*

*Foi aí, devíamos estar na primavera de 1957, que pela primeira vez conheço o Sr. Frédéric Velge. Ele era na altura um homem muito envolvido no seu trabalho. Já tinha casado com a Madame Velge e o seu primeiro filho havia acabado de nascer. Bem, nessa altura ficamos logo grandes amigos e tivemos grandes conversas sobre os processos de exploração mineira. Pouco a pouco o meu interesse pelas pirites foi aumentando. As pressões que Antoine Velge me ia subtilmente fazendo foram surtindo efeito e decidi fazer a minha tese de licenciatura sobre o Louzal. E foi assim que a geologia da pirite passou a fazer parte central das minhas investigações técnicas e científicas" (Günter Strauss).*

É durante esse período que o Pai, Antoine Velge, lança ao filho o Frédéric um desafio. Vir trabalhar com ele em Portugal a acompanhar as minas do Louzal, onde segundo as prospecções efectuadas havia

condições de desenvolver a exploração o processo de exploração das pirites. Em 1958, Frédéric, Mayalen, o filho Antoine, nascido em 2 de Janeiro de 1957, e Caroline, nascida a 20 de Outubro desse ano, mudam-se para Portugal e instalam-se no Palácio da Caveira a oito quilómetros do Louzal.



O Rev. Dr. Mario de Carvalho, benzendo a Geradora Electrica das Minas do Louzal.

os anos das pirites

Aos 32 anos de idade Frédéric ao aceitar o desafio do pai Antoine de vir

para Portugal, sabe que a sua vida se vai alterar profundamente. Muda-se com a esposa Mayalene e os filhos Antoine e Caroline. Tem objectivos muito definidos. O seu trabalho é acompanhar de perto os investimentos da SAPEC na Aldeia Mineira do Louzal. Ficam a residir no palácio da Caveira, e Frédéric dará início a um período de intenso trabalho e de grandes recompensas, quer do ponto de vista familiar quer profissional.

> *"Bom o meu marido era completamente apaixonado pelo seu trabalho. Ele quando vem para a mina do Louzal já tem a experiência de oito anos de trabalho nas minas de carvão da Bélgica. Ele descia todos os dias à mina para acompanhar os trabalhos E foi essa experiência que lhe*

*permitiu mudar os métodos de exploração da mina do Louzal. Ele pensou em tudo antes de alterar os métodos porque tinha essa experiência*.

Os investimentos na mina de Louzal haviam começado alguns anos antes. Com o apoio dos Serviços de Fomento Mineiro, tinham-se procurado novas massas e novos locais de exploração mineira. Os trabalhos e os métodos que o jovem geólogo alemão tinha aplicado no Louzal, abriam igualmente grandes perspectivas de prospecção de novas massas de pirite

"O meu sogro, Antoine Velge, depois da guerra, entre 1948 e 1950, tinha convidado o Sr. Truphême, para vir acompanhar os trabalhos na SAPEC. Ele tinha sido o secretário-geral da minas de hulha em Pais-de-Calais, no norte da França e veio trabalhar para a SAPEC. Ele vem para Portugal e trabalhou cá cerca de vinte anos, até ao seu falecimento em 1975. Ele era o número dois na SAPEC Era um perito nas actividades mineira. O meu sogro Antoine Velge era o Presidente e o Sr., Truphême o Administrador-delegado, e foi ele que encorajou, e o meu marido fê-lo, a tentar tornar as minas do Louzal rentáveis.

PARTE DE Combra
PARTE DE Tentugal
PROVINCIA DA BEIRA
PROVINCIA DA ESTREMADURA
PROVINCIA DE ALEM TEJO
PARTE DO ALEM TEJO
PORTUGAL
MAR DE
Montemor Velho
Buarcos
Lavos
Lourical
Leyria
Ourem
Thomar
Santarem
Abrantes
Portalegre
Mayorga
Berlengas
Peniche
Mafra
Cintra
LISBOA
Cabo da Roca
R. Tejo
Almada
Barreiro
Palmela
Setuval
Cabo de Espichel
Troya
Barra de Melides
Melides
Santiago de Cacem
Sines
S. Vicente
Cabo de S. Vicente
Evora
Montemor o novo
Evoramonte
Redondo
Cast.el Real
Estremoz
Borba
Arrayolos
Monforte
Sousel
Alcadas
Portel
Viana
Odivelo
Grandola
Aldallade
S. Luzia
Carvao
Cea
Covilhaã
Fayaõ
Penamacor
Idanha
Castello Branco
Sobreira Formosa
Proença a nova
Sarzedas
Cernada
Pedrogão
Thomar
Punhete
Barca
Birto
Chamusca
Almeirim
Santarem
Alpiarça
Lagoa de Passo
Conv.to da Serra
Chouto
Gafete
Portalegre
Crato
Alter pedrezo
Assumar
Galveas
Seda
Ayse
Mouchique
Ferro de Lança
Lamareza
Erra
Ceruche
Mage
Salvaterra
Benavente
Coruche
Cabeção
Mora
Pavia
Montargil
Ameira
Valverde
Terre des Coelheiros
Monte Ivo
Aldeia Galega
Alcochete
Moita
Barreiro
Lavre
Canha
Palmela
Pinheiro
Azeitão
Agoas de Moura
Maraleca
Zambujal
Pegoens
Landeira
Ceyna
Palhaes
Marisma das Vacas
Cabeça seca
Bugio
Caparica
Trafaria
Almada
Lavradio
Barreiro
Moita
Alhandra
Loures
Povoa
Odivelas
Bellas
Lacaeiro
Ponhalonga
Benfica
Caxias
Oeiras
Paço de Arcos
Cascaes
Colares
Ericeyra
Enxoe de Cav.
Chiloeira
Cabeça
Penafirme
Paymogo
Leguas
Peniche
Berlengas
Salir do Porto
Ilhas
Mayorga
Pederneira
Cella
Alpedriz
Batalha
Aljubarrota
Alcanhede
Valverde
Pernes
Caldas
Painho
Alcantarilha
Obidos
Cadaval
Leyrinha
Meceiada
Lamas
Aldea Galega da Mere
Otta
Alcoentre
Azambuja
Vallada
Vallego
Casa Nova
Vallada
Vallego
Alcanhede
Tancos
Barca
Punhete
Abrantes
Sardoal
Pinhel
Chamusca
Ulme
Fonte galega
Lagoa de Passo
Almeirim
Alpiarça

*O Louzal entre 1950 e 1955, com o Sr. Fôret*[15]*, era uma mina muito boa. Mas no negócio das minas ou se ganha ou se perde, não há meio-termo. Tudo depende dos preços de venda do minério. Ora quando o meu marido chega a mina está a trabalhar bem mas com pouco rendimento. E então o que é que ele faz. Altera o método de trabalho, e durante alguns anos consegue melhorar bastante os resultados e a SAPEC ganhou muito dinheiro com isso.*

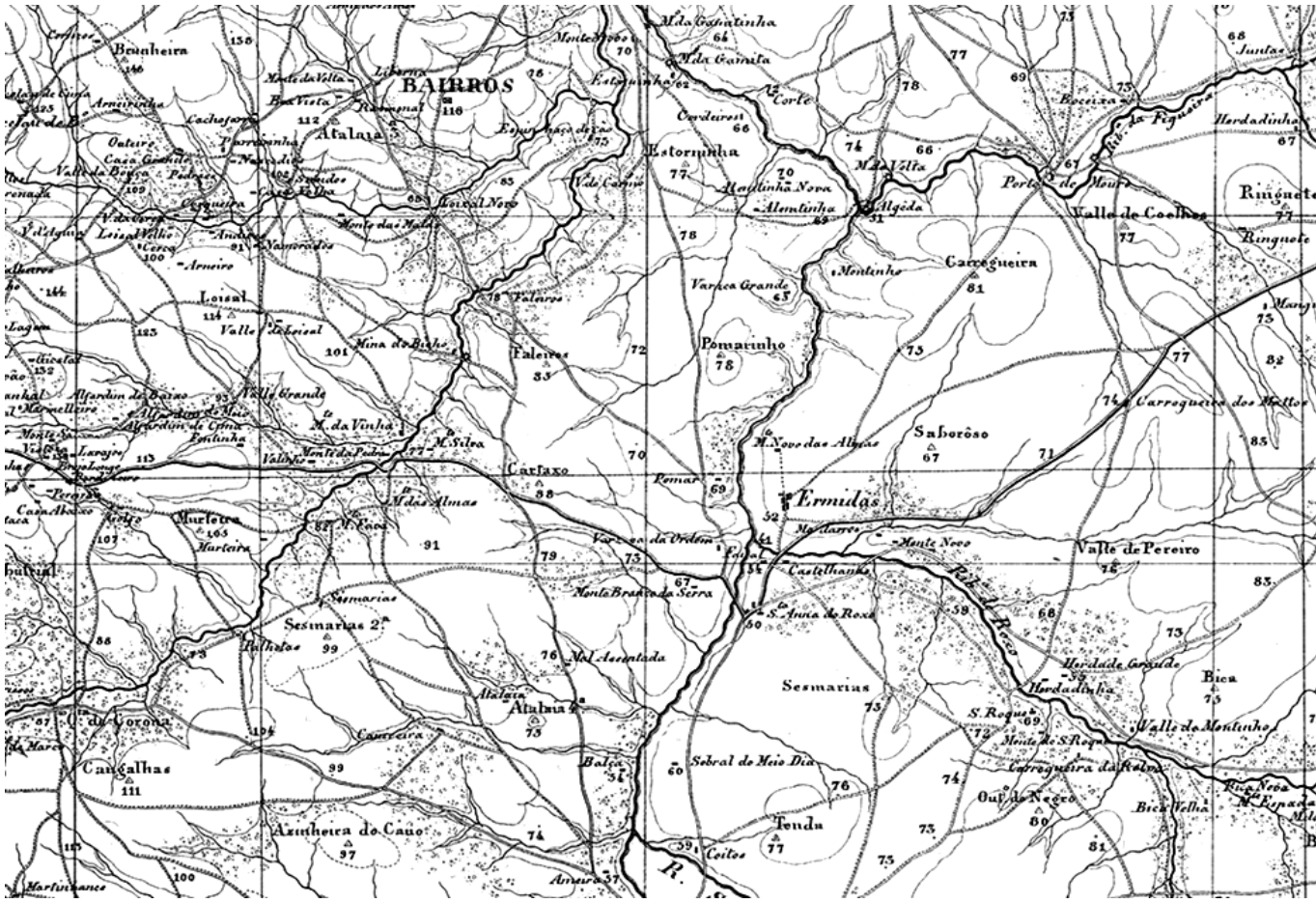
*A mina da Caveira parou em 1955. Nós tentamos desenvolver a Caveira mas ela era muito pobre em cobre que não valia a pena. O Louzal era mais rico em cobre e nessa altura era isso que nós procurávamos explorar*. (Madame Velge).

Antes de se lançar nos trabalhos de renovação dos métodos de exploração mineira, que irão transformar as Minas do Louzal, numa das mais modernas minas do país, Frédéric Velge e o seu colaborador e amigo Günter Strauss estudam muito bem as soluções já existentes em outros locais para escolher o método que melhor se adaptava.

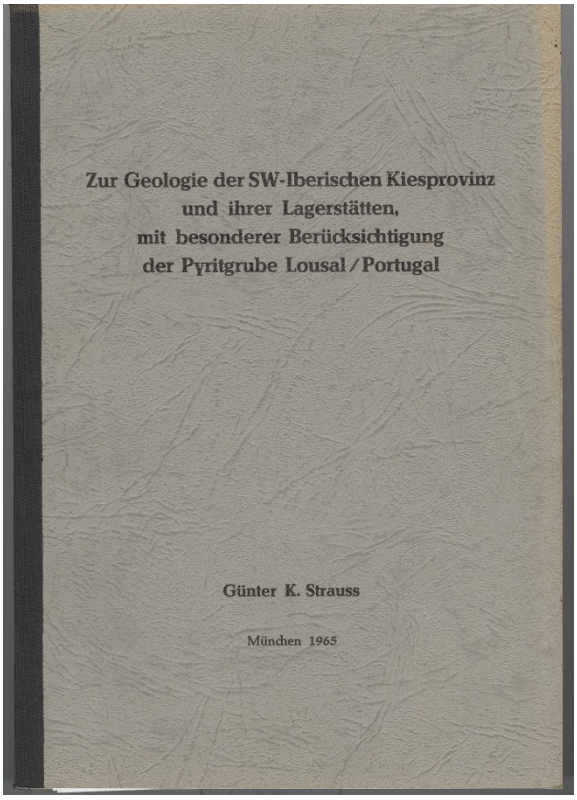
"O Günter Strauss penso que é uma peça absolutamente fundamental para perceber o trabalho de Frédéric Velge nas minas do Louzal e mais tarde em Tharsis. Algumas das fotografias que temos na Caveira, foram tirada com o meu pai e o Günter na

[15] Alfred. FÔRET, Director das Minas do Louzal entre 1947 e 1959

Finlândia, quando eles foram ver os modelos de minas que queriam utilizar em Portugal.


BAIRROS
Atalaia
Estormiha
Pomarinho
Ermidas
Saborôso
Carregueira
Valle de Coelhos
Valle de Pereiro
Sesmarias
Sesmarias 2.ª
Azinheira do Caúc
Tenda
Cangalhas
Murteira
Carlaxo
Faleiros
Loural
Brunheira
Ribeira da Roca
Ribeira da Pequeira

*Eles foram analisar o que é que acontece num conjunto de minas no Norte da Europa, na Suécia e na Finlândia. Aí eles recolheram importantes informações sobre os processos de mecanização. Trazem para Portugal as máquinas Atlas Copco e os camiões Dumpper. Nessa época essas máquinas eram de tecnologia de ponta que se usava nas minas mais modernas, onde a mão-de-obra era mais cara, que era o caso do Norte da Europa, e que normalmente vai buscar estas melhorias de produtividade para compensar os custos de produção*. (Antoine Velge)




" *A minha tese de licenciatura foi sobre a pirite do Louzal, mas rapidamente o objecto da minha investigação se alargou a todo a Faixa Piritosa Ibérica*[16]*. Entretanto eu prossegui a minha carreira académica com estudo pós-graduados na Escola de Minas da Alemanha, em Klaustadt, a mais antiga escola da Alemanha. Aí estudei Geologia Mineira e Métodos de Exploração de Minas entre os anos de 1957 e 1958. Nessa época todas as minas desta região ibérica eram muito atrasadas se comparadas com as da Suécia, Alemanha, Noruega ou Estados Unidos. A mão-de-obra era muito pouco formada. Em Portugal e em Espanha eram os tempos de Salazar e Franco. E essa fraca formação da mão-de-obra fazia parte das suas estratégias de defesa. Bem, entretanto em 1961 conclui a minha tese de engenharia geológica*[17]*, e era já considerado o maior especialista em geologia da pirite, e*

[16] Faixa Piritosa Ibérica: Nas palavras de Miguel Torga é o cordão magmático que liga o rio Sado ao Guadiana, prolongando-se até ao Guadalquivir na Andaluzia

[17] Com a tese "*Zur Geologie der Kieslgerstätt Louzal, Portugal*" apresentada no Institut für Gesteinskunde da Universidade de Munique.

*tornei-me consultor oficial do Louzal. Nessa altura o Louzal estava a desenvolver todo um processo de reconversão tecnológica que o Frédéric Velge estava a implementar. Todo o processo é da directa responsabilidade dele e da nossa equipa no Louzal. Nós fomos ver uns modelos de exploração de minas de pirite no norte da Itália, e adaptamos esses métodos ao Louzal. Eu acompanhei todo esse processo ao nível científico. Por exemplo descobri o filão (massa Antoine) com cerca de 1 milhão e meio de toneladas de pirite. A partir de 1961-62 passei a viver na "Casa da Direcção". Nesse período eu e o Frédéric Velge mantínhamos grandes conversas sobre as possibilidades de exploração mineira. Ele era um homem sempre muito empenhado no seu trabalho. As suas principais preocupações nas nossas conversas eram sempre os negócios*.

Herd. do Foro
Chaparral
Herd. do Valle de Aguia
Herd. da Loiza
Herd. do Valle de Loiza
Herd. das Indias
Herd. da Vinha
Herd. do Bucho
Herd. da Monte
Herd. do Alfoz
Herd. do Cintal
Herd. da Grande
Herd. da Fonteira
Herd. da Valleira
Herd. da Barca
Herd. da Vanca
Herd. da Vinha
Herd. da Vinha
Herd. da Vinha

*Ele estava sempre a pensar na rendibilidade da mina e na forma como podia melhorar os processos de exploração." (Günter Strauss)*

Apoiado nos seus colaboradores Frédéric Velge transformará em poucos anos os métodos de trabalho das Minas do Louzal. É uma actividade que o entusiasma e à qual se dedica de corpo e alma.

"*Bom, o meu marido, Frédéric, trabalhava muito. Ele não tinha horas. Era um apaixonado pelo trabalho. E isso já vinha desde sempre. Quando chegamos ao Louzal, ele era jovem, tinha trinta e um anos, e eu era ainda mais jovem. Já tínhamos dois filhos*[18]*, o terceiro*[19] *nasce já em Portugal. E ele estava apaixonado por isto. Todos os dias descia à mina. Ele gostava muito de cavalos e da caça. Da caça a cavalo. Mas antes dos cavalos estava a mina. Entre descer à mina e andar a cavalo, ele preferia descer à mina. O trabalho era mais importante que o lazer.*

*Nós habitávamos na Caveira e ele vinha para o Louzal todos os dias. Eram 16 km, ida e volta, por caminhos de terra. Mas ele gostava muito de cá vir. Às vezes ele fazia o caminho a pé depois regressava e trabalhava em casa. Algumas*

[18] Caroline Velge nasce em 20 de Outubro de 1958, já com a família na Caveira
[19] Patrícia Velge nasce em Abril de 1963 também com a família a residir na Caveira

*vezes ficava na Casa da Direcção, quando tinha reuniões. Ele estava sempre preocupado em melhorar o trabalho da mina. Por exemplo nesta uma foto duma pequena vagoneta (plano inclinado) que transporta pirite até ao cais. Um dia o meu marido disse: -Isso leva muito tempo e custa muito caro. Temos de melhorar isto. E instalou um método mecânico. Nesse tempo não havia camiões suficientes para o transporte do minério para o cais. Havia sempre um comboio por dia e às vezes dois quando havia muita procura. Todo o transporte fazia-se para o cais da SAPEC do Louzal até Setúbal.*

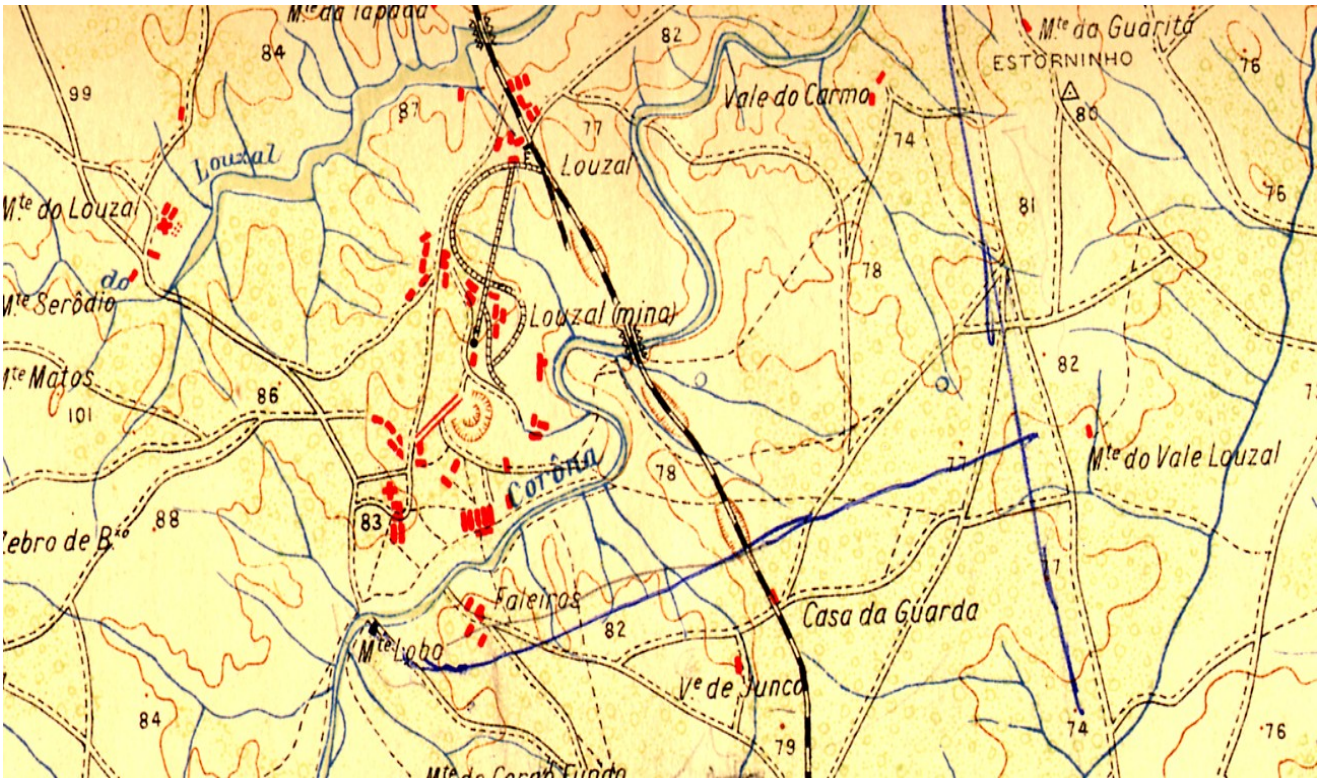
*Ele também gostava de ler. Mas sabe, nessa altura aqui na Caveira não havia muitos livros nem chegavam os jornais. Ele lia sobretudo coisas relacionadas com a mina. Ele gostava sobretudo era da sua actividade, não era um intelectual, era sobretudo um homem de acção." (Madame Velge).*

*"Ele ia trabalhar logo de manhã. Levantava-se cedo na Mina da Caveira. Ele morava no palácio da Caveira. Vinha para o Louzal. Descia à mina à volta das nove horas da manhã. Depois dos trabalhadores arrearem ele descia à mina. Depois quando saía tomava um banho na casa da direcção. Depois voltava para a Caveira, para a casa dele e ficava lá todo o dia a trabalhar. Tinha a mulher e os filhos. No outro dia a mesma coisa. Quando não tinha saídas, quando ia à França ou a Lisboa com alguém, pois ele ia. Ele não estava ali preso" (*José Henrique Semeão)

As inovações que Frédéric Velge introduziu no Louzal foram de tal grandeza que passados cinquenta anos ainda são visíveis. Visíveis no seu aspecto material, na formatação do território e das construções industriais, e igualmente visível na base social da Aldeia Mineira. Frédéric Velge entrosou-se de tal forma com a comunidade que a sua memória ainda hoje é recordada pelos mais velhos. O facto de partilhar com eles vários momentos do trabalho, sobretudo o facto de descer ao fundo da mina para se inteirar dos problemas existente e acompanhar as frentes de trabalho, conquistou admiração da comunidade mineira e tornou-se, no imaginário mineiro, num MINEIRO. Uma admiração que perdurará para sempre.

Foram várias as medidas que tomou:

"Em meados dos anos 50 o Louzal tinha entrado num ciclo de recessão. Tal deveu-se por um lado ao mercado de pirite cujos preços estavam a cair, e sobretudo, por outro lado, por causa dos métodos de produção antiquados, excesso de pessoal, produtividade demasiado baixa. Além disso as reservas de exploração mineral estavam a baixar de forma acentuada. Em suma o Louzal sofria os mesmos problemas do que todas as outras empresas mineiras da época, quer em Portugal, quer em Espanha.


Mte da Tapada
Mte da Guarita
ESTORNINHO
Vale do Carmo
Louzal
Louzal
Mte do Louzal
Mte Serôdio
Louzal (mina)
Mte Matos
Mte do Vale Louzal
Corôna
Faleiros
Casa da Guarda
Mte Lobo
Ve de Junco
99
84
87
77
82
74
86
76
81
78
82
101
86
88
83
78
77
82
84
79
74
76

Quando Frédéric Velge chega ao Louzal empreende uma profunda reforma reorganizativa, tanto técnico, como administrativa, financeira e social. Nos seus seis anos de permanência conseguiu:

- Alteração radical do método de exploração mineira com a introdução do sistema de "TRACHLES MINING" com escoragem das galerias com madeira e introdução de vagões de ar comprimido (método de Montevechio na Sardenha);
- Deslocação do processo de trituração do mineral de Setúbal para o Louzal com construção de novas instalações junto ao poço principal, o que permitia ganhos no processo de transporte da matéria-prima; I
- Renovação do sistema de transporte do mineral da mina até ao Cais de embarque;
- Reordenamento e renovação das oficinas;
- Encerramento dos trabalhos mineiros na Caveira;
- Criação de um centro de investigação geológico-mineira e prospecção sistemática de todas as reservas exploráveis. Nessa época foram descobertas a Massa António e várias mais pequenas;
- Reorganização administrativa com introdução de contabilidade industrial moderna e um estrito controlo de custos (C. TASSEL);

- Como resultado de todas as reformas há que destacar:
- Uma redução do pessoal de 800 para 500 trabalhadores e empregados, sem despedimentos. Foram efectuados incentivos e reformas;
- Aumento da produtividade na mina de 1,3 para 8,5 toneladas por mineiro;
- Redução dos acidentes com baixas de 500 para 150 ano (na mina);

- Duplicação das reservas minerais exploráveis;
- Estrito controlo dos custos de produção.

Para além disso foram também introduzidas importantes: melhorias sociais e nas condições de vida dos mineiros;

- Construção de 60 novas casas para habitação para trabalhadores e empregados, equipadas com água e luz;
- Construção do hospital, igreja, salão de recreio, padaria;
- Urbanização da aldeia e seus arredores;
- Plantação de eucaliptos nos terrenos improdutivos;
- Controle médico de todos os trabalhadores activos;
- Cursos de preparação doméstica para as filhas das trabalhadoras;
- Colónia de Férias para todos os filhos dos trabalhadores"

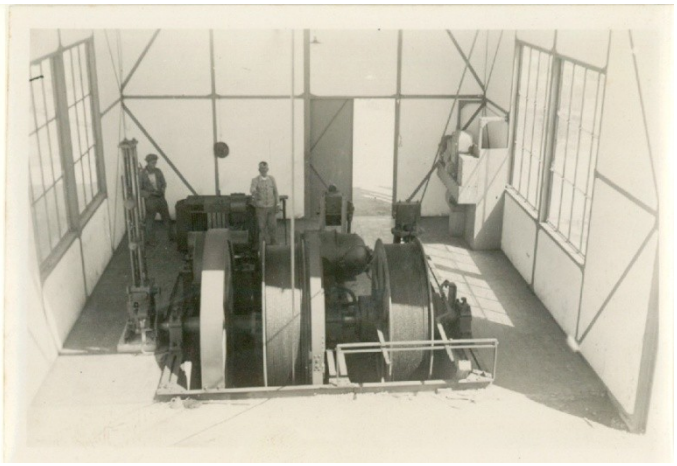
(Günter Strauss)

Em poucos anos a velha e obsoleta mina torna-se numa mina moderna e produtiva, orgulho de toda a comunidade"

"Ao mesmo tempo tinha uma grande preocupação social. Em 1956, quando eu conheci a mina do Louzal havia muitos mineiros que desciam à mina descalços, em calções e sem capacete. Era gente que vivia em cabanas, com muitos filhos, vestiam roupas miseráveis e a sua alimentação era também muito fraca. Todo isso mudou com Frédéric Velge.

SAINT-BERNARD

Do que eu vivi, tanto em Portugal como em Espanha, recordo-me que havia uma boa relação entre a administração da mina e os trabalhadores. Havia, é certo, uma grande diferença. Nós, os técnicos, vivíamos com bastante conforto. Tínhamos boas casas. Havia os produtos essenciais, tínhamos sempre hortas e boa carne. Havia um mercado, tínhamos um serviço médico na mina. Os mineiros viviam numa outra zona. O Frédéric Velge teve um importante programa de construção de casas para os mineiros, fez uma cantina, uma igreja. Apoiava sempre as festas dos mineiros. Não há dúvida



que em poucos anos o retrato social do Louzal mudou muito. (Günter Strauss)

"Você sabe que os mineiros do fundo ganhavam o dobro dos que trabalhavam na superfície. Era um trabalho que era muito duro, mas era o mais importante para o funcionamento da mina. Quando chegamos haviam muita gente que trabalhava na mina. Havia demasiada gente. Nós reduzimos o número de mineiros para cerca de quinhentos mineiros. Com as suas famílias faziam de cerca de três milhares de pessoas que viviam aqui no Louzal. O Sr. Fôret tinha deixado uma mina que funcionava muito bem, mas havia muita coisa para fazer. Se quiser a mina dava

dinheiro e trabalhava bem, mas faltava muita coisa. Faltava fazer a"Casa de Saúde", a escola, o mercado, a igreja. Apoiávamos sempre as festas dos mineiros." (Madame Velge)

Com o exemplo das obras de seu pai em Setúbal a favor da comunidade, Frédéric intervém também na organização espacial da Aldeia, mandando construir um conjunto de equipamento e facilidades para benefício das famílias mineiras.

"Já o seu pai Antoine Velge era um filantropo. Em Setúbal tinha mandado equipar o hospital. Dava dinheiro para as obras sociais da cidade. No Louzal, ele e a sua esposa, prosseguiram essa tradição. Tanto em Portugal como em Espanha, nessa altura, as principais minas eram exploradas por companhias estrangeiras. E todas as pessoas que vinham de fora, da Europa ficavam muito chocadas com as condições infra-humanas em que os mineiros e suas famílias viviam. As condições de trabalho nas minas europeias tinam melhorado substancialmente após a guerra. Foram dadas condições de trabalho e alguma dignidade aos mineiros e suas famílias. Em Portugal e Espanha tudo tinha permanecido igual." (Günter Strauss)

"O meu marido contratou o Sr. Van Nyen, uma pessoa encantadora, que tinha sido director em Aljustrel, era também belga. O Sr. Van Nyen veio para aqui antes de sua reforma. Ele viveu na "casa da direcção" e foi ele que começou a desenvolver toda a actividade social aqui. Eu e o meu marido desenvolvemos todo esse trabalho. O seu pai Antoine Velge nessa altura pouco vinha ao Louzal. E quando vinha não contactava muito com esta realidade.

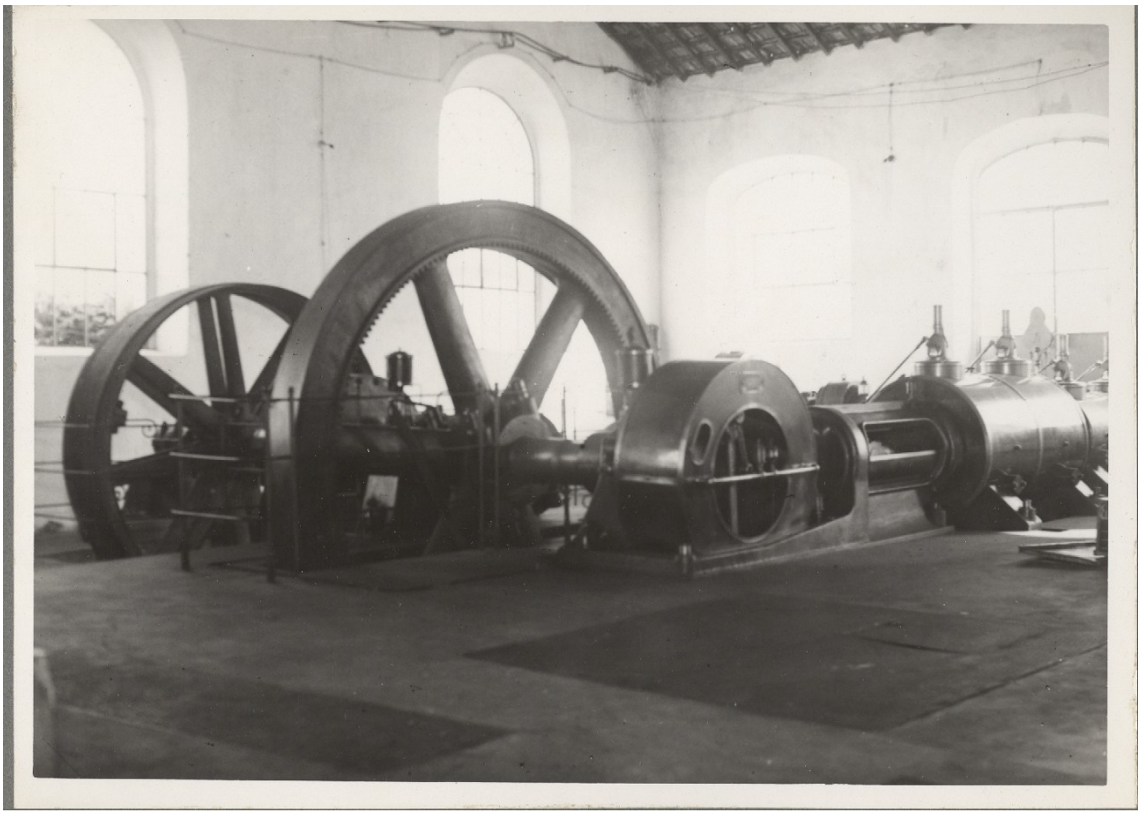
O meu marido, como descia todos os dias à mina, ficou a conhecer muito bem os mineiros. Sabia o que eles precisavam. E nós fizemos o que pudemos para os ajudar. No Louzal havia muita gente que passava aqui toda a sua vida. E isso criava laços muito fortes entre todos. O Louzal era muito agradável. Nós fomos muito felizes aqui. (Madame Velge)

"Quanto ao Louzal eu penso que a minha mãe ajudou muito o meu pai nessa altura. A minha mãe e o meu pai vindos da Bélgica, nessa altura um sítio, digamos…, mais desenvolvido,

com menos pobreza, do que havia aqui. A minha mãe, como muitas mulheres, era muito sensível. Ele sentiram que as pessoas que precisavam de ajuda. Precisavam de várias coisas, mas, basicamente abriram o seu coração e ajudaram as pessoas como podiam. Mas ajudaram com um sorriso, ajudaram com o coração, com simpatia. E as coisas que fizeram no Louzal, seja nas sopas populares,

que eram uma vez por semana, para os pobres, seja no apoio às festas do Louzal, seja naquelas pessoas que viviam juntos em cabanas; Fizeram tudo isso para repartir também um bocado da riqueza do negócio pelas pessoas." (Antoine Velge)

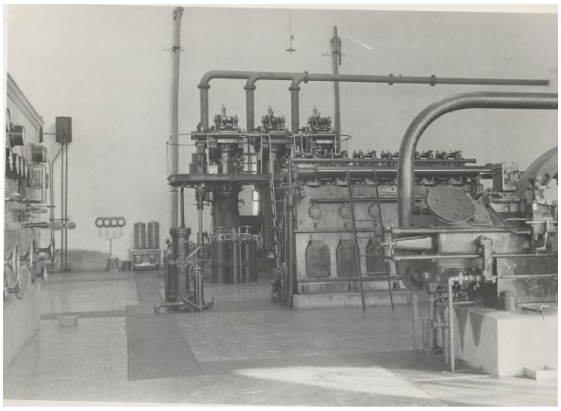
O sucesso da intervenção de Frédéric Velge no Louzal ficou a dever-se não só às inovações e aumento da produtividade da mina, mas também na sua intervenção social que com base no respeito e partilha de valores, permitiu a criação e a vivência de uma coesão social notável na aldeia mineira.
"No período de 59 até 64 eu e a minha irmã Caroline frequentamos a escola primária na Caveira. A mais nova, a Patrícia já nasceu em 1963, já não apanhou o período português. Na escola da Caveira havia uma professora que tinha dez ou onze alunos. Entre nós não havia grande diferença.



Eu se calhar estava no primeiro ano da primária e a minha irmã estava no Jardim-de-infância. Mas estava tudo junto com a mesma professora e nós estivemos um período de dois anos, de estar ali nas aulas com a professora, que foi uma experiência muito interessante e que me deixou recordações muito gratas.

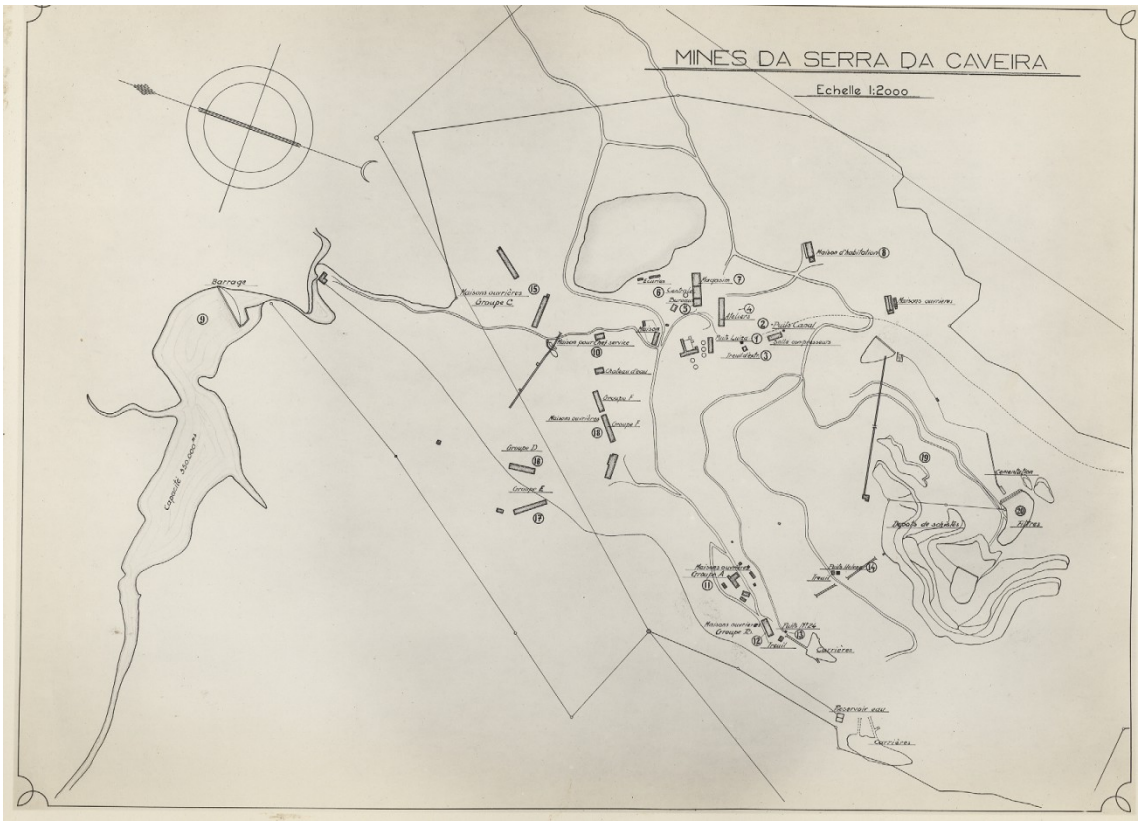
Eu e os meus pais tivemos tempos muito felizes quando estivemos na Caveira. O meu pai ia e vinha todos os dias. É um período fantástico porque no fim-de-semana estávamos sempre com os nossos pais. (Antoine Velge)

"Aqui no Louzal nós passamos a parte mais bela da nossa vida. Nós temos muita pena que as pessoas do Louzal tenham pensado que nós queríamos partir. Isso não é verdade. Na altura foi necessário porque o pai dele queria isso" (Madame Velge)



O Pai, Antoine Velge dedicava agora a maior parte do seu tempo aos negócios em Bruxelas. Os seus investimentos em Portugal estavam bem entregues nas mãos dos seus filhos Frédéric, com as Minas do Louzal e Marc, com a parte industrial da SAPEC em Setúbal.

"O meu pai foi um homem absolutamente excepcional que do nada, criou aquilo que é hoje a SAPEC. Ele morreu aqui nesta casa, na Quinta de Ayres, em 1974, dez dias antes da Revolução. O meu irmão e eu chegamos a Portugal mais ou menos na mesma altura. Eu um bocadinho depois dele, por volta de 1960. Ele ocupou-se imediatamente, lá em baixo, a mando do pai, das minas do Louzal. E eu ocupei-me mais da SAPEC em Setúbal." (Marc Velge)


MINES DA SERRA DA CAVEIRA
Echelle 1:2000
Barrage
Capacité 350000 m³
Maisons ouvrières Groupe G
Maisons pour chef service
Chalets divers
Groupe I
Maisons ouvrières
Groupe I'
Groupe D
Groupe E
Maisons ouvrières Groupe A
Maisons ouvrières Groupe B
Puits Nº 2 bis
Puits Nº 2
Puits Nº 1
Puits Galerie
Puits compresseurs
Puits Nº 3
Puits Nº 4
Puits Nº 5
Puits Nº 6
Puits Nº 7
Puits Nº 8
Puits Nº 9
Puits Nº 10
Puits Nº 11
Puits Nº 12
Puits Nº 13
Puits Nº 14
Puits Nº 15
Puits Nº

Em 1963, com 37 anos, depois de cinco intensos anos de trabalho e harmonia familiar Frédéric Velge confronta-se com um novo desafio do seu pai Antoine. Havia que partir para Espanha.

Em finais de 1963, o meu avô Antoine comprou uma posição accionista muito significativa nas minas de Tharsis. Na altura, Tharsis era duma empresa de Glasgow, na Escócia. Uma empresa cotada na bolsa de Londres. A empresa tinha uma estrutura accionista muito dispersa. E se calhar o Chairman tinha 2 ou 3 % do capital. Era uma empresa muito oleada. No mundo que hoje estamos a viver, com a transparência que há nas bolsas, seria uma empresa "opável". Naquela altura não se chamava uma OPA, chamava-se uma participação qualificada ou outra coisa qualquer. Não havia ainda a obrigação, nas bolsa, de quando você ultrapassava 20% do capital de fazer uma OPA, para defender os accionistas minoritários etc. O meu avô, através de dois ou três "brokers" deu instruções para ir comprando acções dessa empresa, e em dois ou três anos fez um pacote, já não sei de 20 % ou 25 % do capital e chegou à assembleia-geral dessa empresa e disse: "-Muito bem, eu sou o maior accionista aqui e quero começar a dizer o que é que eu quero" (Antoine Velge)

Triage du minerai 10 m/m - 20 m/m

Triage et séparation minerai brut

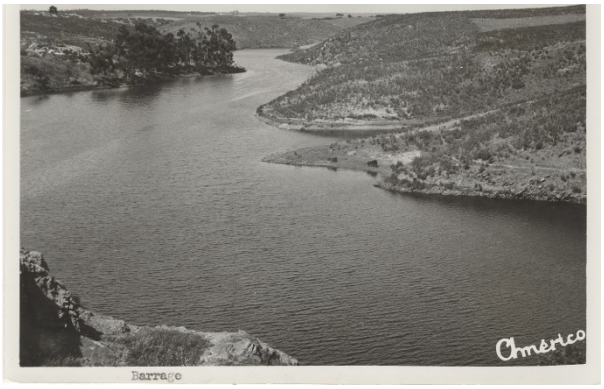
Barrage

As minas de Tharsis localizam-se na Província de Huelva na Andaluzia perto da margem esquerda do Guadiana a cerca de 50 quilómetros de Vila Verde de Ficalho. Tal como no Louzal,

Tharsis é conhecido desde a antiguidade como zona de prospecção de cobre[20]. A escolha destas minas por Antoine Velge para expansão da sua actividade de exploração da pirite não é fruto do acaso.

"Em 1961, concluí o mestrado. Aí, paralelamente à minha colaboração com a SAPEC, nesta altura, essencialmente do ponto de vista técnico-científico, prossegui as minhas investigações ao mesmo tempo dava aulas na universidade. Eu, na altura, queria fazer essencialmente um percurso académico de investigação sobre as pirites. E foi nessa condição que fui estudando as várias minas nessa faixa. Em Fevereiro de 1965 concluí a tese de doutoramento na Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Munique com a tese "*Sobre a Geologia da Província Pirítica do Sudoeste da Península Ibérica e as suas jazidas, em especial na mina de pirite do Louzal – Portugal*". Esse trabalho deu-me a conhecer as outras minas que existiam. Nele eu desenvolvi os métodos de investigação sobre os processos de pesquisa de novas massas mineiras através da radiometria, como fazer a exploração, que tipos de materiais se deviam utilizar.

[20] Tharsis é muito provavelmente um nome herdado do antigo território dos Tartessos, um povo referenciado pelas fontes antigas que habitava o vale do Guadiana, e que durante o terceiro milénio antes de Cristo incorporaram as tecnologias de produção e manufacturarão dos metais vindas do mediterrâneo oriental. O início da exploração dos minerais metálicos e a sua manufacturação são processos que conduzem à integração do sul da Ibéria no espaço do mundo mediterrâneo.




Barrage

Carrière

É claro que a minha condição de académico me dava algumas facilidades que de outro modo me dificultariam a vida. Por exemplo, na altura as minas de Aljustrel pertenciam a um grupo belga rival da SAPEC. Era um assunto delicado de estudar. Eu nessa altura tive muito apoio do Sr. Antoine Velge. Eu dava-lhe muitos conselhos sobre as mais importantes jazidas de Pirite, os locais onde havia mais concentrações, etc. Penso que isso foi muito importante na decisão de ir para Tharsis. Eu visitei pela primeira vez Tharsis em 1958 acompanhando o Sr. Antoine Velge e o Sr. Frédéric Velge. Mas a minha colaboração era essencialmente ao nível científico. Entretanto nos anos entre os anos de 60 e 62 visitei várias vezes as minas de Tharsis onde recolhi importantes informações sobre os processos de produção e reservas existentes.

Entretanto entre 1963 e 1964 o Sr. Antoine Velge vai comprando mais acções nas minas de Tharsis até que toma o controlo da empresa. O seu filho Frédéric tornou-se Director-auxiliar das minas e eu fui convidado para o lugar de Director-geral. Eu ainda hesitei um tempo. Estava a terminar o doutoramento e não queria deixar a minha carreira académica. Mas em Março de 1965, depois de ter acabado a minha tese resolvi mergulhar por completo no mundo industrial.

O que aconteceu no Louzal em ponto pequeno foi o mesmo que aconteceu em Tharsis numa escala muito maior. Em poucos anos

conseguimos que Tharsis se tornasse na maior e mais moderna mina de pirite da Europa.(Günter Strauss)

Les jardins et la Centrale

Mais uma vez a sagacidade e a excelência dos colaboradores de Antoine Velge irão revelar-se cruciais para o sucesso dos negócios da SAPEC. Tomado o controlo de Tharsis havia que elevar os padrões de produção. Mudar os processos, os métodos e fazer chegar a produção a Setúbal, às Fábricas cada vez mais sedentas de minério.

Antoine Velge recorre ao seu filho Frédéric para concretizar esse processo. A mudança de residência familiar com o tempo e com o desenvolvimento do trabalho torna-se inevitável.

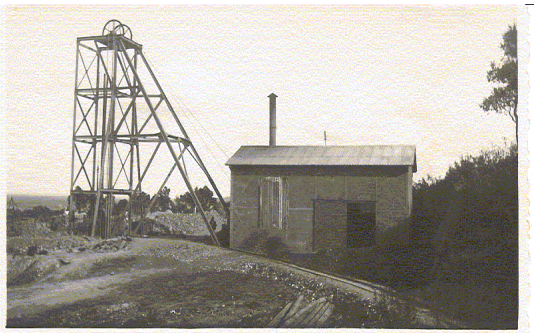
"O meu sogro tinha-o chamado para o ajudar com as minas de Tharsis em Espanha, na província de Huelva. As minas de Tharsis eram dum empresa escocesa que as explorava desde 1860. O meu sogro tinha cerca de 5 % da empresa e começou a comprar acções até ter 30 %. Juntamente com uma companhia espanhola de um catalão, o Sr. Capello, que também tinha 30 % ficaram com a maioria. O Representante desta companhia era o Joachim Vega de Seoane.

Tharsis era uma mina maior do que o Louzal que naquela época retirava 300.000 toneladas de pirite/ano. Em Janeiro de 1970 tirou 1 milhão de toneladas. Todos os dias formavam um comboio, às vezes dois, que transportava a pirite para o cais da SAPEC em Setúbal. Creio que 20 % da produção de granulado era destinada à produção de super fosfatos da SAPEC. O restante partia de barco para a Bélgica, para a França, para a Alemanha. 80% da produção era para exportação". (Madame Velge)

"No período de 63 e 64 o meu pai começa a ir muito a Espanha acompanhar as minas de Tharsis, ao mesmo tempo que continua no Louzal. E em 1964 nós mudamo-nos para Madrid. E

estivemos na Espanha entre 64 e 69 com o meu pai assumindo já o cargo de Administrador Delegado da mina de Tharsis. Continuou a acompanhar o Louzal de longe a longe mas sobretudo Tharsis." (Antoine Velge)

Com as novas responsabilidades em Tharsis e a família a viver na Caveira, não era fácil a vida de Frédéric Velge.
"Nessa altura o meu pai tinha um motorista que era o Francisco Roque. A família trabalhou para a SAPEC desde 1930, o seu pai foi o primeiro motorista da SAPEC no Louzal. O Francisco e a Maria, a sua mulher, trabalharam sempre connosco. Foram com os meus pais quando fomos para Madrid, e quando fomos para Bruxelas também foram connosco. Naquela altura, quando vivíamos na Caveira, o Roque levava o meu pai de carro até Albergaria-a-Velha[21], e depois atravessavam até Madrid. Naquela altura não havia aviões até Madrid. Passavam dois ou três dias em Madrid e regressavam à Caveira. Algumas vezes voltavam por Huelva, outras vezes vinham directamente de Madrid para passar o fim-de-semana. O meu pai, semana sim, semana não, passava quatro ou cinco dias fora a fazer a volta dos negócios. Ainda bem que foi só um ano, ano e meio. Foi para aí entre 62 e princípios de 63."( Antoine Velge)



"Depois partimos. A patrícia era um bebé com menos de 1 ano. Ficamos desolados por partir mas o meu sogro assim decidiu, e ele era o presidente" (Madame Velge)

Em Espanha Frédéric Velge e sua família vão residir para Madrid. Vai acompanhar a mina de Tharsis e uma empresa industrial as "Minas y Metalurgía"

[21] Em Albergaria-a-Velha, no Palhal existia uma empresa, onde a SAPEC tinha uma boa participação para fabricar barrenas de aço com o que se furava o minério.

"Bem, ele trouxe toda a experiência que tinha do Louzal. Fizemos uma grande equipa. Ele era o Administrador Delegado de Tharsis. Ele entre 1965 e 1968 viveu em Madrid e acompanhou todo o processo de modernização dos métodos. Para além de Tharsis ele acompanhava também uma empresa do pai em Madrid" (Günter Strauss)

Frédéric Velge e os seus colaboradores, mais uma vez vão revelar toda a sua capacidade de trabalho, engenho e determinação.

"Tharsis ultrapassou um milhão de toneladas de produção anual" (Antoine Velge)

Na sua nova vida, Frédéric Velge e a sua família não deixaram de vir com frequência a Portugal. Vinham à Caveira, onde mantinha a residência de férias, iam ao Algarve, onde entretanto também tinham adquirido uma residência de férias e mantinham o contacto com os irmãos em França

"No Verão passávamos sempre um mês no Algarve. O meu pai estava sempre a trabalhar, mas nós íamos lá e passávamos também uns dias na Caveira e íamos uns dias a casa da minha avó em Biarritz. O verão passava-se entre Biarritz, Caveira e Algarve. Íamos todos para Armação de Pêra, onde os meus pais tinham comprado um apartamento em Vila Lara. O meu pai (Frédéric Velge) tinha um barco, chamado "Hermance", era um barco a motor, que vinha do pai da minha mãe: o meu avô deu aí por volta de 1964. Primeiro o barco esteve em Setúbal e depois levou-o para o Algarve. Ficava na ria em Portimão. Nessa altura ficávamos num hotel e passeávamos de barco pela costa. Aí em 1967 os meus pais compraram o apartamento"

Isto sou eu e o meu pai montando a cavalo na Herdade da Caveira, em Abril de 1969. Ele tinha um cavalo inglês que o meu avô ofereceu ao meu pai e eu montava a égua do guarda. O meu pai ensinou-me a andar a cavalo. Eu era ainda muito novo e o meu pai falava-me as coisas do campo, o nome das árvores e das plantas. Ele gostava muito do campo. Andar a passo. Era uma maneira fantástica de passear e de ver o campo. Não era muito entusiasta da dressage nem de dar saltos, ele gostava de passear basicamente. Em Folembray é que nós tínhamos os cavalos para a caça ao veado.
No Natal íamos para França. Para casa dos meus avos em França. Na Páscoa íamos para casa da minha avó, a mãe da minha mãe em Biarritz." (Antoine Velge)

É durante a sua estadia em Espanha que Frédéric adquire um dos vícios que constituirá a sua imagem de marca: Fumar charutos.

"Em Espanha, nessa altura, no tempo de Franco, não havia cigarros. Então ele começou a fumar charutos. Era uma coisa que ele gostava muito de fazer quando estava sozinho" (Madame Velge)

Frédéric Velge, homem profundamente dedicado ao seu trabalho, não dispensava os seus pequenos prazeres privados:

"Quando estava concentrado ninguém entrava no seu gabinete. Só entrava a empregada quando ele chamava para levar água ou um "wiskysinho" que ele gostava de beber… Com o Sr. Frédéric Velge andei muito era nas *caçadilhas*. Gostava muito de caçar. Eu ia sempre com o Sr. Frédéric Velge. Ele tinha lá sempre os seus secretários para descarregar as espingardas. Eu estava sempre era com a caixa dos charutos. Nunca se sabia quando é que ele queria um charuto. Ele caçava muito em Espanha. Convidavam-no muito".Ele era uma pessoa que gostava muito de cavalos. Ele tinha muitos cavalos em Folembray. E quando era as festas dos cavalos íamos para Jerez. Ele era muito amigos dos toureiros espanhóis: os Domecq. Era muito amigo dessa família. Nós íamos muito para Jerez para ver as festas dos cavalos e para comprar aveia para os cavalos …Ele comprava aveia e levava de avião aveia para os cavalos dele em Folembray. Ele ficava sempre num hotel ali próximo da casa dos Domecq no Jerez, onde eu também ficava, e íamos ver corridas de toiros. (José Henrique Semeão)

Homem de sucesso como empresário, Frédéric Velge manterá ao longo de toda a vida fortes relações com os seus colaboradores e com os seus empregados, quase sempre gente vinda da aldeia mineira do Louzal[22].

[22] José Henrique Semeão, motorista da SAPEC ao longo de 55 anos é disso exemplo. Nascido no Louzal em 1933, começa a trabalhar aos 16 anos na mina. Aos 18 anos, por iniciativa da empresa tira a carta de condução e torna-se

Eu tinha também o meu "bilhetinho" para ver corridas de toiros. Ele adorava ver Touradas.

Era um bom garfo já lhe digo. Eu tinha muito prazer em almoçar com ele. Gostava dum bom vinho. Gostava de fumar um bom charuto, gostava dum "whiskysinho" Ia apanha-lo ao aeroporto. Ele apanhava sempre o mesmo avião no aeroporto Charles De Gaulle, chegava ali ao aeroporto da Portela às dez horas. E quando eu chegava ali à SAPEC, tirava as malas do carro, fechava o carro, subia ao 5º andar, onde ficava o senhor Frédéric Velge. Quando não estava a empregada. Quando estava ela encarregava-se de fazer o wiskysinho, quando não estava ele dizia-me: "-Zé! Vais já fazer um wiskysinho para o patrão, não vais?" E eu "-Vou já Sr. Frédéric Velge, vou já com certeza". Pois eu fazia o wiskysinho, ele bebia. "-E então não é preciso mais nada?" Era então o charuto. Era o wiskysinho e era o charuto, as duas coisas que o Sr. Frédéric Velge mais gostava de fazer

Quando íamos a Madrid Eu ficava sempre no Hotel com o Sr. Frédéric Velge. Com o senhor Truphême a mesma coisa. Ia para o hotel Palace e eu ficava também no hotel Palace. Eu ficava sempre onde eles ficavam ou ali próximo. Na altura não havia telefone como há agora. Não havia maneira de comunicar como há agora." (José Henriques Semeão)

Entretanto nas minas de Tharsis e nas restantes empresas os negócios correm de feição. O seu amigo e colaborado Günter é homem experiente e de apuradas capacidades. A produção não para de aumentar. A família em Madrid adapta-se à sua nova vida, e Frédéric Velge, agora com 40 anos é um homem de negócios com uma vida intensamente vivida.

---

motorista dos quadros dirigentes. Conduz milhões de quilómetros ao serviço da SAPEC. Hoje, na reforma, é considerado como membro da família Velge..

MINES ET INDUSTRIES—S. A.

MINAS DO LOUSAL

Nome Joaquim Banza Carlina N.º 819

Data do nascimento 2 de Junho de 1932

Filho de António José Carlina

e de Engracia Banza

Natural de Trabalhador

Freguesia de Alhustel Concelho de Alhustel

Distrito de Beja

Estado civil Solteiro Morada Mina do Lousal

Bilhete de identidade n.º do Arquivo de Identificação de

MINES ET INDUSTRIES—S. A.

MINAS DO LOUSAL

767

Nome Joaquim Bernardino N.º 196

Data do nascimento 13 de Junho de 1910

Filho de António Bernardino

e de Brandina Maria

Natural de Sabreiro

Freguesia de Barros Concelho de Grandola

Distrito de Setubal

Estado civil Casado Morada Mina do Lousal

Bilhete de identidade n.º do Arquivo de Identificação de

Fotografia

MINES ET INDUSTRIES—S. A.

MINAS DO LOUSAL

Nome Joaquim manuel

Data do nascimento 16 de Dezembro

Filho de incógnito

e de maria Gertrudes

Profissão safreiro

Natural de S.Domingos

Distrito de

Estado civil casado

Bilhete de identidade n.º

Mod. A 26

ET INDUSTRIES—S. A.

MINAS DO LOUSAL

Nome Joaquim Antó

Data do nascimento 24 de Janeiro

Filho de António Maria

e de Rosalina de C

Natural de Sabreiro

Freguesia de Abela

Distrito de Setubal

Estado civil Solteiro

Bilhete de identidade n.º do

ET INDUSTRIES—S. A.

MINAS DO LOUSAL

626

Nome Joaquim da Conceição Pires N.º 405

Data do nascimento 25 de Agosto de 1937

Filho de Francisco Pires

e de Maria Gertrudes Caetano

Natural de Sabreiro

Freguesia de Barros Concelho de Grandola

Distrito de Setubal

Estado civil Solteiro Morada Mina do Lousal

Bilhete de identidade n.º do Arquivo de Identificação de

Fotografia

ET INDUSTRIES—S. A.

Faltou a 29/6/76 na 4ª feira

MINAS DO LOUSAL

Nome Joaquim Bernardino N.º 312

Data do nascimento 14 de Fevereiro de 1883

Filho de António Bernardino

e de Maria Cristina

Natural de Sabreiro

Freguesia de Santana Cruz Concelho de Almodovar

Distrito de Beja

Estado civil Solteiro Morada Mina do Lousal

Bilhete de identidade n.º do Arquivo de Identificação de

Fotografia

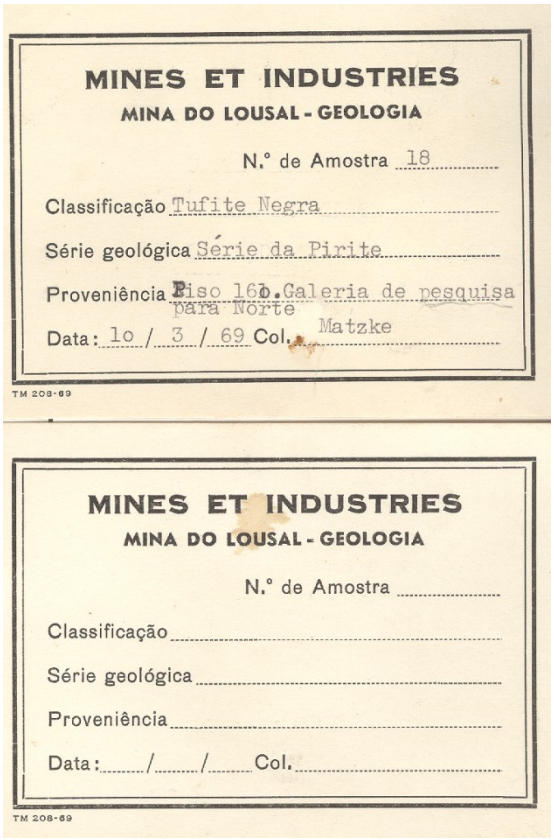
"Ele era um homem essencialmente de acção. Não era um homem de olhar para os balanços, não era de ficar ao telefone no escritório. Por exemplo, hoje, se ele estivesse vivo ainda a acompanhar os negócios, entre fazer uma reunião, fazer uma chamada telefónica, ele preferia fazer uma reunião. Entre mandar vir quatro ou cinco pessoas de Madrid, para fazer uma reunião aqui em Lisboa, se ele estivesse a viver aqui em Lisboa, ele ia para Madrid. Ele gostava de ver as pessoas, ver como as coisas estão, de cumprimentar as pessoas, a secretária o Chófer. Em toda a vida dele a sua atitude era sempre de ir ao sítio.

Ele tinha uma saúde de ferro. Teve toda a vida uma saúde de ferro. Nunca foi ao dentista durante a vida dele. Ele fumava muitos charutos e tinha os dentes pretos. Lembro-me sempre do meu pai com os dentes pretos, mas nunca foi ao dentista. Uma coisa fantástica. Nunca teve problemas de vista, nunca usou óculos para nada. Na fase final da vida dele já usou óculos de velhice, mas nunca usou óculos de miopia nem nada. Ou seja, eu não me lembro nunca do meu pai ter tido um problema grave de saúde. Teve uma hepatite quando chegou a Madrid, aí em 63 ou 64. Esteve ali um tempo meio coiso… mas nunca me lembro do meu pai ter tido uma gripe, nem nada. Quer dizer o meu pai era uma maquina de trabalhar. Nós temos uma agenda dele do ano de 1969, quando estava na Bélgica, em que ele viajou mais de 150 dias do ano." (Antoine Velge)

Esta característica de homem de acção, sempre disposto a lançar-se em novos desafios e a cumular trabalho que marcará a liderança de Frédéric Velge nas suas empresas. É também essa a razão do seu sucesso como empresário, como empreendedor que

sabe que tudo está em constante mudança e que tem sempre que partir para novos rumos.

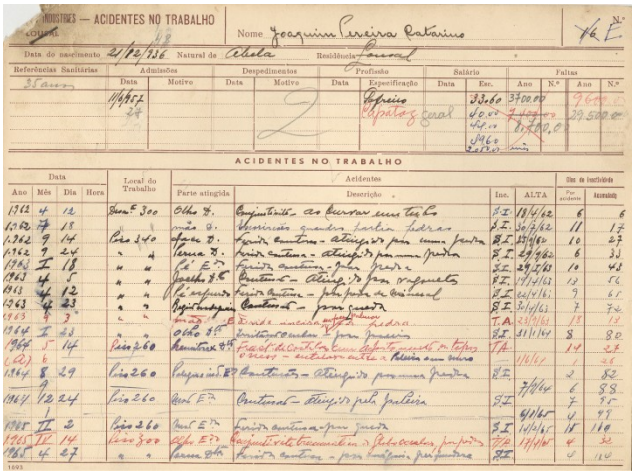
"Eu acho que o meu pai tinha essa característica inata. Um sentido comum, um sentido humano, etc.… Isso era uma característica dele que se calhar vinha da minha avó, que era também uma pessoa também muito humana, não sei se isso pode ser um bocadinho hereditário. Mas eu penso que o meu pai também ganhou fôlego. Ganhou vontade de lutar, eu acho, todas as pessoas que eu vi na minha vida que tem vontade de lutar e que são lutadores, são pessoas que passaram por períodos difíceis. Normalmente quando você passa fome. E quem diz fome pode não ser fome física, mas como vontade de se mudar a si mesmo ou de provar a seus pais, ou a alguém de que somos alguém. Essa vontade é uma força que nos acompanha. Ele foi uma pessoa que passou a vida, diria eu, "torturé" com aquela coisa dos desafios e desafios e mais desafios. Com aquela necessidade de ter que provar a si próprio, e se calhar provar aos outros aquilo que era capaz. Era capaz de aceitar qualquer desafio". (Antoine Velge)


MINES ET INDUSTRIES
MINA DO LOUSAL - GEOLOGIA
N.º de Amostra 18
Classificação Tufite Negra
Série geológica Série da Pirite
Proveniência Piso 16b. Galeria de pesquisa para Norte
Data: 1o / 3 / 69 Col. Matzke
TM 208-69

MINES ET INDUSTRIES
MINA DO LOUSAL - GEOLOGIA
N.º de Amostra
Classificação
Série geológica
Proveniência
Data: / / Col.
TM 208-69

E essa insatisfação permanente, esse amor ao trabalho e às forças criativas que motivará as mudanças de Frédéric Velge. Se numa primeira fase o seu pai é quem lhe lança os desafios, agora Frédéric Velge está maduro para se desafiar a si mesmo.

O meu pai penso que foi um bocadinho o filho não querido do meu avô. Porque o filho querido foi um bocado o Marc, que era solteiro naquela altura ele estava destinado a ir viver na quinta do Anjo, quando se casasse. Entretanto ele não se casou e ficou a viver com o pai na Quinta de Aires, e deve ter criado aí uma intimidade com o pai. E então o pai deve ter dito*:-Eh pá! Tu agora vais trabalhar para a fábrica, e vais para isto*. O meu pai quando chega a Portugal, chamado pelo meu avô, tem o desafio do Louzal, mas ninguém acreditava nele. Ou o meu avô eventualmente não acreditava nele. E quando o meu pai conseguiu aquilo que conseguiu no Louzal podia ter posto o meu


MINES ET INDUSTRIES — ACCIDENTES NO TRABALHO

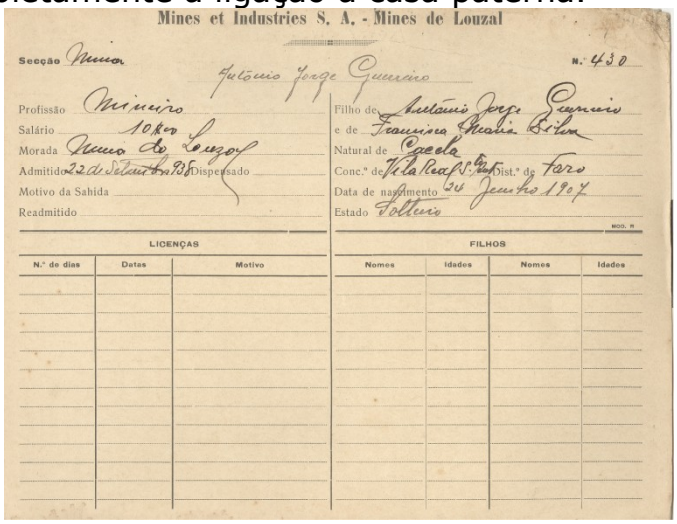
Nome Joaquim Caeiro Patarino

Data do nascimento 21/12/936 Natural de Abela Residência Louzal

ACIDENTES NO TRABALHO

pai a dizer. "Eh pá! Agora vais tomar conta da SAPEC". Mas não! A SAPEC era a casa guardada para o meu tio Marc. E então novo desafio. Uma mina, uma empresa lá no fim do mundo para o Frédéric. E quando foi para Espanha é para o Frédéric. Ou seja: O meu pai nunca teve oportunidade de facto de entrar na casa guardada do meu avô e do meu tio Marc, que era de facto a SAPEC em Setúbal. Por isso é que o meu pai andou constantemente a aceitar os desafios do meu avô. O meu avô só lhe dava desafios difíceis. Pode ser visto do ponto de vista positivo: "-Frédéric! Vamos ver se consegues resolver isto". (Antoine Velge)

Aos 42 anos de idade, Frédéric Velge aceita novamente outro desafio e parte para assumir novos negócios na Bélgica sem perder completamente a ligação à casa paterna.


Mines et Industries S. A. - Mines de Louzal

Secção Mina N.º 430

Antonio Jorge Guerreiro

Profissão Mineiro
Salário 10$00
Morada Mina do Louzal
Admitido 22 de Setembro de 938 Dispensado
Motivo da Saída
Readmitido

Filho de Antonio Jorge Guerreiro
e de Francisca Maria Brites
Natural de Abela
Conc.º de Vila Real de S. Ant.º Dist.º de Faro
Data de nascimento 26 Junho 1907
Estado Solteiro

LICENÇAS

| N.º de dias | Datas | Motivo |
|---|---|---|

FILHOS

| Nomes | Idades | Nomes | Idades |
|---|---|---|---|

69
rumo do oriente

"A primeira vida dele é no Louzal, e a segunda vida dele é de facto na Bélgica, naquelas empresas chamadas SOCFIN: Société Financière des Caoutchoucs, onde ele tinha uma participação, aquilo vinha através dum tio o Sr. Van den Bosch[23], que era primo da minha avó, ou seja do lado Belga, dos investimentos financeiros dos Jacobs, do lado de Antuérpia. E ele a partir de 1968 começa a dedicar-se muito a essa empresa Société Financière des Caoutchoucs. Esse primo não tinha filhos, não tinha descendentes, já tinha uma certa idade, tinha mais ou menos a idade do meu avô. Ele era administrador na SAPEC e durante os anos sessenta, nos conselhos de administração, tinha ouvido falar da performance do meu pai para reestruturar as minas do Louzal e Tharsis. E então esse senhor Van den Bosch veio falar com o meu avô dizendo *-Antoine -Tens a sorte de teres dois filhos. Eu não tenho nenhum. Eu gostava muito que um dos teus filhos viesse trabalhar comigo. E eu gostava que fosse o Frédéric*!" (Antoine Velge)

A SOCFIN era sem dúvida um novo e interessante desafio. Frédéric tinha atingido a maturidade nos negócios e provavelmente desejava afastar-se da sombra sempre presente do seu pai. Mas havia também grandes riscos a enfrentar. A decisão não foi fácil.

[23] As acções de Paul Van Den Bosh em Aljustrel tinham sido vendidas ao então Administrador Delegado, o Sr. de Barsy que assim se tornou accionista maioritário. Quando este, em 1965, vendeu parte do capital ao Grupo CUF, rival da SAPEC na produção de fosfatos, desencadeia uma operação que marca o fim do clima de coexistência entre os dois grupos. Antoine Velge, depois de Tharsis, provavelmente teria aspirações a regressar à estrutura accionista desta mina e eventualmente incorporar também este centro da produção na sua esfera de influência.

Eu sei que o meu pai hesitou: -*E então agora vou deixar de trabalhar com o meu pai e vou para uma nova aventura*. A minha mãe apoiou muito o meu pai, porque ela queria que o meu pai saísse um bocadinho da influência do pai e foi de facto um grande salto na vida dele. Foi uma coisa muito importante, mesmo em termos materiais, saiu duma empresa relativamente pequenina, como era a SAPEC naquela altura, mesmo com as minas do Louzal e Tharsis. Não passava duma empresa familiar pequenina, e deu um salto para uma empresa que em termos de cotação bolsista não tinha comparação. (Antoine Velge)

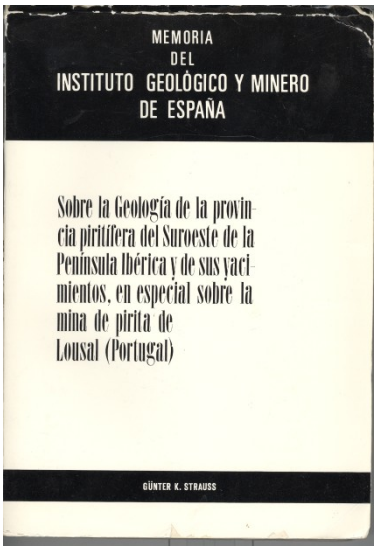
Na sua decisão terá também pesado o facto de se sentir limitado dentro da SAPEC. O seu irmão Marc administrava com mestria todo o complexo industrial em Setúbal que apresentava ainda grandes condições de crescimento. O seu pai e o Luis Truphême, na altura homens com sessenta anos, tinham a sua vida profissional estabilizada. Frédéric parecia sentir a necessidade de criar algo de novo que na SAPEC não vislumbrava. A SOCFIN parece ter sido a solução

"Este período, que era muito importante também na vida dele e se queremos uma biografia completa dele, não podemos esquecer este período na Bélgica. Porque é um período em que ele tinha muito carinho. Ele fez também muitas coisas na Bélgica" (Antoine Velge)

Em 1969 Frédéric Velge e sua família mudam-se para Bruxelas. Os filhos deixam o Liceu Francês em Madrid. Antoine, o filho mais velho tem 13 anos e fica um ano em Paris a estudar. As irmãs Caroline com 11 e Patrícia com 6 acompanham os pais para Bruxelas e adaptam-se facilmente à nova vida.

"Nesses dez anos o meu pai criou uma nova empresa em Africa, na Costa de Marfim para fazer óleo de palma. Desenvolveu muitas plantações na Malásia e na Indonésia. No oriente tinham Plantações de Palma e Árvore-da-borracha.

Normalmente em quase todos estes países era sempre óleo de palma e borracha, porque a empresa não queria estar dependente só dum mercado. De maneira que estes dois mercados andavam normalmente em contra-ciclo. A borracha estava muito ligada ao ciclo dos pneus, da indústria automóvel e da indústria dos aviões, etc.… toda essa parte; enquanto que o óleo de Palma era diferente, estava ligada à matéria-prima, basicamente da indústria das proteínas.




Foram vinte anos, dos quais os quinze primeiros foram extremamente fascinantes para o meu pai. Nesta fase da SOCFIN o meu pai ganhou uma dimensão internacional. (Antoine Velge)"

Como sempre Frédéric entrega-se ao trabalho com dedicação e entusiasmo. Escolhe colaboradores de excelência que o coadjuvam nos seus árduos trabalhos. Agora os seus negócios abarcam uma boa parte do mundo e globalizam-se.

"Sobre o período da SOCFIN há outro colaborador do meu pai, que é o Xavier Scheyven. Esse homem foi para ele o Günter Strauss da Bélgica" (Antoine Velge)

Com a globalização dos seus negócios Frédéric ganha também uma dimensão internacional

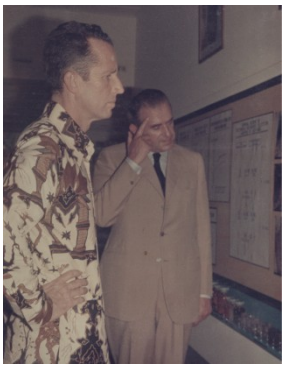
"Nós temos fotografias das fábricas, temos fotografias do meu pai e da minha mãe com o rei da Bélgica. O Rei Balduíno e a mulher a rainha Fabiola, quando foram inaugurar uma fábrica da SOCFIN e temos também uma série de fotografias do meu pai com o Presidente da Costa do Marfim." (Antoine Velge)

"Este é o rei Balduíno, que estava vestido com uma camisa Batik, o Batik é aquela camisa pintada típica dos indonésios. Como era uma visita oficial, os indonésios estavam todos vestidos com Batik e o rei teve que acompanhar o protocolo".

"Isto é a minha mãe com o director das plantações. E este é o director das plantações que é um senhor belga, É um russo de origem, mas que viveu toda vida dele lá em Sumatra. Sumatra é a ilha mais a Norte da Indonésia, onde tínhamos as plantações".

"Aqui temos o Sr. Dell, que está a oferecer um Tigre bebé ao Rei Balduíno e à rainha Fabiola" (Antoine Velge).

Mesmo com novos negócios Frédéric Velge não deixa de acompanhar os negócios da SAPEC em Portugal e em Espanha. Em 1974, com o falecimento do seu pai Antoine, Frédéric torna-se Presidente da SAPEC a empresa familiar"



"Em 1968 ele herdou uma parte duma empresa que um tio que tinha na Bélgica, a SOCFIN e vai ocupar o lugar de Vice-Presidente. Ele continua a acompanhar Tharsis, embora de forma mais espaçada. Formou-se na altura um comité de gestão formado por ele, por mim, que era o Director-geral, pelo Joaquim Chapaprieta do Banco de Santander, pelo Xavier Vega de Seoane antigo quadro da Direcção de Minas de Espanha e pelo Claude Tassel que era o financeiro. No fundo demos continuidade ao trabalho que vinha a ser implementado e ampliamos a actividade. É claro que a presença dele passou a ser mais espaçada. A SOCFIN dava-lhe muito trabalho e ele tinha muitas actividades nas plantações de Óleo de Palma e Borracha que tinham na Indonésia e Malásia. A SOCFIN, não tinha a ver com o negócio das minas, mas ele nunca deixou de acompanhar, tanto mais que em 1974, com o falecimento do Pai ele tornou-se Presidente da SAPEC.(Günter Strauss)

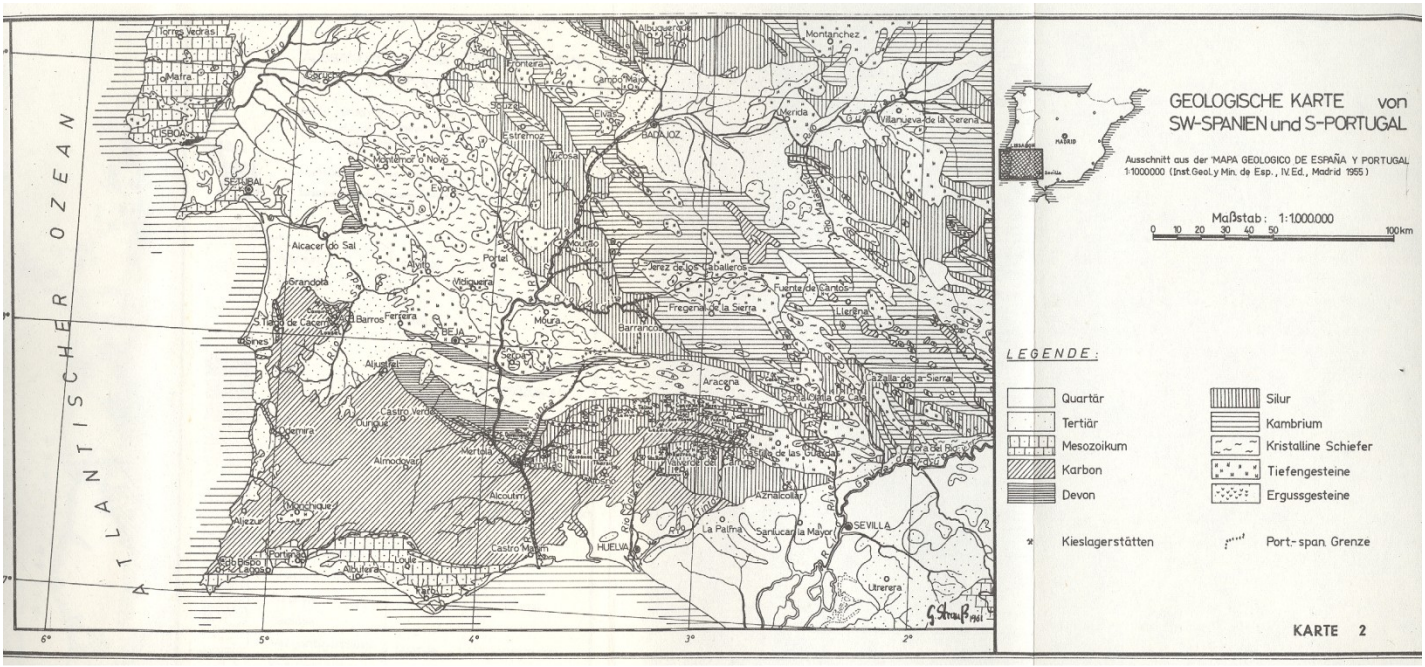
Com o falecimento do seu Pai Antoine Velge, com 73 anos, na quinta d' Ayres em Palmela, poucos dias antes do 25 de Abril de 1974, e no ano seguinte do financeiro Louis Truphême, a actividade da SAPEC vai passar por períodos conturbados.

"A certa altura fazia falta uma cama articulada para o Sr. Antoine Velge, presidente. No Hospital de São Bernardo não havia uma cama articulada. Sr. Antoine Velge, não morreu exactamente no hospital. Morreu na cama articulada na casa dele, na quinta D' Aires. Fui eu que arranjei a cama num centro de enfermagem, lá no Estoril onde viva, e levei a cama na minha Dyane para Palmela. Chegamos lá e tiramos o Sr. Presidente da cama dele no quarto dele, para a cama articulada, da melhor maneira que conseguimos. E quando começamos a levantar a cama, o Sr. Presidente começou-se a sentir melhor e disse assim:"-Já não morro!" Estas são as palavras certas. Mas, coitado, morreu três dias depois. (José Henrique Semeão)

Poucos dias depois eclode o 25 de Abril. A SAPEC tinha então a sua sede na rua Victor Cordon[24], muito perto do Largo do Carmo, o centro dos eventos.

"Nessa altura era o motorista do Sr. Truphême, e estávamos na SAPEC quando se dá o 25 de Abril. Começamos a ouvir tiros. A SAPEC é na Rua Victor Cordon e o 25 de Abril foi memo ali ao lado. Havia ali problemas grandes ali na rua que vinha dar à Victor Cordon. Na rua António Maria Cardoso. Aí é que começaram os tiros. E o Sr. Truphême como teve numa guerra em França onde ele perdeu a família e perdeu a casa dos pais em Nimes. O Sr. Truphême chamou-me. Ele estava no 3º andar e o Sr. Presidente estava sempre no 4º andar, e ele disse-me: "-Zé! Vamos embora que há aí uma brincadeira de meninos com tiros." E então fomos os dois embora para o Estoril (José Henrique Semeão)

[24] Nos anos 50 a SAPEC adquiriu um prédio pombalino na rua Victor Cordon onde instalou a sua sede.


ATLANTISCHER OZEAN
GEOLOGISCHE KARTE von SW-SPANIEN und S-PORTUGAL
Ausschnitt aus der "MAPA GEOLOGICO DE ESPAÑA Y PORTUGAL" 1:1000000 (Inst. Geol. y Min. de Esp., IV. Ed., Madrid 1955)
Maßstab: 1:1000000
0 10 20 30 40 50 100km
LEGENDE:
Quartär
Tertiär
Mesozoikum
Karbon
Devon
Silur
Kambrium
Kristalline Schiefer
Tiefengesteine
Ergussgesteine
Kieslagerstätten
Port.-span. Grenze
KARTE 2

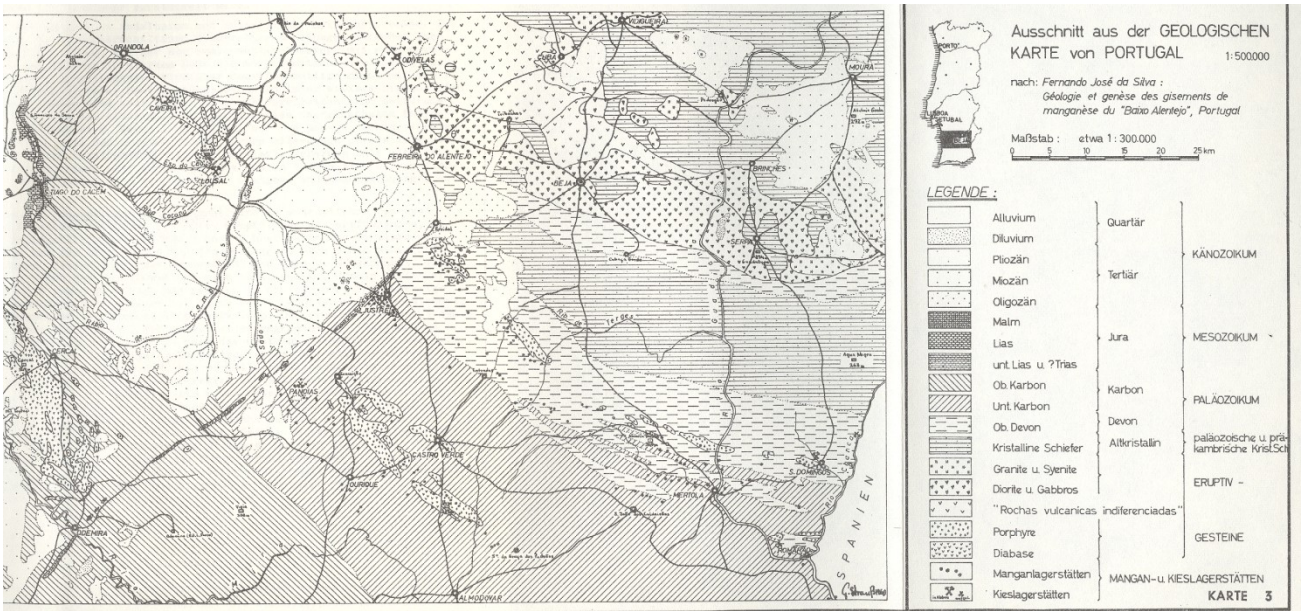
FAIXA PIRITOSA IBÉRICA
Unidades Geológicas Principais
Cobertura terciária
Maciços mesozóicos
Mesozóico
ZONA SUL PORTUGUESA:
Gr. Flysch do Baixo Alentejo
Faixa Piritosa Ibérica:
Complexo Vulcano-Sedimentar
Gr. Filito-Quartzítico
Jazigo de sulfuretos maciços
PORTUGAL
ESPANHA
Bacia Terciária do Baixo Sado
Bacia Terciária do Alto Sado
ZONA SUL PORTUGUESA
ZONA OSSA MORENA
Antiforma do Pulo do Lobo
15 km
ALJUSTREL
LOUSAL
BEJA
S.DOMINGOS
MÉRTOLA
CASTRO VERDE
ALMODOVAR
MONCHIQUE
MARTINLONGO
COVA DOS MOUROS
INETI,
CCDR Alentejo
Câmara Municipal de Aljustrel, Câmara Municipal de Mértola,
Região Turismo Planície Dourada
Portugal-Espanha
Cooperação Transfronteiriça
INTERREG III A

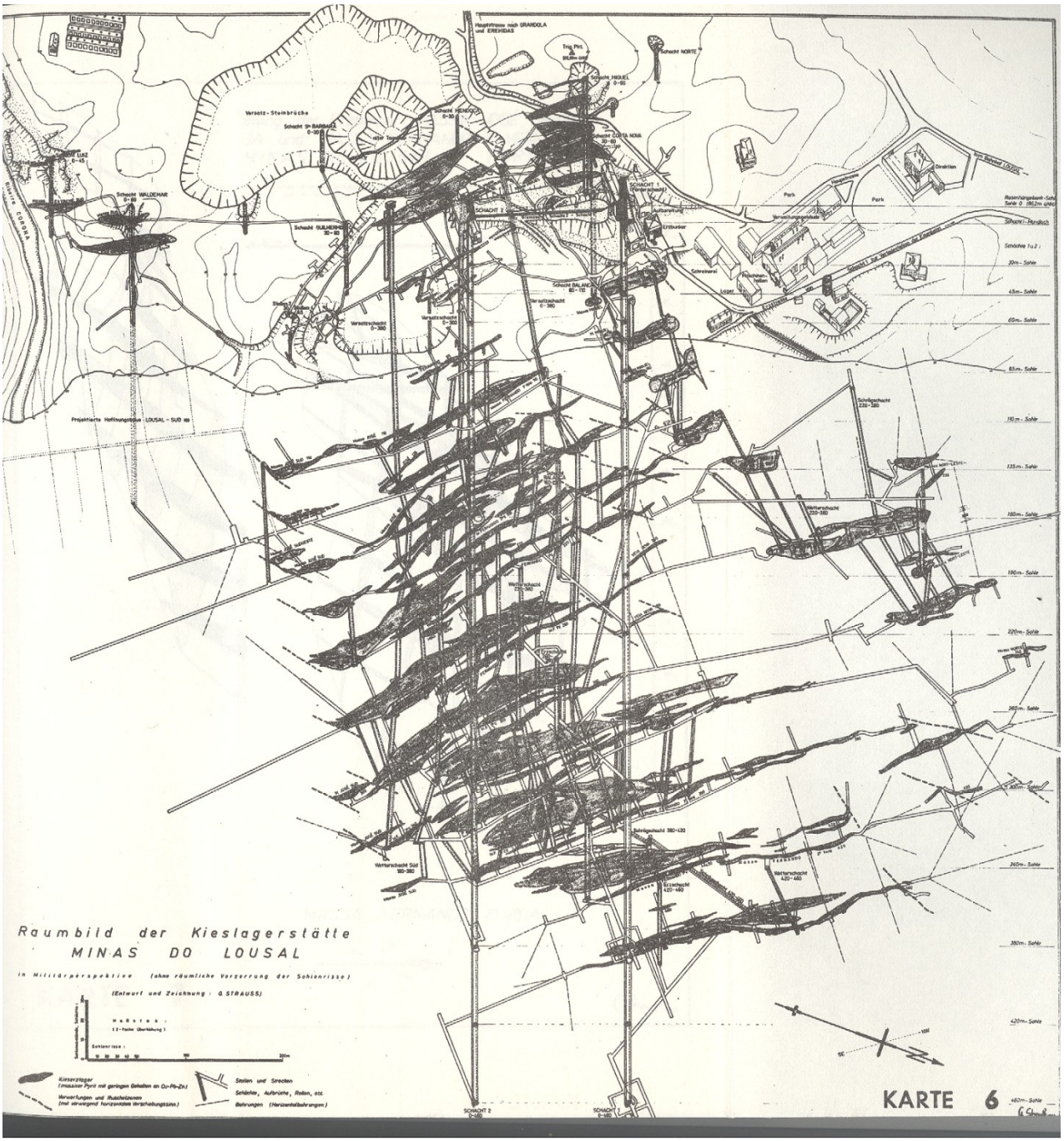
A SAPEC enquanto empresa cotada na bolsa de Bruxelas não será intervencionada pelo Estado Português como aconteceu com o grupo CUF. Todavia, tal como a economia na época sofre de várias vicissitudes, movimentos grevistas, paralisações, reivindicações laborais que afectam o desempenho da empresa.

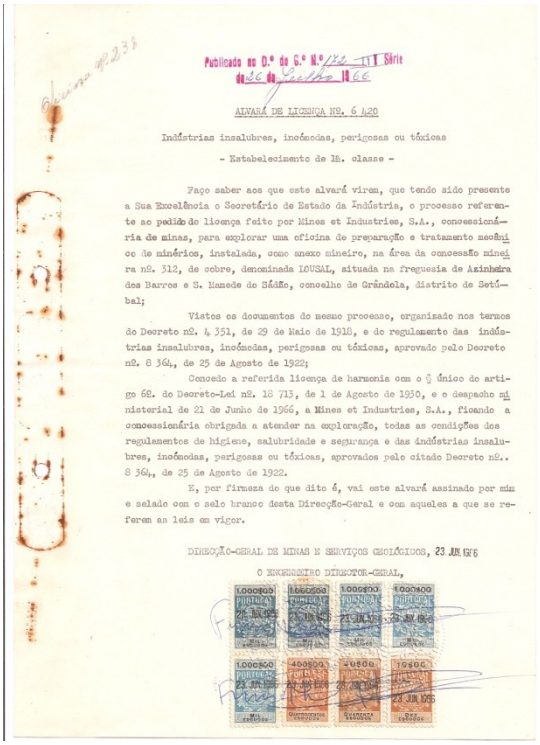
"Nessa altura havia greves. Por exemplo no Palhal eu tive um acidente de carro com o Sr. Marc Velge. Era ele que vinha a conduzir. Nós fomos lá porque queriam parar os fornos da scheelite. Noutra altura, com o Sr. Truphême fomos à meia-noite para a SAPEC em Setúbal. Os trabalhadores queriam parar porque queriam mais ordenado. O Sr. Truphême disse-lhes: *Se param os fornos perdem o vosso ganha-pão. Vocês ao acabarem com os fornos acabam com a SAPEC. E acabando com a SAPEC acabam com os vossos postos de trabalho.* E os velhos trabalhadores da SAPEC de Setúbal lá conversara com a malta mais nova e eles depois é que se entenderam uns com os outros. Mas a SAPEC nunca deixou de pagar os ordenados". (José Henrique Semeão)

Foi em Setúbal que estes problemas assumiram a maior dimensão. Marc Velge, na época o Administrador-delegado, foi quem mais sentiu esses problemas

"O Marc era Administrador-Delegado. Em 1974, durante a Revolução, Marc ficou fechado no seu gabinete de trabalho em Setúbal durante três dias. Marc é que se ocupava de todo o trabalho da SAPEC ele vivia em Portugal." (Madame Velge)


Ausschnitt aus der GEOLOGISCHEN KARTE von PORTUGAL 1:500000
nach: Fernando José da Silva : Géologie et genèse des gisements de manganèse du "Baixo Alentejo", Portugal
Maßstab : etwa 1 : 300.000
0 5 10 15 20 25 km
LEGENDE :
Alluvium
Diluvium
Pliozän
Miozän
Oligozän
Malm
Lias
unt. Lias u. ?Trias
Ob. Karbon
Unt. Karbon
Ob. Devon
Kristalline Schiefer
Granite u. Syenite
Diorite u. Gabbros
"Rochas vulcanicas indiferenciadas"
Porphyre
Diabase
Manganlagerstätten
Kieslagerstätten
Quartär
Tertiär
KÄNOZOIKUM
Jura
MESOZOIKUM
Karbon
Devon
PALÄOZOIKUM
Altkristallin
paläozoische u. präkambrische Kristl.Sch.
ERUPTIV -
GESTEINE
MANGAN- u. KIESLAGERSTÄTTEN
KARTE 3
SPANIEN
BRANDOLA
COVELAS
MOURA
FERREIRA D'ALENTEJO
BEJA
BRANCOS
CASTRO VERDE
MERTOLA
ALJUSTREL
ODEMIRA
ALMODOVAR


Raumbild der Kieslagerstätte
MINAS DO LOUSAL
in Militärperspektive (ohne räumliche Verzerrung der Schienrisse)
(Entwurf und Zeichnung: G. STRAUSS)
Kieserzlager
(massiver Pyrit mit geringen Gehalten an Cu-Pb-Zn.)
Verwerfungen und Ruscheizonen
(mit vorwiegend horizontaler Verschiebungskomp.)
Stollen und Strecken
Schächte, Aufbrüche, Rollen, etc.
Bohrungen (Horizontalbohrungen.)
KARTE 6



Publicado no D.º do G.º N.º 172 – III Série
de 26 de Julho de 66

ALVARÁ DE LICENÇA Nº. 6 420

Indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas

- Estabelecimento de 1ª. classe -

Faço saber aos que este alvará virem, que tendo sido presente a Sua Excelência o Secretário de Estado da Indústria, o processo referente ao pedido de licença feito por Mines et Industries, S.A., concessionária de minas, para explorar uma oficina de preparação e tratamento mecânico de minérios, instalada, como anexo mineiro, na área da concessão mineira nº. 312, de cobre, denominada LOUSAL, situada na freguesia de Azinheira dos Barros e S. Mamede de Sádão, concelho de Grândola, distrito de Setúbal;

Vistos os documentos do mesmo processo, organizado nos termos do Decreto nº. 4 351, de 29 de Maio de 1918, e do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo Decreto nº. 8 364, de 25 de Agosto de 1922;

Concedo a referida licença de harmonia com o § único do artigo 62. do Decreto-Lei nº. 18 713, de 1 de Agosto de 1930, e o despacho ministerial de 21 de Junho de 1966, a Mines et Industries, S.A., ficando a concessionária obrigada a atender na exploração, todas as condições dos regulamentos de higiene, salubridade e segurança e das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovados pelo citado Decreto nº. 8 364, de 25 de Agosto de 1922.

E, por firmeza do que dito é, vai este alvará assinado por mim e selado com o selo branco desta Direcção-Geral e com aqueles a que se referem as leis em vigor.

DIRECÇÃO-GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS, 23 JUN 1966

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL,

"Esses tempos foram muito duros. O meu pai morreu aqui nesta casa dez dias antes do 25 de Abril, o Sr. Truphême morreu no ano seguinte. Nas fábricas aqui em Setúbal não queriam trabalhar. Havia greves quase todos os dias e as empresas passaram por muitas dificuldades. A certa altura fui sequestrado e chegou a haver tiros, mas tudo isso não passou duma brincadeira. As pessoas pareciam crianças. Estive quase três dias no escritório. Mas as pessoas iam-me ver e levavam-me charutos e comida. Esses tempos passaram rapidamente. Hoje dou-me bem com toda a gente" (Marc Velge)

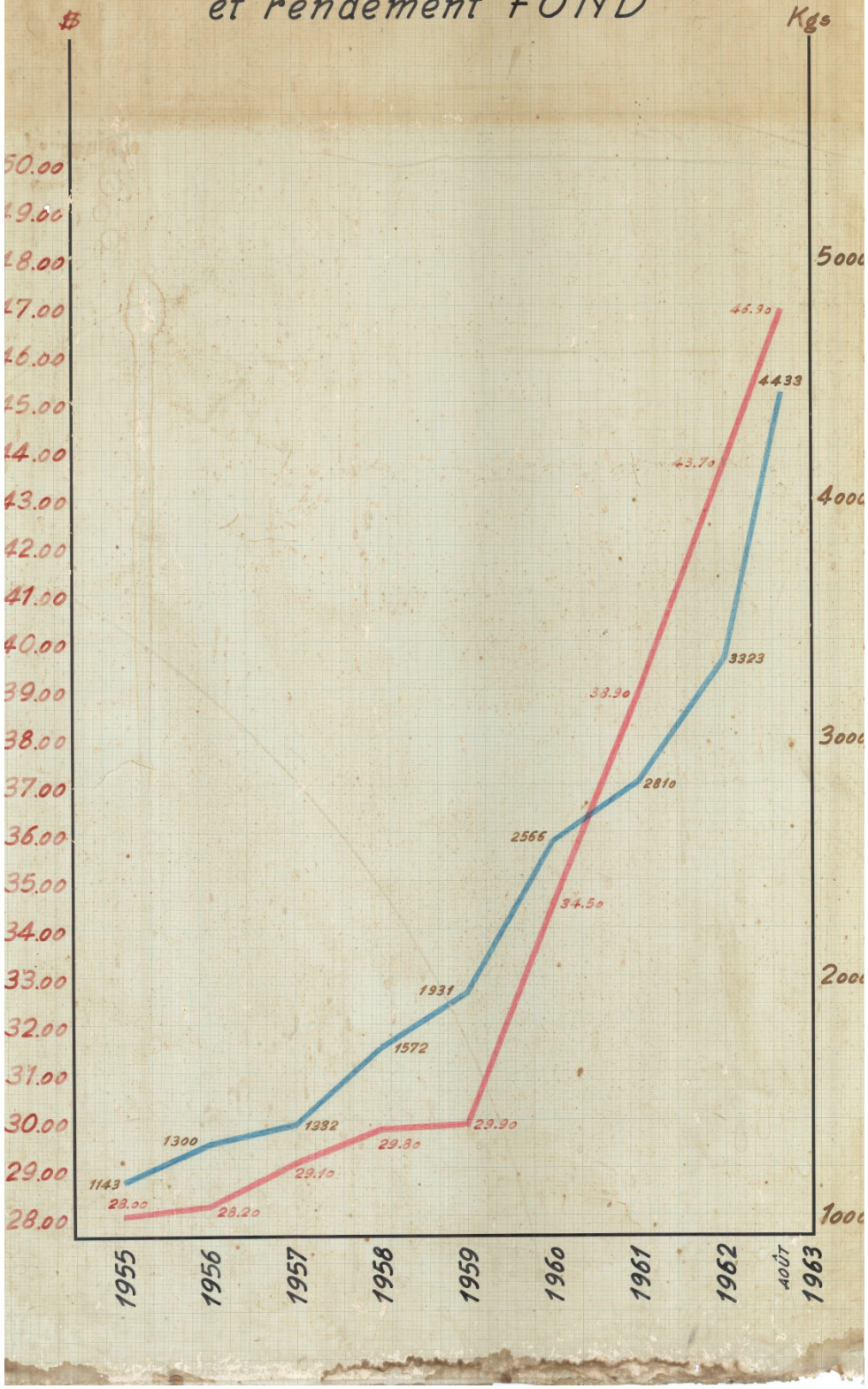
"Eles não abalaram. A certa altura sequestraram o Sr. Marc Velge na fábrica de Setúbal. Nos escritórios da Fábrica de Setúbal. Foi sequestrado. Ficou lá ainda uns dias. Eu ainda lá fui levar uns charutos para ele às escondidas. (José Henrique Semeão)

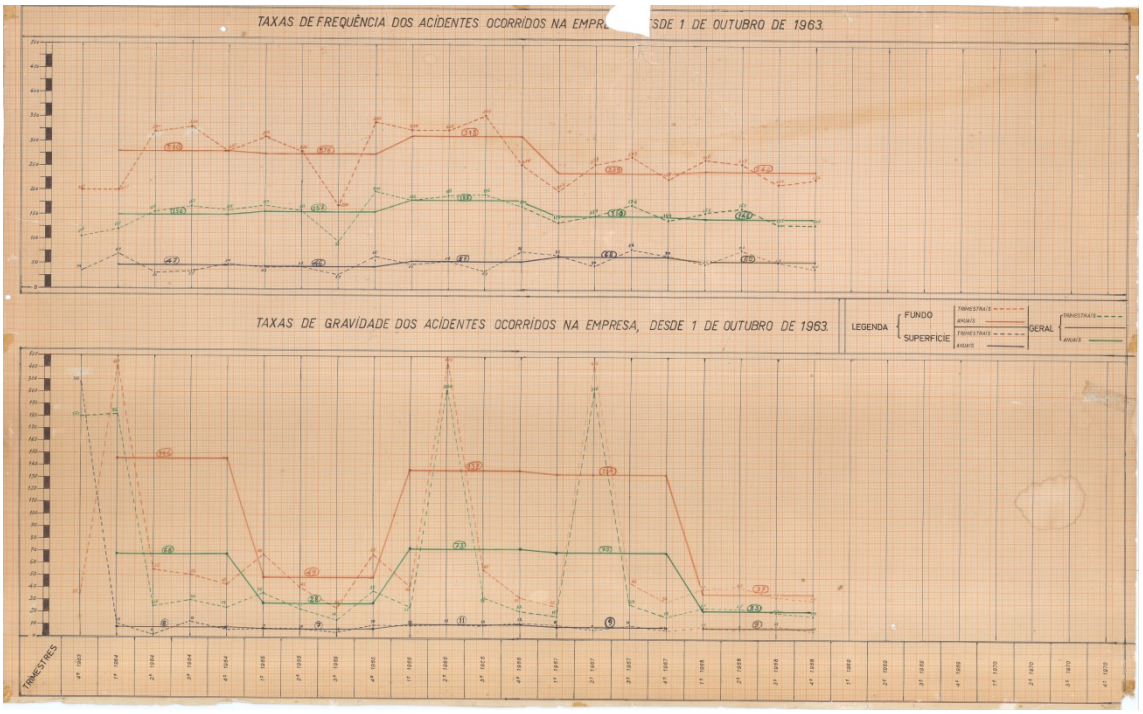
Para toda a família Velge esses tempos não foram fáceis. Os sinais do tempo eram desfavoráveis às famílias proprietárias de grandes negócios. Viam à sua volta as empresas a serem nacionalizadas, viram amigos partir para o exílio. Os negócios eram afectados em toda a sua dimensão e passavam por grandes dificuldades

"Pois o que acontecia era o seguinte: A SAPEC vendia adubos, não era? Pois os agricultores, na altura transformados em Unidades Colectivas de Produção não pagavam. A SAPEC também vivia o seu drama. Como é que podiam pagar aos trabalhadores quando não recebiam. Mas eles pagavam. O dinheiro vinha não se sabe de donde. Mas pagavam. Nunca faltou um ordenado aos trabalhadores. A SAPEC sempre teve grandes financeiros" (José Henrique Semeão)

# MINA DO LOUSAL

## Courbes salaire moyen et rendement FOND




TAXAS DE FREQUÊNCIA DOS ACIDENTES OCORRIDOS NA EMPRESA, DESDE 1 DE OUTUBRO DE 1963.
TAXAS DE GRAVIDADE DOS ACIDENTES OCORRIDOS NA EMPRESA, DESDE 1 DE OUTUBRO DE 1963.
LEGENDA
FUNDO
SUPERFÍCIE
TRIMESTRAIS
ANUAIS
GERAL
TRIMESTRAIS
ANUAIS
TRIMESTRES

Mas não era só em Portugal que se faziam sentir os sinais do Tempo. Também em Espanha, em Tharsis se avolumam dificuldades que Frédéric, como presidente acompanha de perto.

Nos finais dos anos 60 o clima de paz social começa a alterar-se. Tudo mudou para pior e as coisas começaram a deteriorar-se. É certo que em Portugal as coisas foram um bocado mais suaves do que aqui em Espanha. As gentes aqui são mais rudes, mais sanguíneas. Os portugueses são um povo mais dócil. Eu aqui tive muitos problemas nos anos oitenta, que foram, parece-me muito mais graves do que aqueles que houve em Portugal, em Setúbal.

Em 1975 sai uma lei em Espanha, que têm aplicação a partir de 1978, que impede que as empresas mineiras em Espanha tivessem a maioria do capital nas mãos de estrangeiros. A empresa de Tharsis era inglesa, tinha sido comprada aos ingleses e estava cotada na bolsa de Londres Tivemos que fazer então uma estratégia de Spinoff, isto é separamos a concessão mineira da parte imobiliária. A Tharsis PLC ficou com a componente imobiliária e a comercialização das pirites, ao mesmo tempo que se forma uma nova companhia, de capital maioritariamente espanhol, apenas para explorar as minas de pirite: A "Compañia Española de Minas de Tharsis" e que passou a estar cotada na Bolsa de Madrid. Tudo o que não é industrial ficou na Tharsis. Nessa altura o Sr. Frédéric Velge torna-se o presidente da Companhia Tharsis inglesa, e Conselheiro Delegado da Tharsis espanhola. A Presidência da companhia tinha que ser ocupada por um espanhol. Eu fico como secretário-geral das duas empresas. Cada uma das companhias tinha negócios diferentes. A Tharsis inglesa começou a valorizar o seu património e a Tharsis espanhola explorava as pirites. Foi também na altura em que aumentou muito fortemente a contestação social. As greves eram constantes.

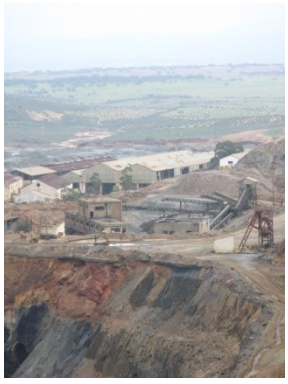
Chegaram a estar de greve cerca de 3.000 pessoas, o clube foi destruído e houve cerca de 32 carros que foram queimados. Eu tive que enviar a minha família para Madrid, a minha casa foi várias vezes assaltada. Entre 1982 e 1984 vivi aqui grandes problemas (Günter Strauss)

Ainda assim, perante a adversidade, o grupo não deixa de procurar novas soluções de forma a rentabilizar os seus negócios.

Foi nessa altura que desenvolvemos, em parceria com um grupo inglês/canadiano (que tinha 40 %) e um grupo belga (que tinha 10 % do negócio) o processo de separação do ouro e da prata. Por cada tonelada de pirite conseguia-se retirar 2 gramas de ouro e 5 gramas de prata. Os resultados eram muito bons no geral. Nessa altura o preço do ouro no mercado mundial estava em alta, mas os preços da pirite estavam a cair fortemente e de forma constante. (Günter Strauss)

Entretanto Frédéric Velge prosseguia com os seus negócios na SOCFIN. Mas a vontade de se envolver sempre em novas experiências levou-o em 1985 a envolver-se em novos projectos. Desta vez aventura-se no risco da imprensa. É uma intervenção fugaz, mas certeira. O seu objectivo é recuperar financeiramente um grupo editorial.

"Na parte final dessa fase da Bélgica o meu pai apoiou uma família Belga, a família le Hodey, para retomarem um jornal francófono na Bélgica. Na Bélgica temos duas populações: os francófonos e os flamengos, e o meu pai estava perfeitamente convencido que a Bélgica francófona era importante que continuasse a sobreviver. E houve um momento, em que os dois grandes jornais francófonos belgas que eram: "La Libre Belgique e "La Dernière Heure-Les Sports" estavam muito mal financeiramente. Estavam quase para fechar. E nessa altura o meu pai apoiou a iniciativa dos le Hodey e juntos retomaram e desenvolveram o negócio. Fizeram uma nova rotativa. O meu pai fazia muita questão nesta parte dos jornais. (Antoine Velge).



O grupo "Libre Bélgique" era um grupo que teve a sua génese no início do século XX e pertencia a uma família abastada, a família Brébart[25]. Nos anos setenta tinham sido realizados vários negócios menos felizes. O grupo de imprensa tinha avultadas dívidas e um parque de máquinas obsoleto. Drante largos anos não tinham sido efectuados investimentos.

Nos inícios dos anos oitenta François le Hodey, oriundo duma família industrial de valões, de tradição católica, encontrou Frédéric Velge. Ele andava à procura de apoio ao seu projecto empresarial de reestruturação da empresa de comunicação. Pretendia aumentar o capital para sanear as finanças e profissionalizar o corpo redactorial. Velge era na altura accionista da "Caísse Privée" um banco que veio a prestar o seu apoio a este projecto. Entre os dois desenvolve-se nos anos seguinte uma empatia e uma concordância dos princípios levou a que tomassem o controlo do grupo em 1985. Os dois mantiveram a tradição liberal de "*La Dérniere Heure*" e contiveram a tentativa de manipulação política, objectivos que terceiros pretendiam alcançar. Concretizado este projecto, e estabilizada a gestão da empresa em 1986, Frédéric Velge afasta-se da gestão e vende as suas acções.

Mais uma vez Frédéric tinha dado provas das suas capacidades como empresário. Um empresário empenhado na construção de qualquer coisa que trouxesse bem-estar e prosperidade.

Entretanto, em Portugal a partir de 1981 começa a tomar forma os acontecimentos que o conduzirão mais uma vez à alteração radical da sua vida profissional e da sua família.

[25] O primeiro número de *La Derniere Heure* sai para as bancas em 19 de Abril de 1906

**MINAS DO LOUSAL**

Boletim de Análise N.º 744

Natureza e proveniência das amostras Pirite 0/8 m/m - COBRE

| N.º | Data | Proveniências | Percentagem dos teores em : | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Enxofre | Cobre | Ferro | Chumbo | Zinco | Arsénio |
| | | Dias 20 - 21 e 22/10 | 42,18 | 1,00 | | | | |

Lousal, 28/10/69

Observações :

---

**MINES ET INDUSTRIES, S. A.**

LOUSAL

Boletim de Análise N.º 608

Amostra de Média de 7.157.100 quilos de pirite 0/8 m/m fornecidos à S.A.P.E.C. durante o mês de Março de 1969

Guia de Remessa N.º Guia de Trânsito N.º

Expedição em de Março de 196 9

Observações :

RESULTADO DA ANÁLISE

| | | |
|---|---|---|
| S. | 41,60 | % |
| Cu. | 0,93 | % |

Lousal, 11 de Abril de 196 9

O Analista,

Mod. 42

407

**MINES ET INDUSTRIES, S. A.**
LOUSAL

Boletim de Análise N.º 608

Amostra de Média de 7.157.100 quilos de pirite 0/8 m/m fornecidos à S.A.P.E.C. durante o mês de Março de 1969

Guia de Remessa N.º ..... Guia de Trânsito N.º .....

Expedição em ... de Março de 196 9

Observações: .....

RESULTADO DA ANÁLISE

| | | |
|---|---|---|
| S. | 41,60 | % |
| Cu. | 0,93 | % |

Lousal, 11 de Abril de 196 9

O Analista,

Mod. 42 407

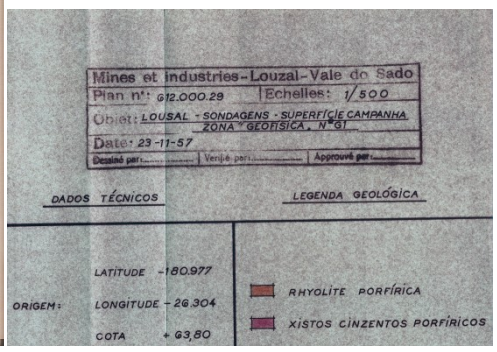
MINES ET INDUSTRIES, S.A.
MINE DE LOUSAL

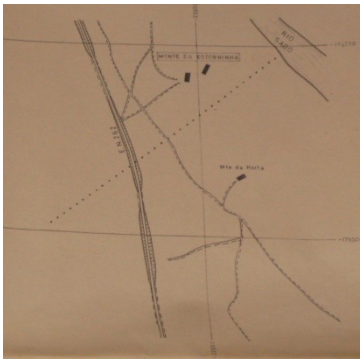
GEOLOGIE

RAPPORT ET PROGRAMME

NOTE SUR LES TRAVAUX DE GEOLOGIE EFFECTUÉS, EN COURS ET LEUR PLANIFICATION

Lousal, le 15 Décembre 1972





"Eu, em 1981 contratei o Dr. Catroga[26]. Fui eu que o trouxe para trabalhar na SAPEC. Tínhamos tido uma informação dum amigo nosso, dum banco, de que o Dr. Catroga estava disponível para trabalhar connosco." (Marc Velge).

"Estávamos em Abril de 1981, fui primeiro contactado pelo Sr. Marc Velge e depois convidado pelos Srs. Marc Velge e Freddy Velge. Foram ambos que me convidaram na Victor Cordon, para vir para a SAPEC. E em Agosto de 1981, eu aceitei ir para Co-Administrador Delegado da SAPEC. A SAPEC tinha como único Administrador-Delegado o Sr. Marc Velge e portanto a SAPEC passou a ter dois administradores delegados. Foi a primeira vez que contactei com o Sr. Freddy Velge.

Na altura tinha decidido não aceitar novo mandato na Vice-Presidência da Quimigal (empresa pública, que integrou a CUF nacionalizada) e reequacionar a minha vida profissional. Tinha duas ou três opções. Tinha enviado o meu currículo ao Prof. Blondel, que era Presidente do KréditbanK (banco com sede no Luxemburgo) para a hipótese de o banco pretender ter um representante em Portugal, e com o qual tinha contactado na qualidade de Administrador Financeiro da CUF. Não sabia que ele era simultaneamente administrador não executivo da SAPEC. Quando recebeu o meu currículo, Blondel fala com o Marc Velge. "*-Há aqui um moço que poderia ser útil à SAPEC"*.

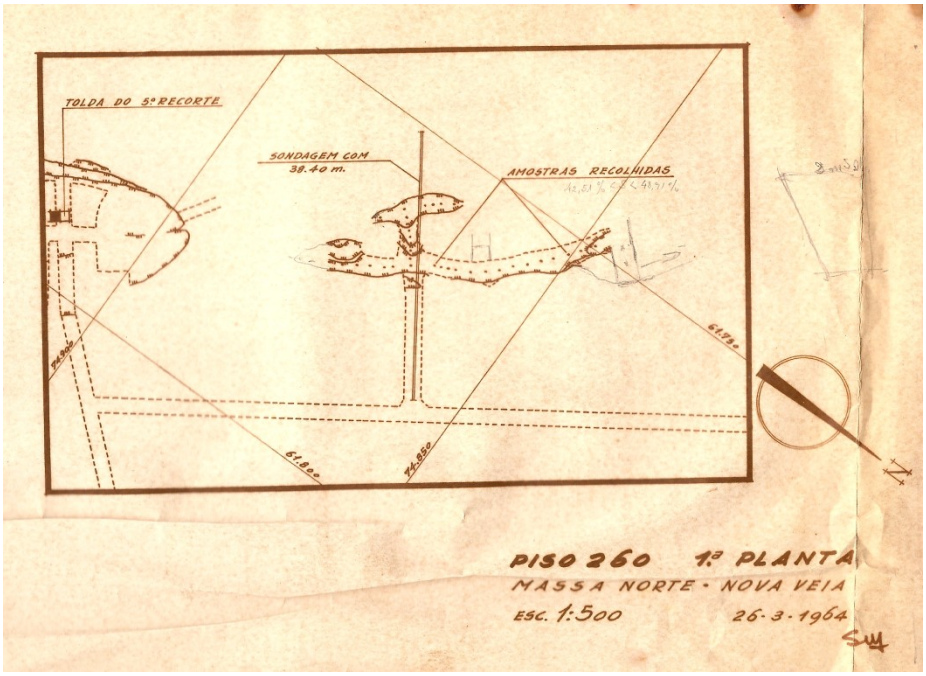
[26] Eduardo de Almeida Catroga nasce em São Miguel de Rio Torto, em Abrantes a 14 de Novembro de 1942. É nomeado Presidente da SAPEC em 2002, após o falecimento de Frédéric Velge. Inicia a sua actividade profissional no Grupo CUF em 1966. No início de 1974 é nomeado administrador, situação que mantém após a nacionalização.

COMPAÑIA DE AZUFRE Y COBRE DE THARSIS LTDA.

*DEPARTAMENTO DE INVESTIGACIONES*

MINAS DE THARSIS — T S — (HUELVA)

| | | | |
|---|---|---|---|
| ORIGINAL | | INVESTIGACION EN LOUSAL - CAVEIRA | CENTRO |
| M. ET. I. | | MINES ET INDUSTRIES S.A. (PORTUGAL) | |
| DIBUJADO | | | PROYECTO Nº |
| G. P. A. | Ruado | SITUACION DE PERFILES GEOELECTRICOS | |
| COMPROBO | | EN VARIAS ZONAS DEL AREA CATIVA | FECHA |
| F. M. M. | | | Febrero 1974 |
| ESCALA | | | PLANO Nº |
| 1 : 5000 | | | 4 |
| | | | ARCHIVO |



A SAPEC estava a atravessar um período muito difícil. A SAPEC tinha perdido quota de mercado, com as nacionalizações e com a Reforma Agrária no Alentejo. A SAPEC era essencialmente forte nos adubos no Sul do país. E a sua quota no mercado de adubos passou de cerca de 25% para 10 a 15 %. Na altura, os adubos eram subsidiados pelo Fundo Abastecimento, que se atrasava muito nos pagamentos. A SAPEC sofrera grandes quebras de produtividade nas fábricas. Nessa fase a grande preocupação estratégica era a sobrevivência da empresa face aos grandes desequilíbrios económicos e financeiros acumulados. (Eduardo Catroga)".

E é a questão da viabilidade da SAPEC, a empresa familiar criada pelo seu pai Antoine e pelo seu avô Frédéric Jacobs que motivará Frédéric Velge para mais um desafio e regressar à casa mãe fundada pelo seu pai e avô.

o magno desafio

A entrada de Eduardo Catroga no quadro dos administradores da SAPEC representou, na época, uma aquisição de competências da maior valia. Eduardo Catroga, um dos mais conceituados economistas do país, com um profundo conhecimento da área de negócio, lança-se ao trabalho para enfrentar o desafio de viabilizar a empresa. Mais uma vez a estratégia da família Velge de apostar nos melhores recursos disponíveis irá ser coroada de sucesso. Frédéric Velge ganhará a sua aposta e um amigo para a vida.

"Em 1982 fui para co-administrador delegado da SAPEC e tive uma coabitação com o Sr. Marc Velge perfeitamente saudável. O Sr. Marc Velge deu-me carta branca para eu gerir a empresa. Ele dedicava-se essencialmente ao projecto com que sonhava: a SAPEC II. Criou uma unidade de investigação e uma unidade piloto em Setúbal para desenvolver uma nova tecnologia para a pirite e para a recuperação dos metais nela contidos. Tinha uma equipa dedicada a isso com técnicos belgas e portugueses. E eu tomei conta realmente da gestão executiva da empresa em Lisboa. Após um diagnóstico rápido, reestruturei a SAPEC por "Profit Centers", isto é por unidades de negócio, e comecei a implementar um novo sistema de gestão.

A SAPEC na altura tinha o negócio dos adubos, uma pequena actividade de agroquímicos e uma outra de rações para animais. Criámos três unidades de negócios: adubos, agroquímicos e rações. Introduzimos novas metodologias de gestão; novo sistema de planeamento e de controlo, de avaliação de

performance, e de análise de investimentos. Reestruturámos as equipas de gestão. Passámos duma organização funcional centralizada, para uma gestão descentralizada por unidades de negócios. Com enfoque na recuperação da situação económica e financeira da empresa.

Em 1981 a empresa estava à beira da falência. O endividamento bancário era muito alto, cerca de 70% a 80 % das vendas. Em resultado da reestruturação encetada, da nova metodologia de gestão, da motivação das equipas, duma nova eficiência e rigor, a SAPEC foi recuperando a sua situação económica, e as suas posições no mercado. Em 1987 a recuperação estava bastante avançada e podia então começar-se a pensar num novo ciclo de desenvolvimento. (Eduardo Catroga)

Frédéric Velge acompanha esses primeiros anos de actividade de Eduardo Catroga com algum distanciamento.

Eu contactava com o Sr. Freddy Velge nas reuniões do Conselho da Administração que se realizavam de três em três meses em Bruxelas. A SAPEC era o grupo económico da família e que ele acompanhava, mas que não vivia no dia a dia, a não ser (actividade que ele nunca deixou) a gestão dos interesses da SAPEC em Espanha, que na altura se limitavam à Tharsis, onde era o maior accionista sem ter o controlo da empresa. A Tharsis era também uma empresa de pirite que Günter Strauss geria em

ligação com o Sr. Frédéric Velge. Mas na época Frédéric Velge preocupava-se essencialmente com a gestão dos interesses que tinha herdado dum tio no grupo económico belga SOCFIN." (Eduardo Catroga)

Apesar da recuperação financeira e da melhoria de performance das empresas em Portugal, as incertezas em relação ao futuro eram ainda muitas. A entrada de Portugal na Comunidade Europeia iria mudar as regras do jogo. A evolução da economia mundial também aconselhava cautelas. E, Frédéric Velge, apesar de empenhado nos seus negócios da SOCFIN não descurava a avaliação estratégica das suas participações na SAPEC. Nas reuniões da Administração da SAPEC as fundamentadas palavras e a capacidade de trabalho do economista eram acompanhadas com atenção

"A SAPEC ainda tinha o antigo esquema industrial e modelo de negócio. Tinha as velhas fábricas de ácido sulfúrico que consumiam a pirite do Louzal e estava a acumular prejuízo. Quando em 1986 Portugal entrou na Comunidade Económica Europeia, era evidente que toda a filosofia de gestão tinha que mudar. Todos os conceitos antigos em que os preços eram administrados pelo governo com base nos custos – independentemente dos preços dos adubos no mercado português serem superiores aos dos mercados internacionais –, foram postos em causa. A SAPEC para sobreviver neste sector tinha que ser competitiva. Isto é, tinha que produzir adubos a preços competitivos. E a pirite tinha já deixado de ser uma matéria-prima competitiva, tal como o velho aparelho industrial de Setúbal**.**" (Eduardo Catroga).

"A SAPEC, nesses anos tinha o mesmo problema que nós estávamos a ter em Tharsis. Em Portugal não havia talvez um

grau de conflituosidade social tão grande, mas havia que tomar uma decisão em relação ao futuro dos negócios. Nós sabíamos que o mundo da pirite estava a terminar e havia que encontrar alternativas" (Günter Strauss)

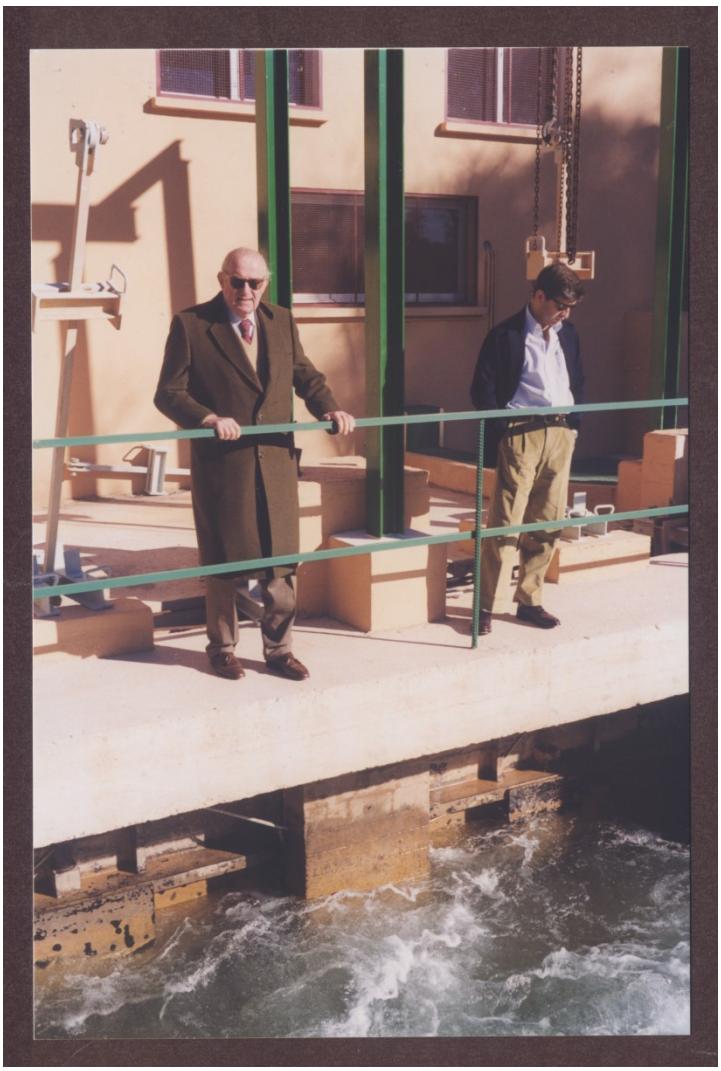
"Eu sei que o meu pai e o Conselho de Administração da SAPEC já em 1984, pediu ao Günter uma opinião exclusivamente técnica sobre a Mina do Louzal. Nessa altura ele já tinha entrado no Conselho de Administração da SAPEC. E naquela altura o Günter tinha recomendado o fecho do Louzal por razões técnicas e económicas.

Ele naquela altura fez uma comparação entre os custos da extracção de uma tonelada de pirite no Louzal versus a mesma tonelada na Tharsis, mais o transporte até Setúbal. Não há dúvidas que naquela altura a mina de Tharsis, que fazia 300.000 toneladas, era mais competitiva, comparando com o Louzal, que fazia 120.000 mil toneladas. Nos adubos estava a acontecer exactamente a mesma coisa. Nós estávamos em vésperas da entrada na Comunidade Económica Europeia, e o Dr. Catroga já sabia perfeitamente que os apoios à indústria de adubos iam acabar. Naquela altura já se sabia que o negócio das minas para fabrico de adubos estava basicamente condenado. (Antoine Velge)

As opções estavam-se a tornar claras. Com Eduardo Catroga a gerir a SAPEC em Portugal, tinha sido possível melhorar os resultados e a organização da empresa. Mas isso revelava-se insuficiente em relação ao futuro. Havia áreas de negócio que

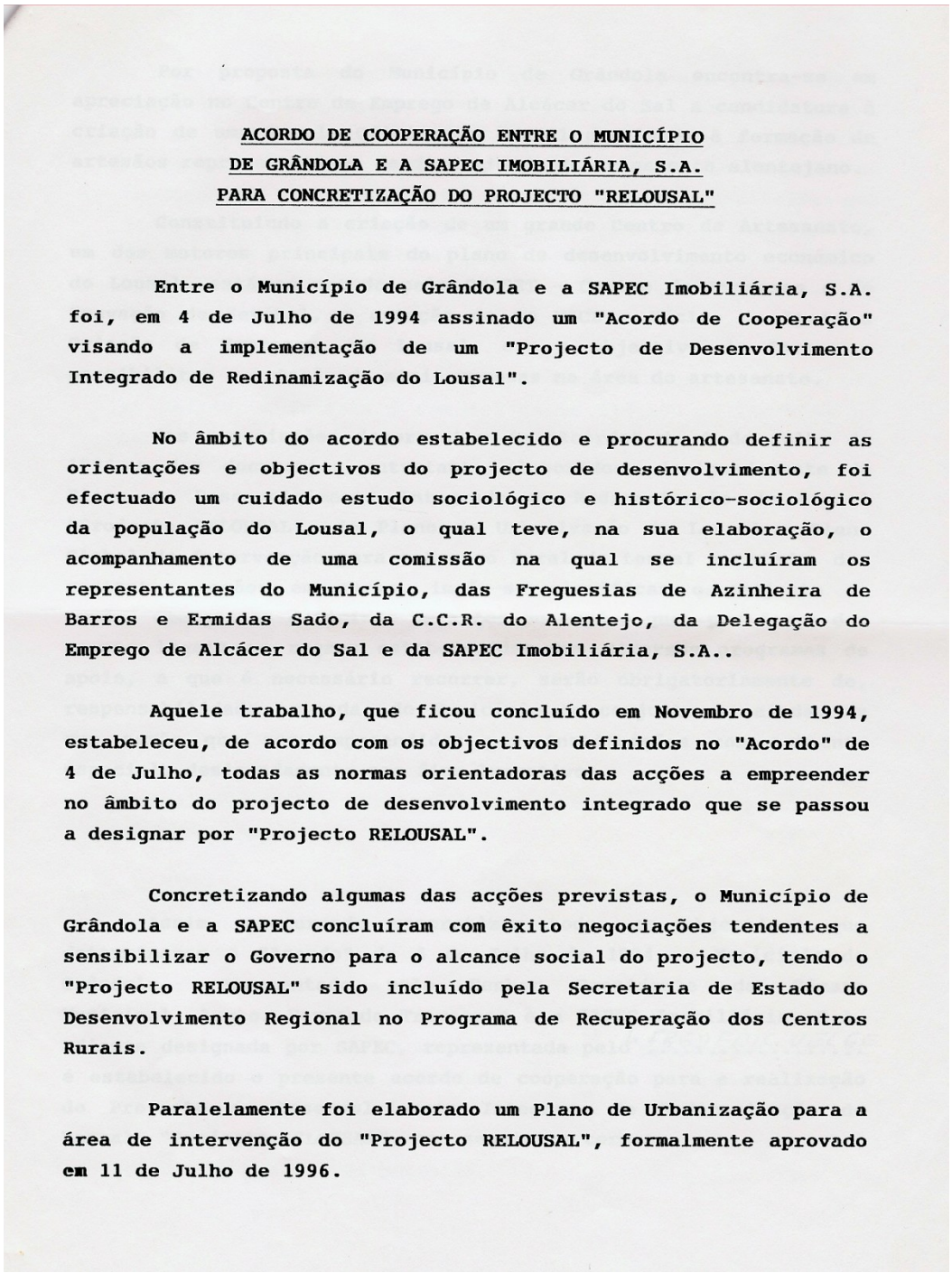
não apresentavam viabilidade, e o mercado único europeu viria por certo agravar a situação.

"Para produzir adubos a preços competitivos tinha que se ter os produtos químicos intermédios, entre os quais o ácido sulfúrico, o ácido fosfórico, etc., também a preços competitivos. Tornava-se, então, evidente que o modelo industrial clássico, concebido nos anos de 1950 e 1960, baseado na exploração e produção de pirite, integração a jusante com a produção de ácido sulfúrico e fosfórico, etc., não tinha condições de viabilidade futura. E porquê? Porque a pirite deixara de ser uma matéria competitiva para produzir o ácido sulfúrico e porque as instalações industriais de produtos intermédios a jusante não tinham dimensão competitiva. O ácido sulfúrico a nível internacional passou a ser produzido essencialmente a partir do enxofre (extraído de minas a céu aberto ou proveniente da recuperação das refinarias de petróleo) e tornou-se um subproduto banal." (Eduardo Catroga).



As opções estavam claras. Haviam decisões a tomar em relação ao futuro do modelo industrial da SAPEC. Ou se continuava o modelo industrial clássico ou se fazia evoluir esse modelo. Era em função dessas escolhas que havia de se decidir o que fazer em Setúbal e qual o futuro das minas; Do Louzal em Portugal e de Tharsis em Espanha.

Para Frédéric Velge a decisão não era fácil. Manter o modelo clássico parecia ser caminhar para a ruína. Alterar era ter que enfrentar o seu irmão, um companheiro de sempre a quem o pai



**ACORDO DE COOPERAÇÃO ENTRE O MUNICÍPIO DE GRÂNDOLA E A SAPEC IMOBILIÁRIA, S.A. PARA CONCRETIZAÇÃO DO PROJECTO "RELOUSAL"**

Entre o Município de Grândola e a SAPEC Imobiliária, S.A. foi, em 4 de Julho de 1994 assinado um "Acordo de Cooperação" visando a implementação de um "Projecto de Desenvolvimento Integrado de Redinamização do Lousal".

No âmbito do acordo estabelecido e procurando definir as orientações e objectivos do projecto de desenvolvimento, foi efectuado um cuidado estudo sociológico e histórico-sociológico da população do Lousal, o qual teve, na sua elaboração, o acompanhamento de uma comissão na qual se incluíram os representantes do Município, das Freguesias de Azinheira de Barros e Ermidas Sado, da C.C.R. do Alentejo, da Delegação do Emprego de Alcácer do Sal e da SAPEC Imobiliária, S.A..

Aquele trabalho, que ficou concluído em Novembro de 1994, estabeleceu, de acordo com os objectivos definidos no "Acordo" de 4 de Julho, todas as normas orientadoras das acções a empreender no âmbito do projecto de desenvolvimento integrado que se passou a designar por "Projecto RELOUSAL".

Concretizando algumas das acções previstas, o Município de Grândola e a SAPEC concluíram com êxito negociações tendentes a sensibilizar o Governo para o alcance social do projecto, tendo o "Projecto RELOUSAL" sido incluído pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional no Programa de Recuperação dos Centros Rurais.

Paralelamente foi elaborado um Plano de Urbanização para a área de intervenção do "Projecto RELOUSAL", formalmente aprovado em 11 de Julho de 1996.

tinha confiado as rédeas da produção industrial da empresa e acabar com o mundo dos mineiros. Um mundo que tinha ajudado e erigir do qual tinha gratas memórias.

"A pirite do Louzal não era suficientemente rica em metais para ser fonte de produção de metais, como era por exemplo a pirite de Neves Corvo. E portanto tornou-se evidente para mim que a SAPEC tinha que fechar a mina do Louzal. Ao mesmo tempo não fazia sentido o projecto do Sr. Marc Velge de fazer o "revamping" da mina do Louzal e construir novas unidades de produção a partir dessa matéria-prima. E estávamos em 1987. A

recuperação económica e financeira da SAPEC estava em marcha a bom ritmo" (Eduardo Catroga).

"Bem, nessa época o problema que se colocava era saber, se nas fábricas da SAPEC era possível aproveitar para a indústria, de forma rentável o zinco, o cobre e o ouro. Isso para além da produção de ácido sulfúrico. Em 1984 eu entro no conselho de administração da SAPEC. Eu em Tharsis desenvolvi um processo de aproveitamento do ouro que permitiu a produção de um tonelada de ouro (Günter Strauss).

Mas todas as informações recolhidas e a maioria dos conselhos apontavam num sentido. Frédéric Velge vai formando a convicção de que se impunha a alteração da estratégia na SAPEC.

"Nessa altura eu queria aumentar a capacidade de produção da SAPEC porque as nossas fábricas não eram competitivas. Tínhamos que substituir os fornos. Eu criei uma unidade de investigação para fazer estudos sobre o nível de produção e sobre os novos processos de fabrico que devíamos implementar. Nós precisávamos de aumentar em 10 vezes a nossa capacidade de produção para conseguirmos fazer uma nova SAPEC, a SAPEC II" (Marc Velge).

"Penso que o seu irmão Marc, nessas alturas esteve menos bem assessorado. Sabe às vezes as pessoas que dizem aos chefes aquilo que eles querem ouvir são piores que os seus próprio inimigos. Sei que a decisão do Frédéric Velge não foi fácil, mas ele teve que optar pelo caminho que achava mais adequado para o futuro. E repare, não foi só em relação ao seu irmão que ele teve que tomar decisões que eram difíceis e que os afectaram a todos. Foi também toda a sua vida nas empresas em que estava que teve que ponderar. Ele esteve na SOCFIN cerca de 20 anos. Mas mais uma vez ele demonstrou a coragem e a sagacidade de encontrar um rumo certo e apostar nele. (Günter Strauss)

"Fui ter com o Sr. Freddy Velge e disse assim: "-Olhe! Na minha avaliação estratégica isto não tem condições para prosseguir. O seu irmão está a insistir. E portanto para a SAPEC há que escolher o caminho que o seu irmão defende ou há o caminho que eu defendo. E eu defendo é esta reestruturação dos adubos implicando o fecho definitivo do Louzal e das fábricas de ácido

sulfúrico, ácido fosfórico, e fosfato de amónio. E depois, gradualmente, realizar a diversificação da SAPEC. O seu irmão defende o caminho da SAPEC histórica, e isso não tem futuro.

E o Sr. Freddy Velge, que também conhecia não só a evolução da pirite, pois continuou sempre ligado à pirite em Espanha,

também conhecia as tendências globais da economia dos mercados dos adubos, do ácido sulfúrico e da pirite, não teve, digamos, qualquer hesitação em apoiar-me. Isso aí foi a causa próxima, da desinteligência accionista, da divergência no seio da família". (Eduardo Catroga)

"Em 1986 o meu pai começa a dizer. *Bom, temos essa divergência estratégica com o teu tio. Vamos ter de fazer alguma coisa. O Dr. Catroga falou comigo. Ele tem as ideias claras sobre o que deve ser de facto a SAPEC no futuro enquanto o teu tio está muito agarrado à parte industrial*. *Vamos ter que fazer alguma coisa."* (Antoine Velge)

Essa terá sido a mais difícil decisão de Frédéric Velge. A luta entre a emoção e a razão foi forte mas a sua visão de empresário, a sua convicção de que o futuro é construído todos os dias com esforço e dedicação prevaleceria. Em toda a sua vida este terá sido o momento em que a convicção de que algo de novo implica o sacrifício de algo do velho. A sua percepção das forças em jogo foi explorada até ao limite.

"O Sr. Marc Velge tinha um perfil de empresário diferente do irmão. É uma pessoa encantadora, (de que gosto muito), mas essencialmente emotiva e influenciável, enquanto que o irmão era do tipo mais racional. Era, portanto, mais fácil de falar com Frédéric Velge em termos de negócios e de racionalidade económica. O Sr. Marc Velge vivia ainda noutro mundo económico. Vivia no mundo económico dos anos 1960 e 1970 e não no mundo da concorrência que ai vinha com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia em 1986. Ele não

interiorizara as implicações do cenário da concorrência e da competitividade e da mudança das regras no jogo económico" (Eduardo Catroga).

"O conflito estratégico aqui na SAPEC, entre o Dr. Catroga e o

meu tio Marc, eclode em 1986. O meu pai envolveu-se muito nesse conflito. O meu pai era o accionista minoritário na SOCFIN, com um acordo de gestão com outros 2 accionistas importantes que apoiavam a sua gestão. Na SAPEC também era minoritário individualmente e precisava dos votos do meu tio para poder decidir. Disse ao meu pai: Não faz sentido continuares a fazer a tua vida minoritário. Nas decisões da SOCFIN vais estar dependente das decisões dos teus sócios, na SAPEC vais estar dependente das decisões do teu irmão. Tens que fazer uma escolha. *Ou uma ou out*ra." (Antoine Velge)

E na altura ele perguntou-me*:"-O que é que tu farias? Tu vais ser o meu continuador."* E eu respondi-lhe: "*Oh pai! Eu preferiria fazer a SAPEC!* Portugal e Espanha a entrarem na Comunidade Europeia em 1986. Um mundo de novas oportunidades a abrirem-se na Península Ibérica. Eu, casado com uma espanhola, já sabia naquela altura de que a SAPEC devia passar, nos próximos 10/15 anos, a ser uma empresa de base ibérica e não só de base portuguesa. Porque já estava na minha cabeça, através das relações que temos em Espanha, através da minha mulher eu sabia que a minha vocação ia ser: Ou eu iria para a Bélgica e dedicava-me à Indonésia e a Africa, ou eu viria viver para Portugal e dedicava-me a apoiar o projecto do Dr. Catroga, de transformar a empresa numa empresa ibérica. Sabendo já que o Dr. Catroga seria a pessoa a acompanhar mais os negócios

em Portugal, e eu mais, fazendo o "development" da SAPEC em Espanha. (Antoine Velge)

Nesse momento conquista um novo e inestimável aliado. O seu próprio filho. O futuro implicava também deixar um legado e o seu filho Antoine apresentava-se maduro para o assumir. Frédéric decide tomar o risco.

"Foi então que começou a luta pelo controlo accionista. Na altura em que o meu avô Antoine faleceu, as acções passaram para os filhos. Depois o meu pai e o meu tio foram comprando as quotas das irmãs. O meu pai e o meu tio deviam ter cada um 30% da empresa. Aí em 1985 os dois tinham cerca de 60% da empresa. Cada um foi comprando acções no mercado. Devem ter ficado cada um com 40%, 40 e tal da empresa. Ou seja no total com mais de 80 %.

Depois chega o momento do Acordo Final entre o meu pai e o meu tio, em Outubro de 1988. Eu lembro-me sempre porque era o dia da festa dos trinta anos da minha irmã Caroline e nós estávamos reunidos na nossa propriedade no Norte de França. Nesse dia o meu pai chegou para jantar vindo da Suíça. Ele e o Marc com a inestimável ajuda do grupo Espírito Santo (particularmente do Manuel Ricardo Espírito Santo, do Ricardo Salgado e do então presidente do ESI, Dr. Tristão da Cunha, que serviram de intermediários e facilitadores) tinham feito o acordo em relação ao futuro da SAPEC.

De modo que aí em Novembro de 88 o meu pai tinha nas suas mãos cerca de 80% ou 90% do capital da SAPEC. Então teve que tomar uma opção: Ou faço uma coisa ou faço outra. Vendeu a participação na SOCFIN e duplicou sua a participação na SAPEC. Ele Tinha 20 ou 25 % da SOCFIN, mas que valiam quase como 50 % da SAPEC naquela altura. Aquilo era mais valioso em termos de património" (Antoine Velge)

"Nessa altura o meu irmão, que era o Presidente, achou que era melhor seguir os caminhos que o Dr. Catroga apontava. Então nós encontramo-nos e falamos sobre isso. Ele tinha um filho que queria trabalhar com ele. Os meus filhos gostavam de fazer outras coisas. Então achei que era melhor que o meu irmão tomasse conta do negócio da família. Desde aí afastei-me da SAPEC" (Marc Velge)

Foi no entanto uma querela complexa e que deixou marcas profundas na família. O tempo e a acção conciliadora das mulheres da família conseguiu resolver. Os ventos tinham amainado

"Todos os anos nós juntávamo-nos no Verão na casa da Caveira. Nesses anos o Marc deixou de vir, mas agora esse período acabou. (Madame Velge)

"O meu tio e o meu pai deixaram de se falar durante uma série de anos. O meu tio deixou de ir à propriedade de família, que era a propriedade do pai dele durante uma série de anos. Mas depois, muito através da minha mãe e das minhas tias, porque não estavam envolvidas na luta, fizeram com que os irmãos voltassem a falar. Quando o meu pai estava aqui em Portugal ia almoçar com o meu tio, ou vice-versa, pelo menos seis anos antes do falecimento do meu pai. As pazes entre o Marc e o Dr. Catroga fizeram-se no funeral do meu pai." (Antoine Velge)

"Fiz toda a minha vida sempre ligado à SAPEC. Hoje não estou ligado à SAPEC. O mundo dos negócios é assim. Nós temos que fazer o que é melhor. Tenho pena de não ter continuado com a SAPEC mas ao mesmo tempo estou contente por saber que ela está bem e está em boas mãos. O meu sobrinho está bem preparado.

Hoje estou ocupado com outro assunto completamente distinto. Gosto muito de viver aqui em Setúbal. Gosto das pessoas aqui. São muito acolhedoras. Gosto muito de conversar com as pessoas daqui" (Marc Velge)

Apanhados no turbilhão da luta accionista Antoine Velge, então com 30 anos, tal como seu pai Frédéric, agora com 62 anos, alteram o rumo das suas vidas profissionais. Agarram nas suas mãos o legado que viam recebido da família e conquistam o direito a decidir o seu futuro: O futuro da SAPEC

Eu comecei a trabalhar em Janeiro de 1984, num Banco de Negócios, em Paris, muito envolvido também com negócios na Indonésia e nessa área, também viajava muito. Mas era um trabalho fora do negócio familiar. Não tenho dúvida que a opção na SAPEC foi boa. Se estivesse a decidir naquela altura também tinha apoiado a proposta do Dr. Catroga. Naquela altura já tinha uma visão estratégica sobre a SAPEC, não tinha dúvidas que existia uma oportunidade histórica de fazer uma equipa, o Dr. Catroga e eu, mais as outras pessoas que estão dentro da empresa, e dedicar-me à internacionalização, dentro da Península Ibérica, dos negócios da empresa. A adesão de Portugal à Comunidade Europeia ia abrir uma série de novas oportunidades. Se hoje falamos dos 80 anos da família Velge na SAPEC é porque também fizemos esta escolha, não é? Tínhamos mais amor a Portugal e à SAPEC do que tínhamos amor à

SOCFIN. A SOCFIN foi uma oportunidade que o meu pai agarrou bem e que lhe permitiu, do ponto de vista patrimonial, ficar com a SAPEC, se não nós não teríamos conseguido" (Antoine Velge)

A querela accionista tinha ocupado grande parte das energias de Frédéric Velge. Enquanto aguardava a clarificação estratégica Eduardo Catroga prossegue o seu plano de reestruturação e adaptação do aparelho produtivo da SAPEC às condições emergentes no mercado.

"Nessa altura, conjuntamente com a Quimigal mas com a nossa liderança, defendemos a ideia junto do Governo que havia que alterar as regras do jogo da economia dos adubos acabando com os subsídios, e, que, para tanto, se justificava um período de transição no qual se faria a reestruturação. Convencemos o governo a apoiar a reestruturação do sector (constituído pela SAPEC e Quimigal), com apoios financeiros a fundo perdido. E no final desse período acabavam os subsídios, e as empresas deviam ser competitivas. Portanto, passava-se de uma economia administrativa no sector para uma economia de mercado em concorrência com o exterior.

Esses apoios a fundo perdidos que a SAPEC conseguiu, a preços de 1987, foram da ordem de 4.800 milhões de escudos para o financiamento do programa de reestruturação (desinvestimentos, racionalização de efectivos e investimentos)[27]. A Quimigal recebeu também, em proporção da sua quota de mercado, um valor bastante superior.

Já anteriormente tinha-se conseguido recuperar cerca de 600 milhões de escudos a título de compensação de juros pelos atrasos de pagamento do Fundo de Abastecimento.

Assim a SAPEC ganhou fôlego financeiro para suportar os custos de fecho do Louzal, os custos do encerramento, em Setúbal, das fábricas de ácido sulfúrico, de ácido fosfórico, sulfato de amónio, pagamento de indemnizações aos trabalhadores dispensados através de rescisões por mutuo acordo. No conjunto, entre o Louzal e Setúbal, mas sobretudo em Setúbal, reduziu-se o efectivo em cerca de um milhar de pessoas. Portanto, pagámos indemnizações, fizemos novos investimentos, (por exemplo, uma nova fábrica de granulação em Setúbal, novos investimentos no cais), a reestruturação do pessoal, a reestruturação financeira. Esse apoio que se conseguiu na época foi decisivo, determinante mesmo, para a viabilização da SAPEC. Porque esta reestruturação foi conseguida, saliente-se, com os apoios a

[27] Cerca de 70 % dos Capitais Próprios da SAPEC, nessa altura

fundo perdido que representavam grossa fatia dos capitais próprios da empresa à época (cerca de 70 % dos capitais próprios da SAPEC, SA). E sem se afectar a politica normal de distribuição de dividendos aos accionistas.

O plano de reestruturação dos adubos (gizado conjuntamente com Eric van Innis) passou por uma concentração do aparelho industrial na fase final do processo produtivo (nas granulações), comprando os produtos intermédios (ácido sulfúrico, ácido fosfórico, etc.), no mercado internacional. Havia excesso de oferta desses produtos intermédios no mercado internacional. Outro elemento essencial na estratégia de reestruturação foi o reforço da inovação e do marketing, introduzindo novas formulações e novos adubos. A SAPEC introduziu em Portugal os adubos específicos com um prémio de preço. Em consequência, fomos aumentando a nossa quota de mercado nos adubos, como aliás nos agroquímicos e nas rações para animais graças à nova dinâmica de gestão". (Eduardo Catroga)

Com a clarificação da estrutura accionista, clarifica-se também a estratégia da empresa. Eduardo Catroga, que havia feito o trabalho de consolidação financeira e reestruturação do aparelho produtivo, tem condições para prosseguir numa nova fase da sua estratégia. Havia que diversificar as actividades da empresa. O desfio da internacionalização aí vinha. E para isso contava com a colaboração do próprio Frédéric Velge e do seu filho Antoine. Juntos formarão uma equipa de excelência.[28]

"Entretanto o Antoine já tinha vindo trabalhar na SAPEC. Tinha vindo em Fevereiro de 1987 e estava a acompanhar-me. Tinha-se criado a SAPEC comércio e serviços que foi o embrião daquilo que é hoje a SAPEC Agro-Distribuição, (criamos em 1988 a INTERPEC e a SETEIA) e ele começou aí a desenvolver o seu trabalho na SAPEC, tendo assumido o comando desta área de negócio após a saída de António Galvão Lucas em 1990.

Paralelamente com a reestruturação económica e financeira, definiram-se as linhas estratégicas que iriam orientar a diversificação. Esta teria de basear-se nas competências existentes e nos recursos disponíveis.

Para além da reestruturação dos adubos, da expansão dos agroquímicos e das rações, lançaram-se então as bases para o desenvolvimento da Sapec – Logística, da Sapec – Química, da

[28] Juntamente com João Sinde, vindo em 1982 do grupo CUF que efectua o controlo de gestão, de Eric Van Innis, um belga que apoia reestruturação do sector adubeiro durante uma fase de Christian Terlinden.

Sapec Agro-Distribuição, ao mesmo tempo que, numa óptica de capital de risco, entrámos no sector da informática (com a Prológica e a Geslógica, mais tarde alienadas com importantes mais valias) e iniciámos o aproveitamento do património imobiliário adormecido (com a Sapec – Imobiliária e a Sapec – Parques Industriais). Dos vários projectos lançados o único que não resultou foi o da transformação do departamento de Manutenção numa empresa (depois alargada à consultadoria de gestão operacional), por falta de liderança de qualidade.

A orientação estratégica foi o de virar a Sapec para o mercado e captar oportunidades em função dos seus recursos (que eram escassos) e competências.

Transformaram-se as infra-estruturas portuárias e ferroviárias num "profit center", viradas para o mercado (como se disse, embrião do sector logístico, depois consolidado com a aquisição da SPC – Serviço Português de Contentores). Também com a liberalização do mercado das matérias-primas lançou-se em 1988 a INTERPEC Ibérica, em Espanha, e a SETEIA, em Portugal, aproveitando essa nova oportunidade de negócio. Lançou-se também a SAPEC-Química, com o objectivo de aproveitar o know-how que a empresa tinha nos produtos químicos para os adubos para a entrada no mercado dos químicos para a indústria e com o propósito de alargar progressivamente o portefólio de produtos. A partir de 1989, com a clarificação accionista, o Sr. Freddy Velge passou a interessar-se mais pelos negócios da SAPEC. No período de 1989 a 1993, o Sr. Freddy Velge, o Antoine e eu, consolidamos o desenvolvimento da empresa, realizando a sua reestruturação e diversificação.

Nesse período de 1989 a 1993 deram-se passos decisivos na concretização da nossa visão de transformar a Sapec numa "holding" industrial e de serviços, com uma carteira de negócios com uma certa diversificação, com as características estruturais adaptadas aos recursos de uma empresa familiar como a Sapec (Eduardo Catroga)

Entretanto Eduardo Catroga entre 1993 e 1995 é chamado para ministro das finanças do X Governo, mas a estratégia prossegue. Frédéric Velge passa a vir mais a Portugal.

"Eu vou para o Governo em Dezembro de 1993 (depois de ter recusado em momentos anteriores face ao estádio de execução da nova estratégia) e regresso à SAPEC em finais de 1995. A SAPEC nesses anos consolidou a orientação estratégica que estava em curso. Quem me substituiu foi o Antoine, como chefe do executivo. O Sr. Freddy Velge, entretanto, passou a vir mais frequentemente a Portugal. O Antoine, o Eric Van Innis e o João Sinde (que desempenharam um papel muito importante na nova estratégia) com o apoio do Sr. Frédéric Velge, continuaram o trabalho anterior de consolidação e desenvolvimento.

Importa salientar que havia total consonância estratégica entre o Sr. Freddy Velge, eu próprio e o Antoine, no sentido de transformarmos a SAPEC numa holding com algum grau de diversificação. Portanto a SAPEC em função desta estratégia de desenvolvimento, tem hoje uma carteira de negócios que gere dinamicamente em função de objectivos de criação de valor" (Eduardo Catroga)

Com a implementação do processo de reestruturação e diversificação do aparelho produtivo da SAPEC criaram-se vários vazios no território. A actividade industrial e mineira é uma actividade que cria grandes impactos e os processos de encerramento de minas são socialmente complexos. As soluções foram diversificadas.

"A certa altura verificámos que havia uma certa valia patrimonial que estava adormecida. Com o objectivo de valorizar o património imobiliário, historicamente acumulado, pensámos em

projectos de desenvolvimento imobiliário não com a meta estratégica de fazer entrar a SAPEC no sector imobiliário, mas de valorizar o património. O objectivo era vir a dispor de uma reserva de financiamento, de forma a libertarmos fundos para o financiamento dos negócios.

Nesse sentido

transformámos a Herdade das Praias do Sado num projecto de Parque Industrial e logístico, e aproveitámos outros terrenos (como a Quinta do Anjo) e em Espanha Günter Strauss iniciou o mesmo processo com os terrenos da Tharsis" (Eduardo Catroga)

Em Espanha, nas minas de Tharsis a opção passou pela valorização e alienação do património, com reorientação dos investimentos, processo liderado pelo colaborador de sempre Günter Strauss.

"Nessa altura tivemos de tomar medidas que eram muito contestadas. Por exemplo a linha de comboio foi encerrada, o porto é encerrado. Dos cerca de 3000 funcionários ao serviço, tivemos que reduzir para cerca de 1000. Mesmo assim as pirites não conseguiram sobreviver. Havia alturas em que não havia dinheiro na companhia para pagar os salários. Foi um período de grande conturbação. E como a maioria da administração estava nas mãos de espanhóis, nem sempre nós podíamos tomar as decisões que eram necessários. Foi um tempo em que a Junta da Andaluzia tentou manter a empresa a funcionar para não aumentar o desemprego. Mas aquilo era inviável. Até que em Julho de 1991 se deu a liquidação voluntária.

Em 1992 vendemos a nossa participação na Companhia FILON SUR, que era a tal companhia que produzia ouro, recebemos com isso alguns milhões de pesetas, que aplicamos no desenvolvimento dos nossos projectos imobiliários e na reconversão dos nossos negócios. As quintas agrícolas foram vendidas depois de devidamente apetrechadas para produção, em 1994. Todos os terrenos de Corales foram transformados em áreas habitacionais e industriais e de seguida vendidos. Com os resultados obtidos nesses negócios reorientamos os nossos investimentos para novos negócios. Entre 1995 e 1996 compramos a empresa Guadalmancha e mais tarde a Hidronorte. Este período foi acompanhado por Frédéric Velge e pelo genro, o Sr. Rafael Sanchez-Castillo, casado com a sua filha Patrícia Velge. Em 2001 ficou concluído o processo de reconversão do negócio" (Günter Strauss).

Entretanto no Louzal, a velha aldeia mineira onde Frédéric Velge iniciara a sua actividade em Portugal surge uma ideia inovadora. O empresário apercebe-se do alcance da ideia e incentiva o projecto.

O projecto do Louzal foi dinamizado pelo Fernando Fantasia[29]. Ele vai trabalhar para o sector imobiliário da SAPEC e convenceu-nos que era possível desenvolver ali um projecto turístico com a revitalização da aldeia, e desenvolvendo ali algum imobiliário.

O Sr. Freddy Velge apoiou sempre esta ideia. Ele viveu parte da sua vida no Louzal e estava emocionalmente muito ligado ao Louzal. O projecto de revitalização do Louzal foi um projecto que lhe era muito caro"(Eduardo Catroga)

A ligação afectiva de Frédéric Velge o Louzal ainda estava viva quando lhe é apresentada a ideia de revitalização da aldeia mineira. A decisão do encerramento da actividade mineira tinha sido dramática. Sem mina a aldeia tinha perdido a razão da sua existência. Contudo, ao contrário de outras minas onde a comunidade mineira tinha sido expulsa das casas da empresa,

gerando aldeias fantasmas[30], Frédéric, deixa que as famílias continuem a viver nas suas casas. Tinham perdido o sustento mas tinham mantido um tecto para se abrigarem.

O encerramento duma actividade económica é sempre doloroso, sobretudo quando a razão da ocupação do território dela

[29] Fernando Fantasia nasce em Algoz no Algarve em 19 de Junho de 1937. Inicia a sua actividade profissional na CUF, no Barreiro em 1955. Licenciado em Economia, transita para a SAPEC, por convite de Eduardo Catroga em 1992 para trabalhar no desenvolvimento da sector imobiliário.

[30] Foi o caso das minas de São Domingos, no concelho de Mértola, encerradas em 1966, ou da Caveira em 1955

depende. E Frédéric sempre sentia o desejo de fazer qualquer coisa por aquelas gentes.

"Temos que reconhecer que quem pegou na recuperação do Louzal, foi o Dr. Fantasia. O meu pai apoiou. A princípio o meu pai não acreditava muito que a gente conseguisse recuperar a razão de existir daquela terra, mas quem foi o timoneiro daquele trabalho de recuperar o Louzal foi o Fernando Fantasia" (Antoine Velge)

Quando os rugidos das máquinas se calaram, tornando real aquilo que a lenta decadência anunciava, a Aldeia Mineira do Louzal encerra-se sobre si mesma. Os mais expeditos procuram novas ocupações no exterior. Os mais qualificados encontram novas ocupações em Neves Corvo ou no complexo portuário de Sines. Os mais velhos, com reformas e pré-reformas acomodam-se. Os mais novos no entanto não tinham prospectivas.

"A primeira vez que vim ao Louzal fiquei impressionado. As pessoas tinham perdido o gosto de viver. Deixavam as ervas crescer à porta de casa". (Fernando Fantasia)

O projecto do Louzal é uma ideia da própria SAPEC. No meu primeiro mandato, em 1995[31], o Dr. Fantasia dirigiu-se à Câmara e disse: -"*Olhe, nós temos aqui um projecto e achávamos muito interessante que fosse estudado pela câmara. Como é que a câmara olha para esta ideia?"* A ideia basicamente era, acabadas as actividades das minas, era preciso encontrar uma alternativa, mobilizar algum património, algum potencial e encontrar uma nova actividade que mantivesse as pessoas agarradas ao sítio e que pudesse tirar partido deste património.

As minas tinham fechado em 1988. E então a câmara assume o interesse em avançar com este projecto e avançam um conjunto de parcerias com a SAPEC. Na altura o Louzal tinha uma população de cerca de 700 habitantes e era preciso encontrar um novo rumo. Na altura encontramos uma figura para aqueles investimentos que foi "Centro Rural" e dá-se também a necessidade de criar uma Fundação que tivesse ligada ao desenvolvimento cultural e museológica;

Essa Fundação foi formada pela SAPEC e pela Câmara de Grândola em pé de igualdade. Um dos aspectos que na altura mais me surpreendeu foi o profundo respeito, e nalguns casos de ternura, da população mineira, em relação à figura de Frédéric

[31] Fernando Travassos, Arquitecto. Foi Presidente da Câmara Municipal de Grândola entre 1994 e 2001.

Velge. Isso levou, o que terá sido surpreendente para alguns, a que a própria câmara tenha proposto o nome de Frédéric Velge para o nome da Fundação" (Fernando Travassos)

Em 1995 ainda estava bem presente na população a memória de Frédéric Velge

Muitos dos mineiros mais idosos tinham experiências directas com a pessoa, com a personalidade do Frederico Velge. Essas experiências foram transmitidas para os mais novos, que viam com muito bons olhos que o nome de Frederico Velge ficasse ligado à Fundação." (Fernando Travassos)

Um dos aspectos mais interessantes deste projecto de revitalização da aldeia, e uma das principais preocupações de Frédéric Velge, é a criação de novas actividades que resultassem em benefícios para a população e para a empresa, com respeito pela memória e identidade do sítio. Esta era a grande valia introduzida por este projecto e que tornou este território pioneiro na divulgação do património mineiro em Portugal. A experiência de Frédéric Velge sabia que a sua aldeia tinha que encontrar um nicho de mercado.

"O Frédéric Velge era uma pessoa encantadora do ponto de vista pessoal. Foi uma pessoa que se mostrou realmente interessado nos destinos do Louzal e nos projectos do Louzal. Ele fazia questão de estar sempre presente nas reuniões da Fundação. Mostrava-se sempre, uma pessoa muito bem informada, com opiniões claras sobre as coisas e uma visão muito inteligente relativamente ao Louzal"

A primeira impressão que tive dele como pessoa é uma impressão marcante. Era uma pessoa muito atenta que sabia ouvir. Ele queria-me conhecer. Apercebi-me que ele me queria avaliar como interlocutor. Ele queria formar o seu próprio juízo de valor e ver as sensibilidades do projecto. Era uma pessoa atenta e interessada nos projectos. Muitas vezes a sua intervenção resolvia os impasses.

Ele tinha uma visão muito esclarecida sobre as questões, sobre o que o Louzal pudesse vir a ser e tinha uma visão, que me parecia ser genuinamente sincera, duma enorme afectividade pela população e estava muito interessado que as coisas tivessem êxito. Preocupava-se que aquelas coisas fossem feitas para aquela população, que era também o nosso principal objectivo. Portanto, nem sempre tínhamos acertos em relação às prioridades, porque o fundamental para nós não era que se fizesse um projecto qualquer no Louzal, agora ou daqui a cinquenta anos, era que se fizesse um projecto agora e com aquela população. Isso era uma questão fundamental. O nosso principal objectivo na câmara, e curiosamente encontramos sempre uma grande sintonia nisto com ele. Ele queria também agora e com aquelas pessoas" (Fernando Travassos)

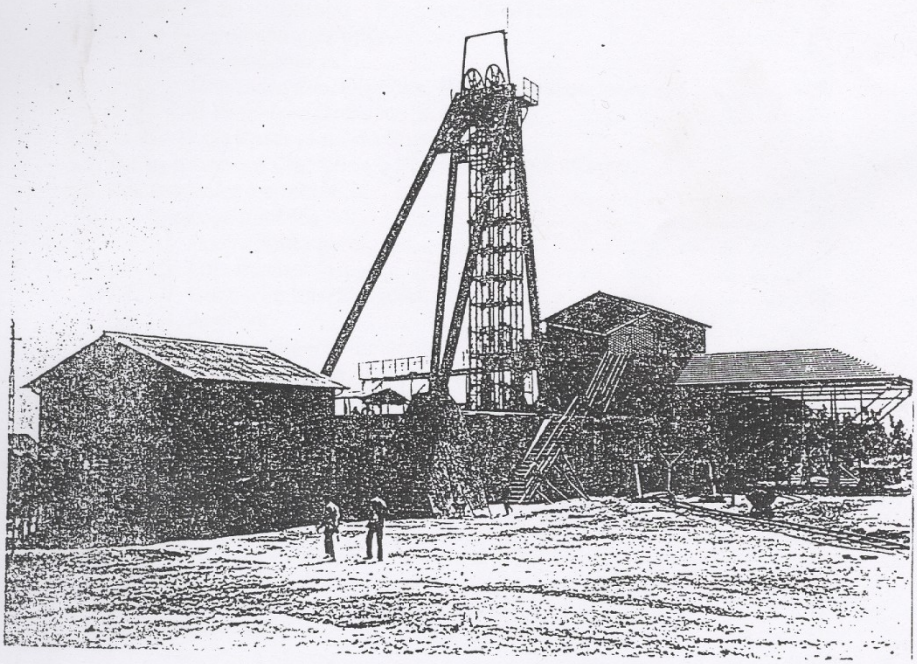
Encontrados os interlocutores e estabelecidas as bases organizacionais do projecto do Louzal, havia que lançar mãos ao trabalho. Que projectos e que ideias acolher. Também aí Frédéric Velge influencia decisivamente.

"Ele tinha duas preocupações fundamentais: Ele tinha um nível de preocupação empresarial. Havia um património aqui e ele gostaria de reabilitar este património. E depois, havia uma preocupação humana que era preciso encontrar uma nova actividade a partir daquele património. Era esta ideia que ele defendia. Era preciso encontrar novas actividades que alguma forma defendesse aquele património e aquela memória.

A ideia não era fazer um turismo qualquer, ou qualquer actividade económica, ou transformar aquilo num Parque temático qualquer. Era fazer algo que partisse do profundo respeito por aquela memória e encontrar uma actividade que as pessoas aderissem e pudessem retirar alguma contrapartida económica para puderem subsistir. E era esta clarividência que ele tinha sobre estas prioridades que me surpreendia"

# MUSEU MINEIRO DO LOUSAL

## PROGRAMA MUSEOLÓGICO



APAI
Lisboa, 1998

Alfredo Tinoco

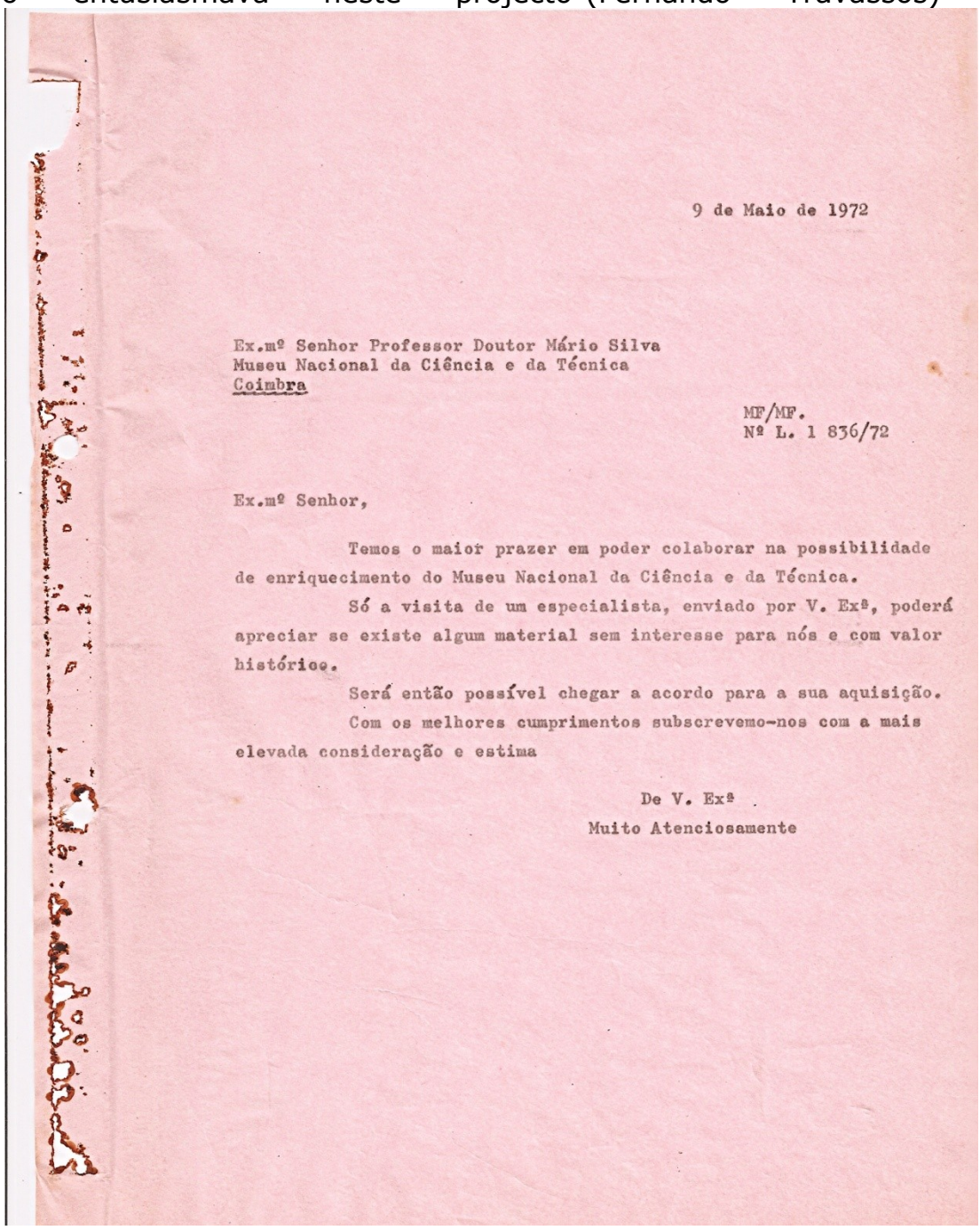
A especificidade deste projecto são as minas, a arqueologia industrial e a abordagem museológica do Louzal. É isso que é distintivo em relação aos outros projectos. Na altura visitamos Rio Tinto e São Domingos minas que tinham parado a actividade e onde havia investimento. Mas era um investimento complementar. Tinham lojas, restaurantes hotéis. Por mais coisas que houvesse sem a valorização do património e da identidade da mina era um projecto perdido. Havia que valorizar toda a memória das comunidades mineiras. Era isso que diferenciava este projecto. Ele não queria fazer um aldeamento temático sobre uma aldeia do Alentejo a fingir, não! Queria partir dum profundo respeito por uma identidade e duma uma actividade económica que foi importante. É isto que está na génese da vida daquelas pessoas. (Fernando Travassos)

Nem sempre as discussões eram fáceis. Quando as ideias passam do papel para a esfera da realidade. Quando se incorporam mais agentes é natural que se multiplicam as ideias e se alteram pressuposta. A clareza de objectivos de Frédéric Velge era um elemento precioso.

"Apesar das nossas reuniões serem muito espaçadas, ele dava sempre um enorme contributo para sublinhar o essencial do projecto que tinha a ver com esta componente de recuperação da memória da mina. Os projectos de turismo podem ser efémeros e não serem muito consistentes, por muito artesanato, por muito restaurante e por muita gastronomia, por muita paisagem, por muito aproveitamento lá da albufeira, por muito que se faça, se o projecto da arqueologia industrial não estiver na primeira linha, que é esse que dá expressão ao Louzal. É aqui que o Frédéric Velge sempre que aparecia dava um novo élan a este tipo de propostas".

Ele tinha uma enorme relação afectiva com as minas que vinha da própria experiência que teve. Muitas vezes, nas nossas saídas no Louzal, as pessoas vinham ter com ele com uma enorme afectividade e ele devolvia toda a simpatia duma forma muito personalizada. Normalmente sabia o nome das pessoas, perguntava pelos familiares. Ele tinha uma relação muito forte e muito próxima com aquelas pessoas e com aquele sítio. Portanto percebe-se que este projecto tinha muito com a vida dele e com o investimento dele naquele sítio. Percebia-se com as conversas com ele, que a ele não lhe interessava que se fizesse qualquer investimento. Como empresário ele ficaria satisfeito que se fizesse qualquer coisa, vamos transformar isto num aldeamento turístico: Tudo bem! Mas atenção. É preciso conservar a

memória e é preciso olhar para as pessoas. Esta era a sua ênfase. É preciso tirar partido daquilo que lá existe. Era isto que o entusiasmava neste projecto"(Fernando Travassos)



9 de Maio de 1972

Ex.mº Senhor Professor Doutor Mário Silva
Museu Nacional da Ciência e da Técnica
Coimbra

MF/MF.
Nº L. 1 836/72

Ex.mº Senhor,

Temos o maior prazer em poder colaborar na possibilidade de enriquecimento do Museu Nacional da Ciência e da Técnica.

Só a visita de um especialista, enviado por V. Exª, poderá apreciar se existe algum material sem interesse para nós e com valor histórico.

Será então possível chegar a acordo para a sua aquisição.

Com os melhores cumprimentos subscrevemo-nos com a mais elevada consideração e estima

De V. Exª
Muito Atenciosamente

Frédéric Velge é agora um septuagenário. A árdua vida que teve já não lhe permite a mobilidade constante que tinha. Os seus negócios estão bem entregues nas mãos dos seus colaboradores de sempre, mas ele segue-os atentamente até ao fim.

"O Sr. Freddy Velge acompanhou os negócios sempre até ao fim. Ele era o Presidente e vinha a Portugal duas vezes ao mês e

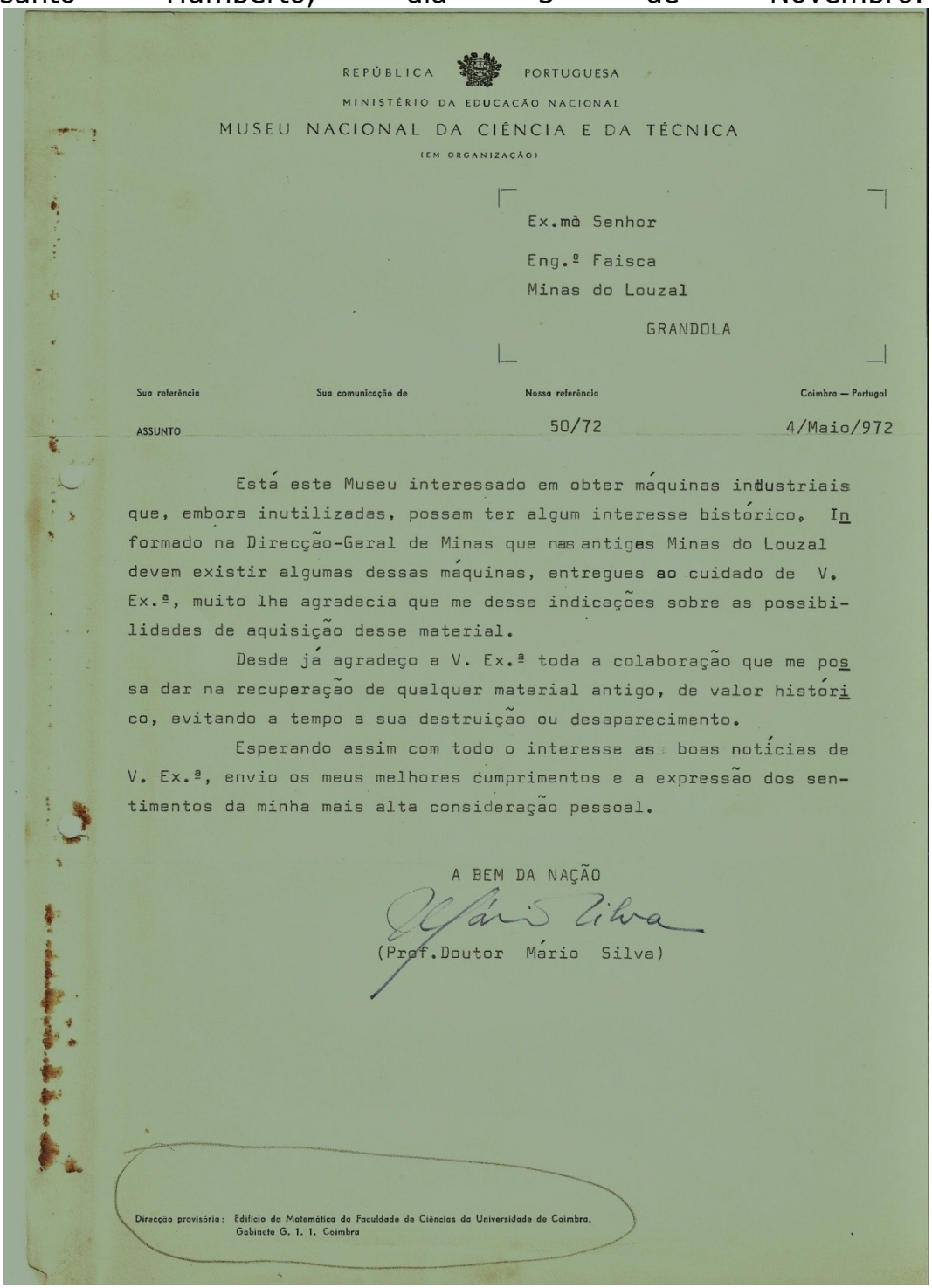
acompanhava toda a vida dos negócios. Acompanhou sempre." (Eduardo Catroga)

Frédéric Velge passa cada vez maiores temporadas no seu castelo de Folembray onde gosta de reunir a Família e onde continua a receber regularmente o Rallye Nomade.

Na parte final da sua vida o meu pai vive essencialmente o Inverno em Folembray. Vem uma vez por mês a Portugal, mas vive essencialmente em França.

"Nós bosques, nós caçávamos o veado, com cães. Em Folembray temos um canil muito antigo, é do século XIX. Caçamos duas vezes por semana: terças e sábados. No início da época nós não levamos as casacas. Só vestimos as casacas a partir do dia de

santo Humberto, dia 3 de Novembro.



REPÚBLICA PORTUGUESA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

(EM ORGANIZAÇÃO)

Ex.mo Senhor

Eng.º Faisca

Minas do Louzal

GRANDOLA

| Sua referência | Sua comunicação de | Nossa referência | Coimbra — Portugal |
|---|---|---|---|
| ASSUNTO | | 50/72 | 4/Maio/972 |

Está este Museu interessado em obter máquinas industriais que, embora inutilizadas, possam ter algum interesse histórico. Informado na Direcção-Geral de Minas que nas antigas Minas do Louzal devem existir algumas dessas máquinas, entregues ao cuidado de V. Ex.ª, muito lhe agradecia que me desse indicações sobre as possibilidades de aquisição desse material.

Desde já agradeço a V. Ex.ª toda a colaboração que me possa dar na recuperação de qualquer material antigo, de valor histórico, evitando a tempo a sua destruição ou desaparecimento.

Esperando assim com todo o interesse as boas notícias de V. Ex.ª, envio os meus melhores cumprimentos e a expressão dos sentimentos da minha mais alta consideração pessoal.

A BEM DA NAÇÃO

(Prof. Doutor Mário Silva)

Direcção provisória: Edifício da Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, Gabinete G. 1. 1. Coimbra

Quando caçamos o veado fazemos "La curé". O Veado é esquartejado. Tiramos a cabeça e a pele As carnes são para os cães. As melhores partes do veado são distribuídas pelos participantes. Ás vezes faz-se uma refeição juntando toda a gente da equipa, mas nem sempre. A época da caça em Folembray dura seis meses e o meu pai acompanhou durante toda a vida a caça" (Antoine Velge

Em Outubro de 2002, Frédéric Velge, homem que sempre tinha tido uma saúde de ferro adoece e faleceu no dia 20. Faltavam 4 dias para completar 76 anos de idade. Viveu uma vida intensa. Viveu momentos de felicidade teve o privilégio de deixar uma obra notável como empresário.

Freddy velge para sempre

O falecimento de Frédéric Velge apanha todos de surpresa. Mas os rumo dos seus negócios estavam traçados. Os seus continuadores continuaram a sua obra. Na SAPEC Eduardo Catroga é convidado a tomar assento na cadeira de presidente

"Com o falecimento do Sr. Freddy Velge, o Antoine e a família pede-me para eu passar de Vice-Presidente para Presidente, e portanto eu hoje sou o Chairman, que eu chamo semi-executivo e em cooperação frutuosa com o Antoine, que é o chefe do executivo. Eu acompanho a vida da empresa nos seus aspectos chave. Participo em todas as reuniões que são fundamentais: Na avaliação da estratégia, na análise de investimentos, no controlo da performance. A gestão corrente é realizada pelo Antoine e pelo Eric Van Innis e pelo João Sinde que entre si fazem o acompanhamento dos negócios da SAPEC em função do modelo que nós introduzimos; gestão operacional descentralizada por unidades de negócio em que os directores de negócio são os "patrões" do seu negócio, responsáveis directos pela rendibilidade do capital investido, e pela proposta de projectos de investimento, de harmonia com as orientações estratégicas da Administração". (Eduardo Catroga)

O exemplo de Frédéric Velge é rico em ensinamentos para todos os que vivem num mundo rico e em constante mutação

"Sr. Frédéric Velge viveu um período muito rico. Teve sempre

colaboradores de grande nível e era uma pessoa com uma grande experiência no mundo dos negócios. Tinha um trato muito próximo com os seus colaboradores e uma visão muito apurada do que era o mundo económico. Havia um conjunto de pessoas com uma grande capacidade de transformar um negócio, de ver as suas perspectivas e de avançar com determinação. Eram pessoas flexíveis perante as adversidades, jovens de espírito e com uma grande capacidade de iniciativa e com um grande controlo sobre cada situação. Repare, a SAPEC fez muitas tentativas em vários campos. Teve muitas experiências bem sucedidas. Teve também, como é natural, algumas experiências que falharam. Mas regra geral o Sr. Frédéric Velge foi uma pessoa que conseguia sempre encontrar o bom caminho para um negócio.

Nós hoje vivemos num mundo em que tudo muda muito rapidamente. A SAPEC mudou o que tinha que ser mudado. E hoje continua a mudar. Hoje tudo muda muito rapidamente e há que estar preparado para acompanhar toda essa mudança. Quando eu cheguei ao mundo das minas, quando comecei a trabalhar no Louzal os investimentos eram muito pesados. Só passados alguns anos é que conseguíamos extrair resultados desses investimentos. E mesmo assim havia muitas variáveis que dependiam do mercado mundial que faziam que o negócio, dum momento para o outro se alterasse. Hoje tudo muda tão rapidamente que se não existir maturidade e clareza de pensamento é muito difícil sobreviver. Eu penso que essa lição nos foi dada a todos pelo Frédéric Velge. (Günter Strauss)

"O meu pai aplicou todas as suas energias e capacidades no seu trabalho. A grande qualidade, do meu pai era a de ser um grande líder. Tinha uma grande autoridade natural, e criava

facilmente um ascendente sobre os outros. Ele era um tomador de riscos e um tomador de decisões. Ele não era um grande financeiro como o Dr. Catroga, não era um grande engenheiro como era o Günter Strauss, que sabe tudo petróleos, sobre física, sobre química etc. A sua grande qualidade, que era basicamente a característica dum empresário era que tinha bom-senso, capacidade de trabalho e analisar os riscos.". (Antoine Velge)

"O Sr. Freddy Velge tinha um grande "faro" para os negócios. Ele percebia muito rapidamente os melhores caminhos quando se punham as várias alternativas. Eu penso que as suas características mais distintivas eram realmente uma a visão estratégica apurada, uma grande determinação, uma grande frieza e um grande bom senso. Era um estilo de liderança que gerava empatia. Ele sabia comunicar e motivar as pessoas. Digamos que era uma liderança com carisma, uma liderança colaborante. E quando acreditava nas pessoas, acreditava mesmo. Ele tinha um estilo realmente bastante incisivo e bastante determinado.

Entre as características que atrás apontei devo acrescentar a sua perseverança. Foi ela que permitiu à SAPEC, pouco a pouco, assumir o controlo de Tharsis, (antevendo a valorização do seu património), e depois aí acolher, conjuntamente com Günter Strauss, as ideias de desenvolvimento trazidas por Raphael Sanchez Castillo de entrarmos no sector das energias renováveis, um vector de desenvolvimento que poderá trazer à Sapec importante criação de valor…" (Eduardo Catroga)

Frédéric Velge deixou aos filhos e netos e a todos que com ele partilharam os sucessos e insucessos, muito mais do que uma empresa de sucesso. Deixou um exemplo de esforço e dedicação por coisas em que acreditava. Deixou uma vida que lhes permite orientar perante os caminhos a tomar.

"Eu acho que aos nossos filhos temos que dar uma educação familiar, com fortes valores nos quais acreditamos. Depois temos de lhes dar uma educação com muitas oportunidades, seja no *bussiness*, seja no desporto, seja numa outra coisa qualquer. A nossa família tem essa característica de termos uma visão sempre para além de Portugal e da Península Ibérica. Essa abertura internacional é uma coisa que nós queremos dar aos nossos filhos" (Antoine Velge)

"Eu era muito pequeno para compreender o trabalho do meu avô na SAPEC[32] Agora pouco a pouco, com pessoas que conheceram o meu avô nas sua relações empresariais, estou a dar-me conta da importância e da grandeza do seu trabalho. O meu avô colocou no trabalho muitas das características que ele tinha como pessoa. Maturidade, lealdade, firmeza quando era preciso e tentar mostrar a maior simpatia possível.

Era uma pessoa alta, calma, afectiva. Andava sempre bem vestido. Tinha um ritmo de vida muito intenso e rápido e nunca parava Quando se zangava ficava todo vermelho. Gostava muito das coisas claras e dizia sempre o que tinha de dizer, fosse bom ou mau. Tanto gostava de coisas refinadas como das coisas simples. Tão depressa comia caviar como comia caldo verde, desde que estivesse bem quente.

Tinha os seus hábitos e para ser feliz os seus hábitos tinham que ser respeitados. O seu whisky, o seu charuto, os seus lugares reservados na mesa, nos sofás e mesmo o seu assento do carro tinha uma posição especial para ele.

[32] Frederico Velge, filho mais velho de Antoine Velge, nascido em 29 de Setembro de 1986

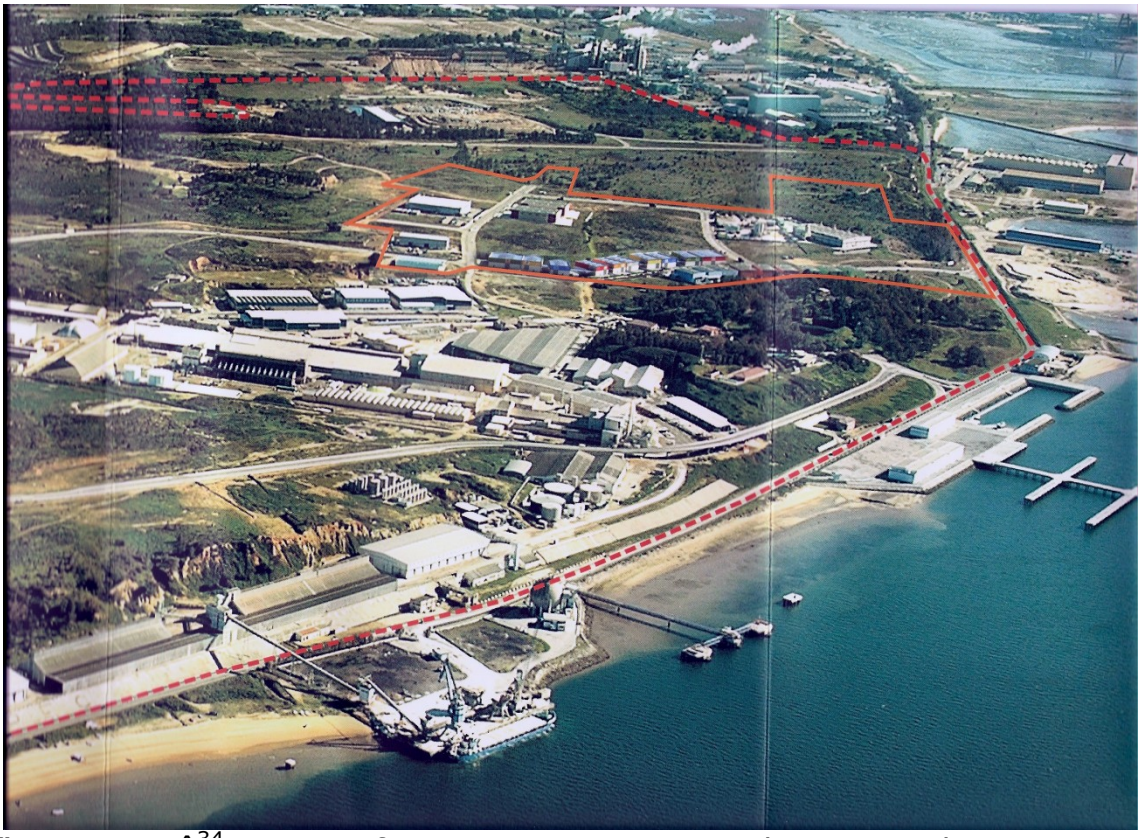
Ainda me lembro, um dia em que ele se zangou comigo e com o Jose Henriques[33] porque o assento não estava no lugar. O Jose Henriques levou-me à SAPEC de Lisboa e depois foi buscar o meu avô ao aeroporto. Eu tinha puxado o assento para a frente. Quando ele entrou no carro sentiu logo que o assento não estava como ele queria. Ele era uma pessoa simples que não gostava de tratar as outras pessoas como inferiores. No carro sentava-se sempre ao lado do motorista. Às vezes entrava pela cozinha e cumprimentava as empregadas. Vivia numa mistura de vida de luxo e de vida simples com as pessoas que trabalhavam para ele.

Tinha a paciência de ouvir as pessoas do princípio até ao fim. O meu avô sempre me deu bons conselhos. Fazia um esforço para compreender o que nós gostávamos de fazer. Ele gostava muito de caçar. Eu ouvi muitas histórias dele e ao mesmo tempo servia-lhe whisky.

Em Folembray na França ele estava sempre à nossa espera. Estivesse a chover, a nevar ou com nevoeiro, lá em cima no alto das escadas. Um dia perguntei-lhe porque ele estava sempre fora a nossa espera quando estava melhor dentro no quentinho? E ele respondeu-me que era para transmitir a mensagem que ele está sempre disposto a ajudar, apoiar a família sempre que a gente precisar e custe o que custar".

[33] José Henrique Semeão - motorista

O seu trabalho no Louzal só se entende conhecendo o meu avô. Ele deu ao Louzal amor, respeito e melhores condições de trabalho para os mineiros. Ele sabia o que era preciso para que os mineiros trabalhassem melhor e ao mesmo tempo estarem contentes. Mudou coisas pequenas que fizeram toda a diferença. Ele fez isto porque estava em contacto permanente com os mineiros. Se um mineiro agradece é porque sente a falta de devolver o que alguém, o meu avô, lhe deu antes" (Frederico Velge).



"O meu avô[34] sempre foi uma pessoa muito alta, pontual e que gostava muito da caçar ao veado em Folembray (França). Gostava também de ficar tranquilamente em casa com o seu charuto na boca e o seu whisky na mão feito por um dos seus netos! Apesar de nós, os netos, sempre lhe termos dito que fumar não é bom para a saúde, o meu avô, nunca deixou de fumar.

O meu avô gostava muito de estar acompanhado de toda a sua família, de poder falar connosco e de ter sempre alguém com quem falar. Ele tinha uma maneira de falar com as pessoas muito fácil. Sempre falou com toda gente, seja gente conhecida

[34] Letícia Velge, filha de Antoine Velge e neta de Frédéric Velge. Nascida em14 de Maio de 1991

ou desconhecida.

Todas as pessoas no Louzal me dizem que ele era muito boa pessoa e que mal chegava, cumprimentava toda a gente. Ele adorava o Louzal, foi ali onde ele começou a sua vida em Portugal, e para ele esta aldeia mineira, sempre teve um grande significado ao longo da sua vida.

O meu avô esteve sempre presente nas ocasiões as mais importantes da minha vida e estávamos sempre a conversar. Um dia, ele explicou-me que o mais importante na vida era trabalhar muito, gostar do que se faz e cumprir os horários. Também me ensinou que, na vida, nada se podia fazer sozinho, que tínhamos que ter bons amigos, bons companheiros de trabalho e ter uma boa comunicação entre eles

O trabalho do meu avô nas minas do Louzal foi um trabalho reconhecido por toda a gente, um trabalho inesquecível por toda a família e um trabalho que ele mereceu! É também uma vida de trabalho que ele construiu e que ele deixou a família! Tenho orgulho em ser neta dele e de ver que os seus projectos continuam, e espero que comigo um dia" (Letícia Velge).

O meu avô[35] era, para além de toda a minha família, a pessoa de quem eu mais gostava em todo o mundo. Eu gostava da maneira como ele olhava para mim, sorria para mim, e ria comigo ou de mim sempre que estávamos juntos.

Quando estava com ele era como nos livros quando a princesa encontra o príncipe encantado (se percebem o que quero dizer) era como se tivesse encontrado uma pessoa como eu e com quem eu gostaria de viver para sempre.

Um dos bons momentos com ele era, quando havia lua cheia, à meia-noite, ele vinha acordar-nos a todos e, de pijama, íamos ver os veados.

Eu também adorei e pensei que ele era maluco, quando uma vez em Portugal tinha eu 1 ou 2 anos, junto com a minha irmã, lhe levámos esparguete, onde tínhamos posto formigas que tínhamos apanhado e lhe dissemos que era peixe… Apesar de acharmos que ele não ia acreditar, ele comeu as formigas uma por uma para nos fazer felizes, enquanto nós olhávamos para ele de olhos muito abertos como se ele fosse um monstro ou fosse cego e não tivesse visto que eram formigas, e rimos o resto do dia.

De outra vez gostei quando recebi um puzzle novo e não queria ir para a cama, mas queria continuar a brincar e a avó disse: *Acabou, vou chamar o avô para ele as levar para a cama*. Ele veio e começou a fazer o puzzle comigo!!!

Uma das coisas que nunca vou esquecer era que sempre que o via ficava mais rica, pois ele dizia-nos: *Sempre que me trouxerem um whisky dou-lhes um euro!* e por isso estávamos sempre mortos por servi-lo! E quando estava no hospital, comprámos-lhe um peixe vermelho, mas no hospital não podiam

[35] Sofia Sanchez Castillo, nascida a 10 de Janeiro de 1996, neta mais nova de Frédéric Velge, filha de Patícia Velge e Rafael Sanchez Castillo

entrar animais e portanto escondemo-lo e levámo-lo para ele poder ter o peixe vermelho com ele!

Houve tantos momentos bons com ele que não seria possível escrevê-los todos nesta folha pois podia continuar para sempre …
Tudo o que quero dizer é que o adoro e que passei muitos bons momentos consigo e que sinto a sua falta.
Espero que, mesmo estando aí em cima e que eu não o consiga ver, o avô me consiga ver a mim e me continue a guardar.(Sofia Sanchez-Castillo)

# Genealogia
# de FRÉDÉRIC VELGE

## Antepassados Paternos

- **Antoine Velge** (Pai ) nasceu em 1901 e faleceu em 1974, com 74 anos
    - **Charles Velge** (avô paterno), nasceu em 1858
    - Berthe Lenoir (avó paterna)
        - Jean-Baptiste Velge, bisavô paterno, nasceu em 1800 e faleceu em 1882, com 82 anos
        - Rosalie Prieels, bisavó materna, nasceu em 1818 e faleceu em 1894, com 76 anos
        - *Do casamento nasceram 6 filhos:* Emile Velge *em* 1848, Jean Firmin Velgeem 1849, Gustave Velge em 1851, Amélie Velge em 1854, Celine Velge em 1856 e **Charles Velge** *(avô) em* 1858

## Antepassados Maternos

- Alice Jacobs (mãe)
    - Madame Jacobs,avó materno
    - Frédéric Jacobs, avô materno

## Descendentes

- **Frédéric Velge** ,Nasceu em 24 Outubro de 1921, e faleceu em 20 Outubro de 2002, com 75 anos em Folembray
- Casou em 1956, com 29 anos com **Maya Thierry** ,nascida em 7 Março de 1934 , e casou com 22 anos
    - **Antoine Velge**, nasceu em 2 Janeiro de 1957
        - Casou com Cristina Urquijo Fernandez Araoz, nascida a 17 Abril de 1960
            - **Frederico Velge,** nasceu a 29 Setembro de 1986
            - **Carla Velge**, nasceu a 11 Agosto de 1989
            - **Letícia Velge** *nasceu a* 14 Maio de 1991
    - **Carolina Velge***, nasceu a* 20 Outubro de 1958
        - *Casada com*
            - Inês
            - Raphael
    - **Patrícia Velge**, nasceu a *12* Abril de 1963

- Casou com Rafael Sanchez
  - Inês Sanchez
  - Sofia Sanchez

## Relações Directas .

### Irmãos:

Pierre-Bernard Velge , nasceu antes de 1925 e faleceu em 1954 com 29 anos

Berthe Velge, nasceu antes de 1925, casou com R. Vuartin

Marc Velge, nasceu em 1929

Cécile Velge, nasceu depois de 1929 casou com J. Millet

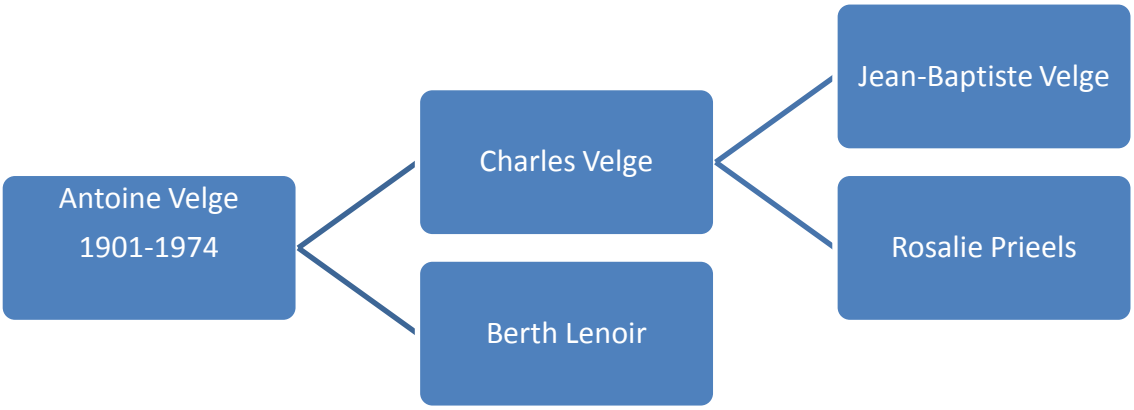
### Outras linhas

Mr. Van den Bosch (Tio avô de Frédéric pelo casamento da avô Madame Jacobs).

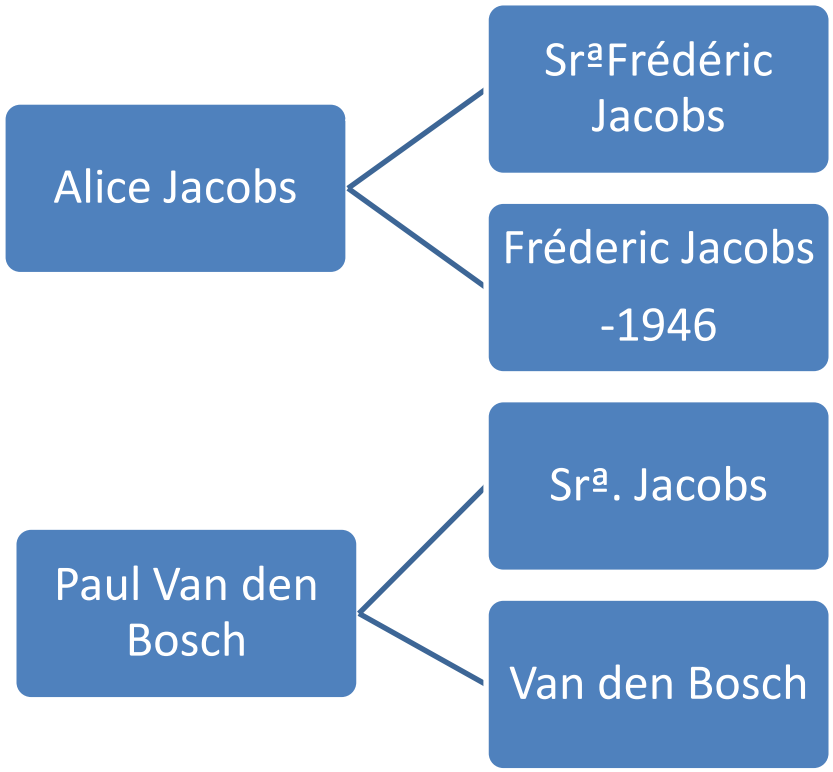
- Teve um filho **Paul van den Bosch**, *nascido em* 1901

# Árvore genealógica

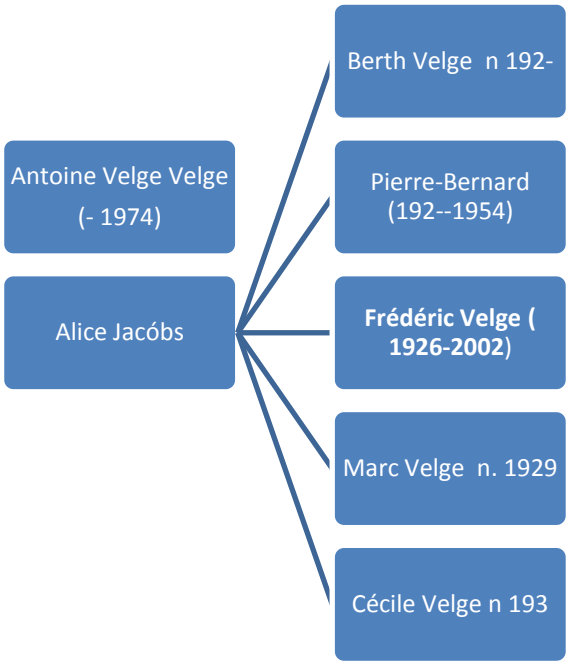
## Por via paterna



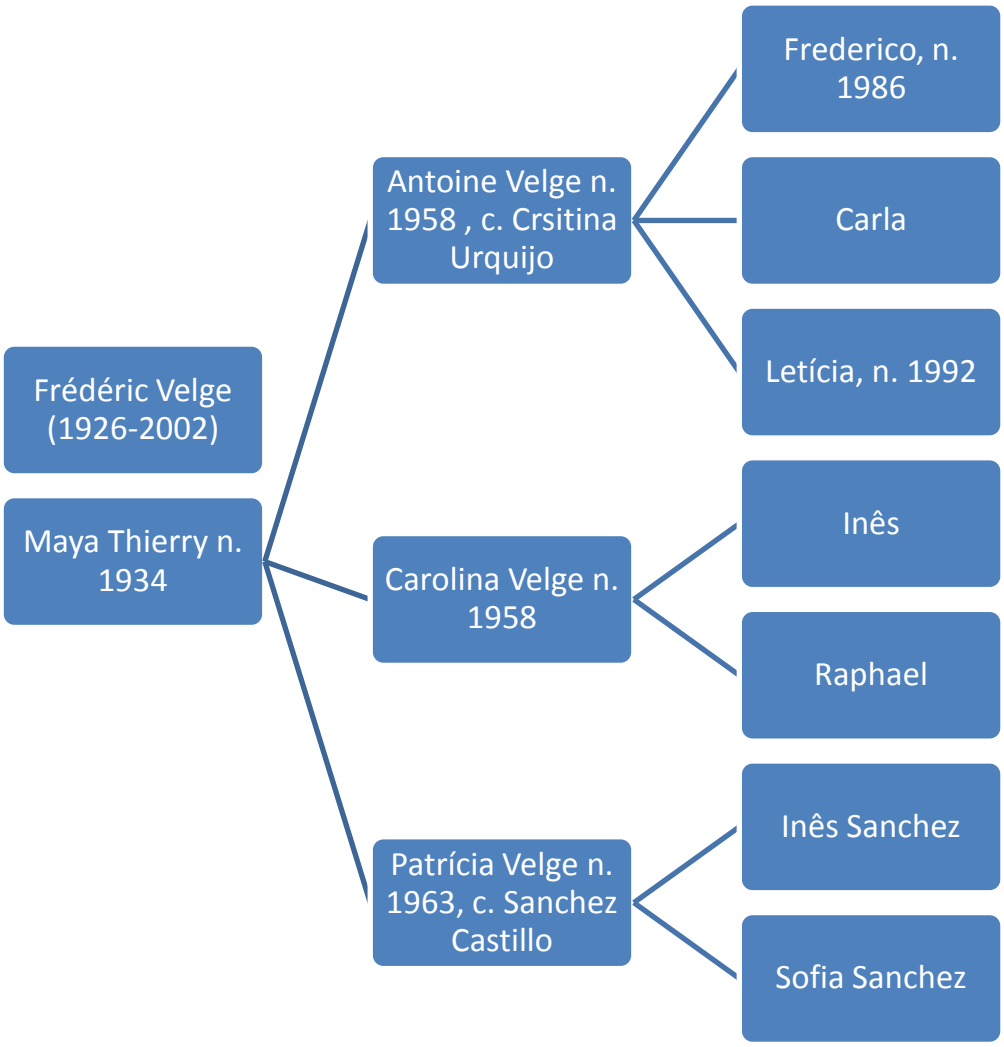

## Por via materna




## Família Próxima




## Descendentes



# Bibliografia


- BARROSO, António, (1985), História da SAPEC, Setúbal
- Entrevistas
  - Antoine Velge, 16 Outubro de 2006
  - Madame Velge,  2 de Julho 2006
  - Marc Velge  19 de Julho 2006
  - Eduardo Catroga, 3 de Setembro de 2006
  - Günter Strauss, 6 de Fevereiro de 2007
  - Fernando Travassos , 14 Julho 2006
  - José  Henrique Semeão  4 Julho 2006
  - Fernando Fantasia, 18 de Janeiro de 2006
  - Federico Velge – Depoimento Escrito em 2007
  - Letícia Velge – Depoimento Escrito em 2007
  - Sofia Sanchez-Castillo, Depoimento escrito em  2007
- Reconstituição Genealógica com base em www.myheritage.com

# créditos fotografias

Museu Mineiro do Louzal/Carta do Património Mineiro

- Todas as fotografias excepto as seguintes

Biblioteca Nacional de Lisboa
- Carta da Província da Estremadura

Instituto Geográfico Português
- Carta Coreográfica  Reino de Portugal de Filipe Folque , 1879, folha nº 31

Instituto Geográfico do Exército
- Carta Militar de Portugal, 1944 e 1947

Biblioteca do Ministério das Obras Públicas
- Carta Agrícola do Reino de Gerardo Pery, de 1890 , Folha Coreográfica,  31

Pedro Pereira Leite®

Museólogo (ICOM 54917)

Director do Museu Mineiro do Louzal e do Centro de Ciência Viva do Louzal

Desenvolve investigação o divulgação, sobre as actividades de mineração no sul de Portugal, com o projecto

***Carta do Património Mineiro*®**

# versão inglês

Tradução de Marta Carvalho

# PREFACE[36]

I was lucky enough to have both the privilege and the pleasure to meet and socialise with Frédéric Velge, long before considering my application to the Presidency of the Grândola Town Hall. I was thus far from knowing that he would be one of the main protagonists and supporters, together with the Velge family and SAPEC, of the major process involving the radical change and construction of the future of the Mining Village of Louzal. I mention this because, since the first time we met, I was very impressed and naturally honoured with the friendship and complicity that grew between us. This was further consolidated by the hobbies we had in common and which Frédéric Velge fostered and shared with his experience, knowledge and refined taste. Amongst many other things, he guided me in the grand art of smoking and enjoyment of a good 'Puro Cubano'. From these occasions and unfortunately short relationship, I still remember his good-natured character, combined with a vast and profound general knowledge and a very peculiar pragmatism. Thanks to his good-natured character and wisdom, the Mining Village of Louzal played a crucial role in the development of the region's economy during the mine's labouring period and in the creation and execution of the rehabilitation project of this Mining Nucleus, a project which Frédéric Velge and his family embraced right from the first moment.

In 2005 and of my own initiative, when the Grândola Municipality posthumously and justly awarded the Municipal Merit Gold Medal to Frédéric Velge, I wrote a small justifying note, in which I would like to highlight the following aspects:

> *"Frédéric Marie Joseph Velge (…) graduated as an Engineer from the Louvain Agronomy Faculty and started working at the coal mines of Bonne Fin and Violette, in Liège.*
>
> *He spent five years in these mines, performing an activity which was at the time considered as the world's most dangerous profession. This fact sufficed for his father to consider him ready to assume the management of the Louzal Mines as Managing Director.*
>
> *As a result of his experience in Liège, he felt much admiration and respect for the miners' activity, and these feelings prevailed in all of his attitudes and acts during the time he spent in Louzal and in Canal Caveira between 1958 and 1964.*

[36]Carlos Beato, was born in 02/11/1945, and was elected as President of the Grândola Municipality in 2001, and re-elected in 2005.

*Under Frédéric Velge's management, the Louzal Mines underwent a remarkable progress at all levels.*

*He divided part of the productivity earnings with his miners, who saw their salaries duplicate, providing them with various support structures and social benefits which they had never been granted before.*

*Louzal thus owes its existence to the Velge Family and especially to Fréderic Velge's dedication and friendship for the way in which he adopted this land as though it was his.*

*(…) This remarkable personality left an indelible mark in the history of Louzal and Grândola"*.

What I wrote then only reflects the more visible side of such a striking personality, who immensely contributed to the consolidation of the Grândola Municipality and for the unique period which the council is currently experiencing.

I have always said that, contrary to our neighbours Alcácer and Santiago, and for historic and cultural reasons, Grândola did not need to build castles to protect itself, but instead, it opened up to the world and to diversity. We have always been a land that welcomed and adopted as its own those who chose it and wanted to make it their land too.

Our collective history is in part, substantially mixed up with the history of some exceptional human beings, whom through their work, determination, ideas and projects, helped to build a Municipality that is proud of its Past, working in the Present in a sustainable and coherent manner to create a Future ruled by progress and opportunities.

Frédéric Velge was, indubitably, one of these exceptional beings to whom we owe so much. To be fortunate enough to get to know him and socialise with him on several unforgettable occasions as well as share a frank and genuine friendship with him was indeed a privilege and an honour which I will not only keep in my memory, but in the exact place where I keep all my dearest emotions. The example of his life and work shall always be a powerful incentive for all existing and future generations, and in particular for those who just like him, dedicate their existence to the welfare and interests of others.

Carlos Beato (November 2007)

# First times

The 24th October 2006 woke up to a gloomy day. Heavy rains had fallen in the region of Vale do Sado, causing the Corona stream to overflow and hence cutting off the Mining Village of Louzal[37] from the rest of the world. The village is busy getting ready for the first visit by the President of the Republic. Few are those who remember that 80 years before, Frédéric Velge had been born and would transform this remote place into a modern mining centre. A memory which has remained well vivid through a no less ambitious rehabilitation programme of the mining epic's identity.

As we pay homage to the memory of this mining businessman and to his work, we would like to portray his trajectory as a man. Frédéric Velge lived at an intense pace. He was deeply involved in his work, leaving behind a remarkable legacy, of which SAPEC is an example. With a clear vision of the future, he knew at every moment of his life how to make the right bet in the right business. He employed the best advisers, individuals whom he fully trusted and were able to lead the creative forces with mastery. At each moment he showed discernment, power to decide and to assume risks which converted him into an example to be followed today in our global economic world in constant mutation.

The attractive challenge launched by the Frédéric Velge Foundation for us to write the biography of this businessman was not an easy one. There are not many documented records. The wealth of Frédéric Velge's life and work are dispersed in various places and are not within easy reach as would expected in the business world. We have thus opted to resort to the testimonies provided by family members and individuals who worked closely with him and gather enough information to build a portrait of the person in question that is as authentic as possible. Above all, we have sought to identify the man and his personality, whilst placing the crucial moments of his business life in the right context. His goals and his results. The businessman's creative moments.

---

[37] The Mining Village of Louzal belongs to the Parish of Azinheira dos Barros and São Mamede do Sádão, Municipality of Grândola, District of Setúbal. It has a resident population of 734 inhabitants (2001). The territory has various signs of the mining activity dating from the Bronze Age, amongst which is '*Castelo Velho do Louzal'* (Old Castle), identified by Leite de Vasconcelos in 1915, and various '*Tholoi'*, excavated and studied by the Mining Development Services in 1956. All archaeological vestiges are quite degraded and have been abandoned and ignored by the various public and private entities. The existing mining nucleus was created in 1882, with the registration of the mining concession on behalf of Mr. António Manuel, a wealthy farmer from the region.

The Mining Village of Louzal had its origin in the mining epic. Except for several meadows, the fields that border the Alto Sado are all arid and more adequate for cattle breeding and cork tree growing. Thanks to the pyrite[38] mining activity, by the end of the 1800's, a new form of settlement develops in the region. However, with the intensification of mining in the 30's, the urban structure becomes denser. The arrival of Frédéric Velge and the implementation of an audacious innovation plan, that lead to an increase in the mine's productivity in the 50's, give rise to the urban nucleus as we still see it today.

Mining is an arduous job. The traces left behind by the activity in territories are very striking. The mine's shutdown in 1988 and consequent abandonment of the industrial premises emphasise the ruin and degradation. Frédéric Velge, who was deeply bound to this village, lets the miners' families continue living in the mine houses. However, this is not enough to avoid the onset of a profound social crisis.

The main goal of the village's rehabilitation project that emerged soon after this is to alter the territorial specialisation pattern. Once again, Frédéric Velge, seeks to perpetuate the memories of the mining epic with the introduction of new economic activities. The solution was to invest in tourism and leisure. To display the industrial structures in a museum and disseminate the mining culture were the essential basis and contents to distinhuish the new economic activity.

When Frédéric Velge died on the 20th October 2002, at his castle in Folembray, France, in the company of his children and grandchildren, he had already seen the first steps of this project and in his legacy he left behind a life deeply involved in the world of business. He had survived in a world in rapid change. He had inherited an industrial-based company built by his father and grandfather, and which had participated in the European reconstruction. He left his inheritors a company that had undergone one of the most interesting reconversions of its initial business and which has successfully faced the challenges of globalisation. He left this great challenge to his Mining Village of Louzal. Considering its past and if it wishes to survive, will Louzal be able to adapt to the new days of our history?

[38] Pyrite is a metamorphic rock basically consisting of Iron Sulphide ($S_2Fe$). Pyrite may also contain other metallic minerals such as Copper (Cu), Zinc (Z) Gold (Au) amongst others.

## RIPENING YEARS

On a sunny morning, in 1924, a car is moving along the macadam road, called Graça, following the banks of the River Sado towards the rising sun. Inside the car is Mr. Frédéric Jacobs, a banker from Antwerp and his son in law, Antoine Velge, who have come to visit Herdade das Praias. They are looking for a site, on which to build the industrial plants that will lodge the mechanisms to transform the ore found in the southern plains.

The location of this property, with an area of around 400 hectares of sandy soils, 7 km from the then fish canning industry of Setúbal, with access to the river and to the recently built railway line in Vale do Sado, fulfilled all the essential requirements. It had good railway connections[39] with the sources of raw materials and easy access to the sea and ports of northern Europe, particularly to the mining region in the north of France and Belgium as well as a good labour force with industrial experience. The deal with Henrique Augusto Pereira, a wealthy landowner, was hence verbally agreed.

In 1923, Frédéric Jacobs had acquired an important shareholding in Société Anonyme Belge des Mines de Aljustrel which enabled him to have a seat in the Board of Directors of the mine in Alentejo. With this shareholding, Frédéric Jacobs started thinking about expanding his financial businesses through the export of pyrites. For this, he needed transportation, a place to store the ore and a quay from where to export it. Herdade das Praias had all these.

In 1925, Herdade das Praias starts being used to receive the pyrite ore. A fragmentation unit is installed, which granulated the pyrite into 0/12mm granules to be exported to the factories in northern Europe.

---

[39] The Vale do Sado Railway Line starts being built in 1911, connecting Barreiro with Funcheira and in Funcheira with the Alentejo Line. The connection between Lisbon and the plains in the south and Alentejo was established by the Alentejo line, completed in 1873. The technical difficulties presented with the crossing of the Tagus estuary meant that all connections to the south had to be done through Setil, Muge, Coruche, Vendas Novas, travelling into the central regions down to Beja, Castro Verde and Ourique. This line was mainly used to distribute cereal, the agricultural product that was typically grown in the southern plains since the second half of the 19th century. Phosphate production follows this agricultural impulse. Phosphates were obtained from the mining activity. The construction of the Vale do Sado Line, which serves the Caveira, Louzal and Aljustrel pyrite mines is part of this economic expansion. The line starts being built from the south to the north, arriving in Louzal in 1923 with the construction of the two bridges over the Corona and Espinhaço de Cão streams. In 1925, with the construction of the bridge over the Sado, in Alcácer do Sal, the connection to Setúbal is concluded.

At this time, Frédéric Jacobs and Antoine Velge lived most of their time in Brussels. Frédéric is appointed as SAPEC's first Chairman, a position which he holds until his death in 1946. By now, Antoine was 25[40] and had two children, Berthe and Pierre-Bernard.

On the 24th October 1926, his third son is born in Brussels and is given the name of Frédéric, maybe as a tribute to his father-in-law. He had another two children, Marc and Cécile. Frédéric spends the first years of his life in Belgium.

With the consolidation of the first stage of their investment project, pyrite exports, Frédéric Jacobs and Antoine Velge start working on the second stage of their project, fertiliser production.

On the 21st January 1926, the deed of incorporation of the company Société Anonyme de Produits et Engrais Chimiques du Portugal, regulated by Belgian law, is signed in Brussels at the notary public's office of Mr. André Taymans, and will soon be known as SAPEC. From now on this company will be exploring Herdade das Praias[41].

Fertiliser production enabled to increase the value of exports. To produce fertilisers it was necessary to add phosphate rock to the sulphuric acid obtained from the pyrites. Phosphate rock abounded in Morocco and could be purchased and easily transported by sea to Herdade das Praias, in Setúbal. In any case it was necessary to build an industrial plant for the production of fertilisers.

The construction of the fertiliser factory at Herdade das Praias, in 1926 and the construction of a BEER pile pier in Setúbal were all that was needed to conclude this project and to consolidate the family's investments in Portugal. This is but the beginning of a process that included the construction of several industrial units, placing SAPEC in the forefront of the fertiliser production companies in Portugal.[42]

With SAPEC's growing business, the length of stay of its managers in Portugal also increases. They buy Quinta de Aires, an old 18th century

---

[5] Antoine Velge is born in 1901, in Brussels. He is the sixth child of Charles Velge (1858-1913) and Berthe Lenoir (1869-1927). He was also the paternal grandson of Jean-Baptist Velge (1800-1882) and Rosalie Priers (1818-1894). A book called 'Les Velge' has been published. He married Alice Jacobs in 1921.

[6] In 1926, SAPEC buys from SA Belge des Mines de Aljustrel, 60 hectares at Herdade das Praias. The remaining 423 hectares are only bought in 1933.

[7] The fertiliser production chemical process required the addition of water, which dissolved the Sulphides ($S_2$+ $H_2O$ = $H_2SO_4$) and with the addition of phosphate rock it was possible to obtain Phosphoric Acid and Simple Superphosphates (0-18-0). Later on, SAPEC starts producing Granulated, Superphosphate and Complex Fertilisers.

conventual house, which becomes their residence in Portugal, and Quinta do Anjo in Palmela.

> "The two Quintas, were bought around 1928 by my grandfather Antoine, who lived in Quinta de Aires. The horses were kept at Quinta do Anjo." (Antoine Velge)

By 1933 and in full possession of Herdade das Praias, the area for production and industrial storage is now much larger. In 1936 they increase their investments in Portugal, with the acquisition, from Sociedade de Minas de Aljustrel, of 40% of the company Mines et Industrie situated in Louzal and the shareholdings of the British company, A. White Crookston, in Caveira. The mines in Caveira consisted in an old mine which had been explored since the Roman days. When it was bought, it was partially depleted. At the time it was thought that there might be copper layers which had not yet been discovered. The property had an area of 124 hectares and a beautiful mansion.

That same year, he buys another 17% of the shares in Mines & Industrie, now owning a major shareholding in the Louzal mines.[43] This situation shows the growing autonomy of SAPEC's industrial units in Setúbal in relation to the production centre in Aljustrel. From this point onwards, the mineral production policy can be adjusted to the production needs of the respective industrial units in Setúbal.

In France and in 1937, they buy the Castle of Folembray[44], where the Rallye Nomade, a grand occasion for deer hunters will be regularly held.

We have very scarce information about the first years of Frédéric and his brothers and sisters' lives. They had a normal childhood and like all others of their age, they too went to school. His father, Antoine, would spend long periods in Portugal looking after his businesses.

However, the outbreak of the European conflict in 1939, the German troops' occupation of Belgium and northern France disturb the family routine.

> "Even though my father-in-law, Antoine Velge was not very young when the war was about to break out he decides to go back to Belgium. In 1940, the German invade Belgium. Belgium did attempt to resist the Germans. Not much. He went back to Belgium, but his

[8] The remaining shares are bought in 1960

[9] Folembray is an anagram of Lambrefaut. The story involving this castle and the Count of Lambrefaut was adapted into a novel by Paul Vialar

> wife and five children came to Portugal. I left and went to my grandfather's house in Brittany. They were here from 1940 to 1945, and then returned to Belgium." (Madame Velge)

The successive accounts of the ongoing atrocities and of the general instability, had led Antoine Velge to choose Quinta de Aires in Setúbal to send his wife and five children. Now aged 13, we do not know for sure whether this was Frédéric and his brothers and sisters' first trip to Portugal. We know that they spent the war years here, away from the major problems in Europe.

> "During that period, my husband (Frédéric Velge) studied at the French School of Lisbon, in Lumiar. Lisbon's French Lycée only opens later. My husband studied here from 14 to 18 with my sisters-in-law Berthe and Cécile and my brother-in-law Marc." (Madame Velge)

> "During the war, my father (Frédéric Velge) was first in Belgium and then he came to Portugal. He lived in Quinta de Aires. We have a photograph where we see him going for a walk in Serra da Arrábida with his sister, Berthe." (Antoine Velge)

> "This is in Serra da Arrábida. She was on horseback and he led the horse. We can perfectly see those small petals that we find in that area of the Serra." (Antoine Velge)

It is during this war period that Antoine Velge appears to play a more relevant role in SAPEC, which culminates in his appointment as the company's Chairman. His father-in-law, Frédéric Jacobs, who was by now quite old and worried about his health and the war, dies in 1946[45], in Clabecq, Belgium. With Antoine spending more time in Portugal, he manages the businesses with mastery and signs of the Velge family's intervention in the community become visible.

> "The war was yet another complication. My grandfather (Antoine Velge) was involved in the Second World War. Even though he was not a military, he was already quite old at the time, but he saw what the war represented for many families. Even his own family was divided between the north and the south of France. And through SAPEC

[10] With the death of Frédéric Jacobs, his inheritance is divided. The shareholding in SAPEC is left to his daughter, A. Jacobs, married with Antoine Velge and the shareholding in the Pont Brulé group is left to his sister, Mme Van den Bosch. From then on her son, Mr. Paul Van Den Bosch assumes the representation of this group in SAPEC's shareholding. This group still had a shareholding in the capital of the Aljustrel Mines.

here, my grandfather did everything he could to help those who had fled the war … not really from the Nazi regime, it was mainly people who had fled the physical war in France and in Germany, and had travelled through Spain. And because they could not leave to England through Spain, they came to Portugal. And then, in Portugal, they needed someone who could help them. I think this was done so as to help people. Portuguese families did not really feel the war, but when my grandfather and grandmother spoke on the phone (I don't know if back then people spoke a lot on the phone), or when they received letters from a sister who lived in Belgium and from another who lived in France telling them horrible stories, they could not remain indifferent to what they were told. But I think that theirs was more a natural kind of help. To say: *If I can help in any way* … like those who offered to help the Jews during the war." (Antoine Velge)

"It was mainly people who came on a train in 1943, in which there were only men. They were resistants who rather than joining the war, side by side with Hitler, wanted to join the allied forces. This train had departed from Miranda and arrived at SAPEC's quay where there were British ships awaiting them. Franco and Salazar did not want this to be known." (Madame Velge)

But it was not only during the war period that Antoine Velge's protective character was shown[46]. During his term in office as Chairman of SAPEC, he dedicates himself to various community activities.

"What led my grandfather Antoine to do so much for Setúbal was to show his gratitude for Portugal and in particular for Setúbal: -*I'm a foreigner in this country, I was born in Belgium and was welcome in Portugal, in Setúbal; I was able to set up a company and in sum, become a wealthy man, and I feel that I must give something back to the community that welcomed me so warmly*. For me, my grandfather's reasoning was: I received X and I must give back Y. But I must give it back

[46] Apart from authorising the use of SAPEC's quay at Herdade das Praias in Setúbal, to bring on board refugees from the concentration camp in Miranda del Ebro, we know that Antoine Velge donated Caritas International a 3 000 tonne merchant ship, called "Frédéric", to transport food supplies to the concentration camp prisoners. This ship sunk in 1947, in Holland, whilst carrying a shipment of Portuguese canned foods (BARROSO, António, *História da SAPEC*, 1996, p.19)

to help others. I would like to emphasise the fact that he wanted to share part of his wealth in helping the needy.

We need not go any further than this and say that he was a philanthropist, because he was not one." (Antoine Velge)

A sentence sometimes used to characterise Antoine Velge "La moitié de mon coeur est portuguaise"[47], clearly indicates the fondness which he felt for the land and people of Portugal.

"I'm going to tell you a story about the Chairman, Mr. Antoine. It's about the hospital in Setúbal, the São Bernardo Hospital. The bust that you see at the entrance is that of Mr. Antoine Velge. It is a way of thanking him for his donations to purchase part of the hospital's equipment. Mr. Frédéric's eldest brother, Bernardo, became very ill in Quinta de Aires, where he normally stayed when he was in Portugal. He ended up dying in 1954, at the age of 29[48]. At that time, there was no equipment in Setúbal to treat lung diseases. So he made a donation to purchase equipment for the hospital, just like he did for other things. For example, to the city's club, Vitória de Setúbal, to build part of the sports' pavilion[49].

And the examples multiply.

"Look, I remember one day going with Mr. Antoine Velge to the fort in São João do Estoril, the President of the Republic's holiday home. The President of the Republic then was Admiral Américo Thomáz. I went there because Mr. Antoine Velge had to take a letter to the President. This letter was a donation to build homes for the poor in the Olivais neighbourhood, in Lisbon, near the airport.

[47] op. cit, p.17.

[48] After several adjournments, the construction of Hospital Regional de Setúbal finally took off in 1953 aimed at providing medical care, surgery, emergency services and several clinical specialties. Antoine Velge contributed with a sum of 800 000€ (23 % of the total cost). This donation was decisive for the start-up of the construction works and the hospital was inaugurated by the President of the Republic in 1959, under the name of São Bernardo, in memory of Antoine's eldest son, Bernard, who had suffered various lung ailments and ended up dying in France in 1954. In 1971 the patron's bust is inaugurated at the hospital's main entrance.

[49]The contribution to the Antoine Velge Pavilion, in the city of Setúbal was given in 1982 by Marc Velge, Frédéric's brother, as a tribute to his father.

> Mr.Antoine Velge, the father, who was a very generous man, gave the President of the Republic a donation for that neighbourhood. I don't know how much he gave, but I know that it was a donation, because I was there to see it." (José Henrique Semeão)

With the return of peace to the war ridden continent, the Velge family nucleus gathers. They move to Belgium, spending time in Folembray, in the North of France, whilst businesses flourish in Portugal.

> "We were all born in Belgium and also completed our studies there. We only spent a short period here during the war in 1945 and then returned to Belgium. I was born in 1929 and studied Law in Louvain and Liège. My brother, who was older than me, studied Forest Engineering, but started working in the coal mines in the North of France." (Marc Velge)

Upon concluding his studies, Fréderic begins his professional career. His degree in Forest Engineering was probably not of much use and by 1954 he is working at the coal mines in Liège, Belgium, where his family probably had financial interests.

> "After finishing his studies, he worked for 8 years at the coal mines in the North of France, in other words, between 1948 and 1954-55. I was 12 at the time, but knew that these were extremely important mines in Pas-de-Calais. They were situated in the mining basin in the North of France and this is where he worked as a miner. In France, we have two mining basins, one in the North and one in the region of Lorraine. In the North we have ten to fifteen mining centres.
>
> And then between 1954 and 1958, my husband went to work at the Liège Mining Basin. The mines were owned by the family and they explored high quality anthracite. At the time, there were four mines: Batterie, Bonne Esperance, Bonne Fin and Violette. These mines were 900 meters deep and spread underneath the village." (Madame Velge)

That same year, when Frédéric was just over 28, he visits his family in France and meets Mayalen Thierry, a 20-year old young French girl, who was a friend of his sister Cécile. Two years later, she becomes Madame Velge, and was always there for him throughout his lifetime.

"I'm French. I was born in Pas-de-Calais on the 7th March 1934. I met Frédéric in France in 1954. I was a friend of his sister Cécile and had come to spend a few days with her at Folembray. He was a very solitary and lonesome person, and already a workaholic. At the time he worked at the coal mines in Liège, in the area of Charleroi in the South of Belgium. His job was very hard, and he spent four years there. Two years later, in 1956, we were married. I was 22 and Frédéric was 30." (Madame Velge)

So, in the next two years, the young couple creates its own family routine. It is also during this period that Frédéric meets a young German, who soon becomes a great friend and ends up playing a decisive role in his mining activity. This was Günter Strauss.

"I was born on the 9th May 1935 in Neu-Ulm. Later on my family moved to Nördlinge, in Germany. My father was an electrophysics engineer. At the time, this region was basically used for farming and had nothing to do with mines. I was always very interested in natural sciences. When I was in school, my favourite subjects were always the technical areas and mathematics. I remember that back in those days I enjoyed doing research in the lab. Above all, I liked doing what others didn't. In 1954, when I finished school, I went to the Technical University of Munich to study Sciences. I then decided to study Mining Geology at the School of Mining in Clausthal.

It was around this time that I came to Portugal and contacted SAPEC. One of the requirements to conclude the degree at the Munich University was to spend some time practicing with a company. This was the summer of 1956 and I had to study a case to complete my degree. So, I decided to study areas that were not very popular in Germany. I had the choice of going either to Sweden or to Spain. Well, at the time, I was not quite aware that there were two countries in the Iberian Peninsula; the only thing I knew was that Europe's largest wolfram deposits were exactly in the Iberian Peninsula. The Panasqueira mines were then the largest wolfram mines. In the students' programme it said that there was a wolfram mine in Louzal and so I decided to study this case. I took the train to Portugal and arrived in Lisbon on a beautiful summer day. I shall never forget that shiny day, with the Tagus in the background. I must have been around 21 and I went and knocked on SAPEC's door in Rua Vítor Cordon. There, I learnt that after all there was no wolfram mine, but instead a pyrite mine. Well, since I

didn’t really know much about pyrites I thought this would be a good alternative for my internship. Anyway, I needed to do another practical semester about a case of my choice.

But, SAPEC did not let me go and work in the Louzal mine. The engineer said that I would be mixing with the miners and hence raise problems. In those days, miners in Portugal were very poor people and the mining work was very hard. In Louzal most of the work was done manually and using one’s arms strength. So, after insisting with the engineer to let me go and work in the mines, he finally said that I could go and do topography and geologic prospecting works. And that is how I managed to get there. A few days later, I got off the train at Louzal and settled at the Casa da Recepção. For two or three months I covered the entire area and drew up a rudimentary geology map. By then, Casa da Caveira already existed and this is where Professor De Fontier lived, a teacher from Brussels Free University who visited Louzal regularly. He was spending a few days with Antoine Velge, who spent his time between Lisbon, France and Belgium. He saw my work and so the day before returning to Germany, I was asked to come to Caveira to speak to him. This was the beginning of a lifetime friendship. At the time I was not thinking of working for the industry but rather focus on research.

Professor Fontier promised to speak to Mr. Velge about a possibility for me to do an internship at the Panasqueira Mines. The problem however was that being German I was not accepted in Panasqueira. So, as an alternative, Mr. Antoine Velge invites me to go to the coal mines in Liège. And this is how I ended up spending several months in Liège.

It was then, I think we were in the spring on 1957, that I first met Mr. Frédéric Velge. He was a man who was very absorbed with his work. He was already married to Madame Velge and his first son had just been born. We became good friends immediately and had great conversations about the various mining processes. I gradually became increasingly interested in pyrites. The pressure which Antoine Velge subtly exerted on me began to have an influence and I decided to write my thesis on Louzal. And this is how the pyrite geology became the main focus of my technical and scientific research.” (Günter Strauss)

It is during this period that the father, Antoine Velge, proposes a challenge to his son, Frédéric. To come and work with him in Portugal, supervising the Louzal mines, where according to surveys there were all the conditions to develop the pyrite mining activities. In 1958, Frédéric, Mayalen, the son Antoine, born on the 2nd January 1957, and Caroline, born on the 20th October of that year, move to Portugal and settle in at Palácio da Caveira, 8 km from Louzal.

# THE PYRITE YEARS

At the age of 32, when Frédéric accepts his father's challenge to move to Portugal, he is fully aware that his life will profoundly change. He moves with his wife, Mayalen and children, Antoine and Caroline. His goals are well defined. His primary duty is to follow SAPEC's investments in the Mining Village of Louzal. They settle into Palácio da Caveira, and Frédéric initiates a period of intense work and great rewards, both from a family and professional point of view.

> "My husband was totally devoted to his work. When he comes to Louzal, he already had eight years of experience working in the coal mines in Belgium. He went down the mine every day to follow the works and this experience enabled him to change the working methods in the Louzal mine. Because of his experience, he thought about everything before making any changes." (Madame Velge)

Investments in Louzal had begun a few years earlier. With the support of the Mining Development Services, new deposits and locations for mining exploration had been found. The work and methods which the young German geologist had applied in Louzal also offered great opportunities for prospecting new pyrite deposits.

> "After the war, between 1948 and 1950, my father-in-law, Antoine Velge, had invited Mr. Truphême to come and manage the business in SAPEC. He had been the former general secretary of the black coal mines in Pas-de-Calais, in the north of France and he came to work for SAPEC. He moved to Portugal and works here for around 20 years, until his death in 1975. He was number two at SAPEC and an expert in mining activities. My father-in-law, Antoine Velge was the Chairman and Mr. Truphême, the executive director. He was the one who encouraged my husband to convert the Louzal mines into a profitable business.
>
> Under the management of Mr. Fôret [50] between 1950 and 1955, the Louzal mine worked very well. But, in the mine business you either win or lose, there is no in-between. It all depends on the ore's sale price. So when my husband arrives, the mine is working well but it is not very profitable. And so what does he do? He changes the

[50] Alfred. FÔRET, Manager of the Louzal Mines between 1947 and 1959

methods and during several years he is able to substantially improve SAPEC's profits, enabling it to make a lot of money.

The Caveira mine stopped working in 1955. We tried to develop Caveira but it was very poor in copper and was not worth the effort. Louzal was richer in copper and at the time this is what we sought to explore." (Madame Velge).

Before embarking on the renovation of the mining exploration methods, which end up transforming the Louzal Mines into one of the country's most modern mines, Frédéric Velge and his colleague and friend, Günter Strauss, carefully study the existing solutions in other places in order to choose the one which was more adequate for the mines in question.

"I believe that Günter Strauss is crucial to one's understanding of Frédéric Velge's work in the Louzal mines and later on in Tharsis. Some of the photos which we have in Caveira, were taken with my father and Günter in Finland when they went to visit the mining models which they wanted to adopt in Portugal. They analysed a number of mines in northern Europe, Sweden and Finland and collected important information about the mechanisation processes. They bring the Atlas Copco machines and Dumper trucks to Portugal. These machines were state of the art and used in the most modern mines, where labour costs were higher, as in northern Europe, where these productivity improvements compensated production costs." (Antoine Velge)

"The subject of my undergraduate degree thesis was the Louzal pyrite, but the object of my research rapidly extended to include the entire Iberian Pyrite Belt[51]. Meanwhile I continued my academic career with post graduate studies at the Mining School in Germany, in Klaustadt, Germany's oldest school. There I studied Mining Geology and Mining Exploration Methods between 1957 and 1958. In those days, all the mines in the Iberian region were very outdated in comparison with those in Sweden, Norway or the United States. The labour

[51] Iberian Pyrite Belt - In the words of Miguel Torga, it is the magma belt that connects the Sado with the Guadiana River, extending to the Guadalquivir in Andalusia.

> force was very under trained. In Portugal and Spain, these were the days of Salazar and Franco, respectively.
>
> And this poorly trained labour force was part of the latter's defence strategies. Meanwhile, in 1961, I finished my geologic engineering thesis[52,] and I was already considered as an expert in pyrite geology and was hence appointed as Louzal's official consultant. In that period, Louzal was undergoing a general technologic reconversion process implemented by Frédéric Velge. Together with our Louzal team, Frédéric was responsible for the whole process. We had seen some pyrite mining exploration models in northern Italy and adapted them to Louzal. I was in charge of supervising the process on a scientific level. For example, I discovered a layer (Antoine deposit) with approximately one and a half million tonnes of pyrite. From 1961-62 I lived in Casa da Direcção. During that period, Frédéric Velge and I had long talks about the mining exploration possibilities. He was always very dedicated and absorbed by his work. His main concern in our conversations was always business. He was always thinking about the mine's profitability and in ways to improve its exploration processes". (Günter Strauss)

With the support of his assistants, Frédéric Velge is able to transform the working methods in the Louzal mines. He is very enthusiastic with this task and dedicates himself wholeheartedly to its accomplishment.

> "Well, my husband, Frédéric, worked very hard. He had no sense of time. And that is how it had always been. When we arrived in Louzal, he was young, he was 31 and I was still very young. We already had two children[53] and the third one [54] is born in Portugal. And he was in love with this. Everyday he went down to the mine. He loved horses and hunting. Hunting on horseback. But the mine always came before the horses. If he had to choose between going down to the mine or go horse riding, he would opt for the first one. For him work was more important than leisure.

---

[52] Thesis *Zur Geoologie der Kieslgerstätt Louzal, Portugal* presented at Munich University's Institut für Gesteinskunde.

[53] Caroline Velge is born on the 20th October 1958, with the family already living in Caveira.

[54] Patrícia Velge is born in April 1963 with the family also living in Caveira.

> We lived in Caveira and he came to Louzal every day. It was a 16km round journey, on dirt roads, but he really liked it. Sometimes he would return on foot and then work at home. At other times, if he had meetings, he would stay in Casa da Direcção. He was always keen on improving the work in the mine. For example, this is a photo of a small mine car (tilted angle) transporting pyrite to the quay. One day my husband said: *This takes too long and is too expensive. We have to improve this.* And so he installed a mechanised system. In those days there were not enough trucks to transport the ore to the quay. There was a railway service once a day and sometimes twice when demand was high. All the transportation was done from Louzal to SAPEC's quay in Setúbal.
>
> He also enjoyed reading. But you know, in those days there were not many books or newspapers in Caveira. So he read mostly things related with the mine. What he liked most was his work; he was not an intellectual but rather a man of action." (Madame Velge).
>
> "He always went to work early in the morning. He was an early riser. He lived in Palácio da Caveira and used to go to Louzal. He would go down to the mine around 9, after the workers had already descended. Then he would take a bath at Casa da Direcção and then return home to Caveira, where he would spend the entire day working. He had his wife and children. If he did not have to go to Lisbon or France with someone, the following day he would do the same. He was not a prisoner here." (José Henrique Semeão)

The innovations introduced by Frédéric Velge in Louzal were so drastic that they are still visible after 50 years. This does not only refer to the location's material appearance, territorial formatting and industrial buildings but also to the social structure of the Mining Village. Frédéric Velge became so involved with the community that his memory is still remembered by the eldest. The fact that he shared working moments with them and the fact that he went down to the bottom of the mine to learn about any problems and follow the work front enabled him to win the admiration of the mining community and in the mining imagination he even became a MINER. An admiration which shall live forever.

He took several measures, including:

"By the mid 50's Louzal had entered into a period of recession. This was partly due to the falling prices of pyrite, but above all due to the outdated production methods, excessive staff and low productivity levels. In addition to this, the mining exploration reserves were increasingly dropping. In sum, Louzal was experiencing the problems which other mining companies in Portugal and Spain also experienced at the time.

When Frédéric Velge arrives in Louzal, he undertakes a profound reorganisation reform, both on a technical, administrative, financial and social level. During his six-year stay he was able to do the following:

- Radical change in the mining exploration method, with the introduction of the TRACHLES MINING system, the installation of wood shoring in the galleries and introduction of compressed air cars (Montevechio method used in Sardignia);
- Mineral crushing process moved from Setúbal to Louzal with the construction of new facilities next to the main well, resulting in gains in the raw material transportation process;
- Renovation of the mine's ore transportation system to the loading quay;
- Workshops' reorganisation and renovation;
- Closedown of the mining works in Caveira;
- Creation of a geology-mining research centre and systemic prospecting of all reserves. The Antoine deposit and several other small deposits were found during this period;
- Administrative reorganisation with the introduction of modern industrial accounting methods and a strict cost control system (C. TASSEL);

- As a result of all these reforms, the following must be highlighted:
- Staff reduction from 800 to 500 workers, with no dismissals. Various incentives and retirement plans were offered;
- Mine's productivity increased from 1.3 tonnes to 8.5 tonnes per miner;
- Drop in accident-related leaves from an annual 500 to 150 (at the mine);
- Duplication of the explorable reserves of mineral resources;
- Strict control of production costs.

Apart from the above, various social improvements were also introduced which resulted in the miners' improved living conditions, as follows:

- Construction of 60 new houses for workers, with water and electricity;
- Construction of the hospital, church, recreational centre and bakery;
- Urban development in the village and suburbs;
- Eucalyptus plantation in non-productive soils;
- Medical check-ups for all active workers;
- Domestic work preparation courses for the daughters of female workers;
- Summer school for all employees' children." (Günter Strauss)

In only a few years, the obsolete mine turns into a modern and productive mine and a source of pride for the entire community.

"At the same time, he always showed his concern for the welfare of others. In 1956, when I first came to the Louzal mine, there were many miners who went down to the mine bare feet, in shorts and with no helmet. These people lived in huts, had lots of children, wore miserable clothing and their food was also very poor. All this changed with Frédéric Velge. From what I saw, both in Portugal and in Spain, I remember that there was a good relationship between the mine's management and the workers. It was certain however, that there was a big difference. We, as the experts, lived very comfortably. We had good houses. We had the basic products, always had a vegetable patch and good meat. There was a market and we had medical services in the mine. Miners lived in another area. Frédéric Velge implemented an important housing programme for the miners, he built a canteen and a church. He always supported the miners' parties. There is no doubt that Louzal's social portrait underwent a great change in very few years". (Günter Strauss)

"You know that the miners who worked at the bottom of the mine earned twice as much as those who worked on the surface. Their work was very harsh and indeed the most important for the mine's functioning. When we first arrived, there were a lot of people who worked in the mine; in fact too many people. We cut down the number of miners to 500. Together with their families, they added up to some 3 000 people who lived here in Louzal. Mr. Fôret had left behind a mine that worked very well, but there was still a lot to do. This mine could make lots of

money, but many things had to be done first. The Public Health Services, school, market and church had to be built. We always supported the miners' parties." (Madame Velge)

Following his father's work for the community in Setúbal, Frédéric also collaborates in the village's spatial organisation, ordering the construction of various social equipment structures and facilities to improve the miners' lives.

"His father, Antoine Velge, had already shown to be a philanthropist. In Setúbal he had the hospital all equipped. He donated money to the city's social welfare works. In Louzal, Frédéric and his wife maintained this tradition. In those days, both in Portugal and in Spain, the main mines were explored by foreign companies and everyone who came from other European countries was very shocked with the miners and their families' inhumane living conditions. The working conditions in European mines had significantly improved after the war. Miners and their families had been given proper working conditions and a certain degree of dignity. However, in Portugal and Spain nothing had changed." (Günter Strauss)

"My husband hired a delightful person, Mr. Van Nyen, who was also Belgian and had been manager in Aljustrel. Mr. Van Nyen moved here before he retired. He lived in Casa da Direcção and he was the one who started developing the village's social activity. My husband and I developed all that work. During that period, his father, Antoine Velge, did not come to Louzal very often and when he did so he did not really come into contact with the reality. Because my husband went down to the mine every day, he got to know the miners very well. He knew what they needed and we did everything we could to help them out. There were many people who spent their entire lives in Louzal and this led to the creation of strong ties between everyone. Louzal was very pleasant. We were very happy here." (Madame Velge)

"I think that my mother was a great help to my father when we came to Louzal. Coming from Belgium, it must have been quite different as the latter was already more developed and there was less poverty than here. My mother, just like many women, was very sensitive. She felt that people needed help. They needed many things, so basically what my parents did was open up their hearts

> and helped people out as best as they could, always with a smile, with their heart and with kindness. And the things they did in Louzal: helping out during the weekly popular soup distribution to the poor, supporting the Louzal festivities and the people who lived together in huts. They wanted to share part of the business profits with the local people." (Antoine Velge)

The success of Frédéric Velge's role in Louzal was not only on the account of his innovations and the mine's increased productivity, but also for his social contribution. Based on respect and in the sharing of values, he was able to create and maintain a remarkable social cohesion within the mining village.

> "From 1959 to 1964, me and then my sister, Caroline attended the primary school in Caveira. The youngest sister, Patrícia was born in 1963 and did not experience the Portuguese period. In Caveira there was one teacher who had 10 or 11 pupils. There was not much difference amongst us all. I was may be in the first year of primary school and my sister was in nursery school. But we were all in the same classroom, with the same teacher for about two years. It was a very interesting experience, of which I keep very gratifying memories.
>
> My parents and I lived very happy days in Caveira. My father used to come and go every day. It was a fantastic period, because during the weekends we were always with our parents." (Antoine Velge)
>
> "It was here in Louzal that we spent the most beautiful period of our lives. We are very sorry to think that the people here in Louzal may have thought that we wanted to leave. But we had to, because that is what his father wanted him to do." (Madame Velge)

By now, the father, Antoine Velge, dedicated most of his time to his businesses in Brussels. His investments in Portugal were safely in the hands of his son Frédéric, in charge of the Louzal Mines and of his son, Marc in charge of the industrial affairs of SAPEC, in Setúbal.

> "My father was an absolutely exceptional man, who was able to create SAPEC as we know it today, from nothing. He died here in this house, in Quinta de Aires, in 1974, 10 years before the Revolution. My brother and I arrived in Portugal more or less around the same time. I arrived a little after him around 1960. At my father's request, he immediately took over the management of the Louzal

> Mines. And I was more in charge of SAPEC in Setúbal." (Marc Velge)

In 1963 and aged 37, after five years of intensive work and family harmony, Frédéric Velge once again must face another challenge presented by his father. It was time to leave for Spain.

> "At the end of 1963, my grandfather Antoine bought quite a significant shareholding in the Tharsis mines. At the time, Tharsis was owned by a company from Glasgow, in Scotland, and listed in the London Stock Exchange. Its shareholding structure was widely dispersed and maybe the Chairman had 2 or 3% of its capital. It was a much greased company. In today's world, with the required transparency in stock markets, it would have been suitable for a takeover. At the time, this operation was not called a takeover, but instead a qualified holding or something like that. Back then, the stock exchange did not stipulate that if one had more than 20% of a company's capital it was necessary to initiate a takeover in order to protect minority stakeholders, etc. Through two or three brokers, my grandfather gave instructions to buy shares in that company and in two or three years he had, I think 20 or 25% of its capital. So when he arrived at the general meeting, he said: - *Very well I am the major shareholder here and I want to begin by saying exactly what I want*." (Antoine Velge)

The Tharsis mines are located in the Huelva Province in Andalusia, near the left bank of the Guadiana, and 50km from Vila Verde de Ficalho. Just like in the case of Louzal, Tharsis has been known since antiquity as a copper prospecting area[55]. The choice of Antoine Velge for choosing these mines to expand his pyrite exploration activity was not a chance event.

> "In 1961, I finished my master's degree. Then, simultaneously with the collaboration with SAPEC, essentially in technical and scientific matters, I continued with my research and university teaching. What I really wanted to do at the time was to follow an academic career dedicated to pyrite research. And it was in this

[55] Tharsis is very likely a name inherited from the ancient territory of Tartessus, a people mentioned in ancient sources, which lived in the valley of the Guadiana, and which during the third millennium before Christ developed the production and manufacturing technologies of metals from the eastern Mediterranean. Metallic mineral exploration and respective manufacturing lead to the integration of southern Iberia in the Mediterranean world.

position that I went on to study various mines found along that belt. In February 1965, I finished my doctorate thesis at Munich University's Natural Sciences Faculty, the title of which was *The Geology in the Pyritic Province southwest of the Iberian Peninsula and its deposits, especially in the pyrite mine of Louzal – Portugal*. Thanks to this study, I was able to learn about other existing mines. In my work, I developed the research methods for researching new mining deposits through radiometry, how to mine and the type of materials which should be used.

It is obvious that by being an academic, my life was made easier than if I were not. For example, at the time, the Aljustrel mines belonged to a Belgian group that was SAPEC's rival. It was a sensitive subject to study. But I received a lot of support from Mr. Antoine Velge. I gave him much advice about the important pyrite deposits, the places where there were larger concentrations, etc. I think that it was very important when he decided to go to Tharsis. I visited Tharsis for the first time in 1958 in the company of Mr. Antoine Velge and Mr. Frédéric Velge. However, my collaboration was essentially on a scientific level. Meanwhile, between 1960 and 1962, I visited the Tharsis mines several times and collected important information about its production processes and existing reserves.

Between 1963 and 1964, Mr. Antoine Velge buys more shares in the Tharsis mines, until he takes over the company's control. His son, Frédéric is appointed as the mines' Executive Manager and I was invited to hold the post of General Manager. But I hesitated for a while. I was finishing my thesis and did not want to leave my academic career. But in March 1965, and after finishing my thesis, I decided to launch myself whole-heartedly into the industrial world.

That which took place in Louzal on a small scale is exactly what happened in Tharsis but on a much larger scale. In only a few years, we were able to make Tharsis the largest and most modern pyrite mine in the whole of Europe."(Günter Strauss)

Once again, the sagacity and excellence of Antoine Velge's assistants prove to be crucial for the success of SAPEC's businesses. Once in

control of Tharsis it was necessary to raise the production levels, change the processes, methods and enable production to reach Setúbal and the increasingly ore-thirsty factories.

Antoine Velge turns to his son, Frédéric to accomplish this undertaking. In time and owing to the evolution of business, the family must inevitably move.

> "My father-in-law had called him to help him out in the Tharsis mines in Spain, in the province of Huelva. The Tharsis mines belonged to a Scottish company which had been operating them since 1860. My father-in-law had a stake of around 5% in the company and started buying shares until he had a 30% holding. Together with a Spanish company owned by a Catalan, Mr. Capello, who also had a 30% shareholding, they now had the majority. The latter's representative was Joachim Vega de Seoane.
>
> Tharsis was a bigger mine than Louzal, extracting at the time, an annual 300 000 tonnes of pyrite. In January 1970 it extracted 1 million tonnes. Everyday, one or two trains would transport the pyrite to SAPEC's quay in Setúbal. I think that 20% of the production was used for SAPEC's granulated super phosphates. The remainder was shipped to Belgium, France and Germany. So, 80% of the production was exported."(Madame Velge)
>
> "During 1963 and 1964, my father frequently goes to the Tharsis mines to supervise the work, whilst also in charge of Louzal. And in 1964 we move to Madrid, where we stayed until 1969, with my father already in the position of Executive Director of the Tharsis mine. His eyes were now more focused in Tharsis, but he continued to manage Louzal from the distance." (Antoine Velge)

With his newly assigned tasks in Tharsis and the family living in Caveira, Frédéric Velge's life was not an easy one.

> "In those days, my father had a driver, whose name was Francisco Roque. His family had been working for SAPEC since 1930, and his father had been SAPEC's first driver in Louzal. Francisco and his wife, Maria, always worked for us. When we moved to Madrid, they came with us and also when we went to Brussels. In those days, when we lived in Caveira, Roque used to take my father by car to

> Albergaria-a-Velha[56], and then they crossed over to Madrid.

> Back then, there were no flights to Madrid. They would spend two or three days there and then return to Caveira. Sometimes they would travel through Huelva, and other times they came directly from Madrid to spend the weekend. Every other week my father would go away for four or five days so that he could do his business round. Thank God this only lasted for a year or a year and a half. This must have been sometime between 1962 and the beginning of 1963."(Antoine Velge)

> "And then we left. Patrícia was not one yet. We were desolated to have to leave but this is what my father-in-law had decided and he was the Chairman." (Madame Velge)

In Spain, Frédéric Velge and his family will be living in Madrid. From here, he will manage the Tharsis mine and the industrial company, Minas y Metalurgía."

> "So, he brought back all the experience from Louzal. We built a great team. He was the Executive Director of Tharsis. Between 1965 and 1968 he lived in Madrid and followed the entire method modernisation process. Apart from this he also managed one of his father's company's in Madrid." (Günter Strauss)

Once again, Frédéric Velge and his assistants will reveal their working capacity, ingeniousness and determination.

> "Tharsis' annual production was well over one million tones." (Antoine Velge)

Even though he now had a new life, Frédéric Velge and his family continued coming to Portugal on a regular basis. They came to Caveira, where they kept their holiday house, to the Algarve, where they had also purchased a holiday home whilst keeping in touch with the rest of the family in France.

> "In the summer, we would always spend a month in the Algarve. Even though my father was always working, we used to come to Portugal to spend a few days in Caveira and to our grandmother's house in Biarritz. So our

[56] In Albergaria-a-Velha, more precisely in Palhal, there was a company in which SAPEC had a substantial shareholding, which produced steel drills used to perforate the ore.

summer time was spent between Biarritz, Caveira and the Algarve. We all went to Armação de Pêra, where my parents had bought an apartment in Vila Lara. My father (Frédéric Velge) had a boat named 'Hermance', which was a motoryacht given by my mother's father around 1964. The boat was first in Setúbal and then he took it down to the Algarve. It was moored in the estuary in Portimão. In those days we stayed in a hotel and sailed along the coast. Then in 1967, my parents bought the apartment."

"This is me and my father horse riding in Herdade da Caveira, in April 1969. He had a British horse which he had been given by my grandfather and I used to ride the guard's mare. My father taught me to horseride. I was still very young and my father spoke to me about things in the countryside, the names of trees and plants. He really liked the countryside. It was a fantastic way of enjoying and seeing the land with our horses doing the walk. He was not greatly enthused with *dressage* or jumping. He basically enjoyed riding in the countryside. In Folembray we had horses for deer hunting.
At Christmas we used to go to our grandparents' house in France. At Easter we used to go to my maternal grandmother's house in Biarritz." (Antoine Velge)

It is during one of his stays in Spain that Frédéric becomes addicted to what later becomes his brand image: cigar smoking.

"In those days in Spain, in the days of Franco, there were no cigarettes, so he started smoking cigars. This was something he really liked doing when he was alone." (Madame Velge)

Frédéric Velge, a man who was wholeheartedly dedicated to his work, could not do without his own small private pleasures.

"When he was concentrated no one entered his office. Only the maid would go in if asked for water or a 'wiskysinho' which he liked to drink. I went very often with Mr. Frédéric Velge to the *caçadilhas*. He really liked shooting. I always went with Mr. Frédéric Velge. He always had his loaders there to unload the guns. I was always in charge of the cigar box. I never knew when he might ask for a cigar. He shot a lot in Spain, where he was invited very often. He really liked horses and had many in Folembray. So when there were horse fairs, we would go to Jerez. He was good friends of the Spanish

> bullfighters, the Domecq. He was good friends with the family. We used to go very often to Jerez to attend the horse fairs and to buy oats for the horses… He used to buy oats and then take them on the plane to his horses in Folembray. He always used to stay in the same hotel, next to the Domecq house in Jerez, where I also stayed and we would go to the bullfights. (José Henrique Semeão)

As a successful businessman, Frédéric Velge maintains strong relationships with his assistants and employees throughout his life, most of who were from the mining village of Louzal[57].

> "I also had my own 'little ticket' to attend the bullfights. He loved watching bullfights.
>
> And let me tell you how much he enjoyed eating. It was a pleasure to have lunch with him. He enjoyed drinking a good wine, to smoke a good cigar and to have a 'whiskysinho'. I used to pick him up from the airport. He always got on the same flight at Charles De Gaulle and arrived in Portela at ten. And when we arrived in SAPEC, I would take his suitcases from the trunk and go up to the fifth floor, where Mr. Frédéric Velge used to stay. When the maid was not there to prepare his 'wiskysinho', then he would ask me to do it by saying: - *Zé! You're going to prepare a 'wiskysinho' for your boss now, aren't you*?" and I would reply: - *Of course, Mr. Frédéric Velge, I'll do it right now*. So I would prepare his drink and he would drink it. - *So do you need anything else?* Now it was a cigar. The 'wiskysinho' and cigar were the two things which Mr. Frédéric Velge most enjoyed.
>
> When we went to Madrid I always stayed with Mr. Frédéric Velge in the hotel. The same with Mr. Truphême, who used to stay at the Palace Hotel and I would stay there too. I always stayed where they stayed or close to them. At the time there were no phones as we have them today. There was no way of communicating like we do now." (José Henriques Semeão)

---

[57] [22] José Henrique Semeão, SAPEC's driver for 55 years is a clear example of this. Born in Louzal in 1933, he starts working in the mine at the age of 16. At the company's suggestion, he takes his driver's licence at 18 and is appointed as the Board members' driver. He drives millions of kilometres whilst in service for SAPEC. Currently retired, he is considered as a member of the Velge family.

Meanwhile business runs smoothly at the Tharsis mines and at the other companies. His friend and assistant Günter is an experienced man with refined capabilities. Production keeps growing. The family in Madrid adapts well to the new life and the 40-year old businessman, Frédéric Velge continues living at an intense pace.

> "He was basically a man of action. He was not the kind of person who looked at balance sheets or spent time on the phone in his office. For example, if he was still alive and managing the business, if he had to choose between holding a meeting or making a phone call, he would opt for the first one. If he had to choose between having four or five people come over from Madrid for a meeting here in Lisbon when he was living here or go to Madrid himself, he would opt for the second one. He liked seeing people, see how things were going, greet people, be it the secretary or the driver. Throughout his lifetime, he always chose to go to the place.
>
> He had a perfect health all his life. He never went to the dentist. Because he smoked a lot of cigars his teeth were black. I always remember my father with black teeth, but he never went to the dentist. He never had any eye sight problems and he never wore glasses for anything, except in the final stage of his life when he had to wear glasses for his tired eyes, but he never wore glasses for short-sightedness or any thing like that. In other words, I don't remember my father having any serious health problems. He had hepatitis when he arrived in Madrid, around 1963 or 1964. He was a bit shaken for a while … but otherwise I don't remember him having the flu or anything like that. My father was a workaholic. We have kept one of his diaries, the one from 1969, when he was in Belgium and during which he travelled over 150 days." (Antoine Velge)

Because he was a man of action who was always ready to embark on new challenges and hence accumulate more and more work, Frédéric Velge was able to assume the leadership in all his companies. This is also the reason for his success as a businessman and as an entrepreneur. Because he was fully aware of the constant changes he was always ready to move in new directions.

> "I think that this was an innate characteristic in my father. Common sense, humane sense, etc.… If it can be said that it is hereditary, he probably inherited this from my grandmother, who was also a very human person. But I also think that with time my father gained more and

> more energy and willingness to fight. All the people I have met who have the willingness to strive and who are fighters, have gone through difficult times. Normally if you starve, you learn to struggle. And I don't specifically mean physical hunger but a willingness to change yourself or prove to your parents or anyone else who you are. That willingness is a strength that is part of us. My father was someone who spent his whole life, I would say, *torturé* with challenges and more challenges and more challenges. Feeling the constant need to prove to himself and may be to others that he was capable. He was ready to accept any challenge". (Antoine Velge)

It is that permanent dissatisfaction, that love for work and the creative forces which drive the changes in Frédéric Velge. If on a first stage it is his father who gives him the challenges, later on it is Frédéric Velge who wants to challenge himself.

> "I think that my father was my grandfather's least liked child. Because Marc was the favourite one and above all he was single at the time. He was destined to go and live in Quinta do Anjo, when he got married. But, he ended up not getting married and continued living with his father in Quinta de Aires, hence developing a closer relationship with him. When my father arrives in Portugal, after being asked to come by my grandfather, he must deal with the challenge represented by Louzal, but no one really believed in his capacity to do so. Or maybe it was only my grandfather who did not believe in him. And so, when my father accomplished what he had been asked to do in Louzal, my grandfather could have said: - *So, now you are going to take care of SAPEC*. But no! SAPEC was reserved for my uncle Marc. And then a new challenge. A mine, a company God knows where, for Frédéric. And when his businesses extended to Spain, it was Frédéric again who was in charge of them. In other words, my father never really had the opportunity to enter the house which had been reserved for my grandfather or my uncle Marc, which was in fact SAPEC in Setúbal. That is why my father was constantly accepting my grandfather's challenges, which were always difficult ones. But this can also be seen from a positive point of view: - *Come on Frédéric! Let's see if you can solve this*". (Antoine Velge)

At 42, Frédéric Velge again accepts another challenge and leaves for Belgium to engage in new businesses without however entirely distancing himself from the paternal house.

# OFF TO THE EAST

> "His first life is spent in Louzal and the second one in Belgium, in a company called SOCFIN - Société Financière des Caoutchoucs, where he had a shareholding that had been passed down to him by his uncle, Mr. Van den Bosch[58] who was a cousin of my grandmother, and in other words, from the Belgian side of the family, from Jacobs' financial investments and Antwerp. So from 1968 onwards he starts dedicating much of his time to Société Financière des Caoutchoucs. This cousin had no children or descendants and was already of some age, probably that of my grandfather. He was one of SAPEC's directors and during the 60's, whilst attending the company's board of directors, he had heard much about my father's role in the restructuring of the Louzal and Tharsis' mines. And so this gentleman came to speak with my grandfather and said: - *Antoine, you're lucky to have two sons.I have none. I would very much like it if one of them came to work for me. And I would like it to be Frédéric*!" (Antoine Velge)

SOCFIN was surely a new and interesting challenge. By now, Frédéric had enough experience in business and probably wanted to get away from his father's omnipresent shadow. Nonetheless, there were many risks which had to be faced. It was not an easy decision.

> "I know that my father hesitated: - *So I'm going to stop working with my father and going on a new adventure.* My mother strongly supported my father in making this decision, because she wanted my father to get away from his father's influence and because this was in fact a great leap in his life. In material terms, this was a very important decision, as he would be leaving a relatively small company, which included SAPEC and the Louzal and Tharsis mines. SAPEC was no more than a small family-

[58] The shares of Paul Van Den Bosh in Aljustrel had been sold to the then Executive Director, Mr. de Barsy, who became the major shareholder. In 1965, when the latter sold part of the capital to the CUF Group, SAPEC's rival in the production of phosphates, a whole series of events takes place marking the end of the co-existence regime between the two groups. After Tharsis, Antoine Velge probably intended to return to the shareholding structure of this mine and possibly integrate this production centre in his sphere of influence.

> run company and he moved up to company which had no comparison whatsoever in terms of market capitalisation." (Antoine Velge)

The sensation of confinement within SAPEC must have contributed to his decision. His brother Marc expertly managed the industrial complex in Setúbal, which still appeared to have a great growth potential. His father and Louis Truphême, who must have been around sixty at the time, had stable professional lives. It seemed as though Frédéric felt the need to create something new which he could not attain in SAPEC, and SOCFIN appears to have been the solution.

> "If we want his whole biography, then we must mention this important period of his life spent in Belgium, as it is one which he immensely cherished. He also did a lot of things in Belgium." (Antoine Velge)

In 1969, Frédéric Velge and his family move to Brussels. The children leave the French Lycée in Madrid. The older son, Antoine, now 13, stays in Paris studying for one year. The 11 year old Caroline and the six year old Patrícia move to Brussels with the parents and easily settle in.

> "During this ten year period, my father set up a new company in Africa, in the Ivory Coast, which produced palm oil. He developed many plantations in Malaysia and Indonesia. In the east, they had palm plantations and rubber trees.
>
> In most of these countries, they produced palm oil and rubber as the company did not wish to depend on only one market. As such, these two markets normally worked in counter cycle. Rubber was very much related with the tyre market, car and aircraft industry, etc, whereas palm oil was more related with raw materials, namely the protein industry.
>
> Twenty years went by, the first fifteen of which were extremely fascinating for my father. During the SOCFIN stage, my father was able to attain an international dimension." (Antoine Velge)

As usual, Frédéric devotes himself to work with his natural dedication and enthusiasm. He selects only the best to assist him in his arduous assignments. His businesses now extend to include a good portion of the world and globalise.

> "Also pertinent to the SOCFIN period is the name of one of my father's assistants, Xavier Scheyven. For my father, this man was the same as Belgium's Günter Strauss." (Antoine Velge)

With the globalisation of his businesses, Frédéric also attains international dimension.

> "We have photos of the factories, of my father and mother with the king of Belgium. One of them was taken when King Baldwin and Queen Fabiola inaugurated one of SOCFIN's factories and we also have a number of photographs of my father with the President of the Ivory Coast." (Antoine Velge)

> "This is King Baldwin, who was wearing a batik shirt, the typical Indonesian painted shirt. As this was an official visit, the Indonesian were dressed in batik and the king had to follow the protocol."

> "This is my mother with the plantations' manager. And this is the plantations' manager, a Belgian man of Russian descent, who has lived his whole life there in Sumatra. Sumatra is the northernmost island in Indonesia and where we had the plantations."

> "Here we have Mr. Dell offering a baby tiger to King Baldwin and Queen Fabiola." (Antoine Velge).

Even though he has new businesses to run, Frédéric Velge does not cease to follow SAPEC's business in Portugal and Spain. With the death of his father, in 1974, Frédéric becomes Chairman of the family company, SAPEC.

> "In 1968 he inherited part of a company which an uncle owned in Belgium, SOCFIN and becomes its Vice-Chairman. He continues to follow Tharsis, but not so intensively. A management committee was set up which included him, myself as the Executive Director, Joaquim Chapaprieta from Banco de Santander, Xavier Vega de Seoane, former employee of Spain's Mining Department and Claude Tassel who was in charge of the financial affairs. In sum, we pursued the work which was being implemented and extended the business. He was obviously less present. He was extremely busy with SOCFIN and with the palm oil and rubber plantations in Indonesia and Malaysia. Even though SOCFIN had nothing

> to do with the mining business, he never ceased to follow it and with the death of his father in 1974, he became Chairman of SAPEC." (Günter Strauss)

With the death of his father at the age of 73 in Quinta de Aires in Palmela, only a few days before the 25th April 1974 Revolution, as well as that of the financial advisor, Louis Truphême, one year later, SAPEC's business goes through several difficult periods.

> "And then one day, Mr. Antoine Velge, the chairman needed an articulated bed. In Hospital de São Bernardo there were no articulated beds. But Mr. Antoine Velge did not exactly die in the hospital. He died at home in his own articulated bed in Quinta de Aires. I was able to find him one of these beds at a nursing centre in Estoril, where I lived and I took it in my Dyane to Palmela. When we got there, we took Mr. Chairman from his bed in his room and moved him to the articulated bed as best as we could. And when we raised its back, he started feeling better and said: - *I am not going to die anymore*! These were his exact words. But poor man, he died three days later." (José Henrique Semeão)

Only a few days after, the 25th April revolution takes place. SAPEC's headquarters were at the time in Rua Victor Cordon[59], very close to Largo do Carmo, where all the incidents were taking place.

> "In those days, I used to be Mr. Truphême's driver and we were in SAPEC when the revolution began and we started hearing shooting outside. SAPEC is located in Rua Victor Cordon and the 25th April was happening just next to us. There were major problems on the street that led on to Rua Victor Cordon, more precisely in Rua António Maria Cardoso. That is where the shooting began. And because Mr. Truphême had been involved in a war in France, during which he lost his family and parents' house in Nîmes, he called for me. He was on the third floor and the Chairman was always on the fourth floor and he said: - *Zé! Let's go as there is a children's fight on the street and there is shooting*. And so we both left and went to Estoril." (José Henrique Semeão)

[59] In the 50's SAPEC purchased a Pombaline building in Rua Victor Cordon where it set up its headquarters.

Because SAPEC was listed in the Brussels' Stock Exchange, the Portuguese State did not interfere with it as it did with the CUF group. Nonetheless and just like the country's economy, its business is affected by various problems, including strikes, stoppages and labour protests.

> "During that period there were strikes. For example, I had an accident in Palhal when I was in Mr. Marc Velge's car with him driving. We had gone there because employees wanted to stop the scheelite ovens. Another day, it was midnight, and I went with Mr. Truphême to SAPEC in Setúbal. Employees wanted to stop working because they wanted higher salaries. So Mr. Truphême said: - *If you stop the ovens you will lose your everyday bread. If you finish with the ovens you will finish with SAPEC. And if you finish with SAPEC you lose your jobs.* And so, the older staff from SAPEC in Setúbal talked with the younger generations and came to terms with them. But, SAPEC never stopped paying their salaries." (José Henrique Semeão)

It was in Setúbal that these problems were more serious. Marc Velge, at the time Executive Director, was the one who was more affected by these problems.

> "Marc was the Executive Director. In 1974, during the Revolution he was locked up in his office in Setúbal for three days. Marc was fully in charge of SAPEC as he was the one who lived in Portugal." (Madame Velge)

> "These were very tough times. My father died here in this house, ten days before the 25th April and Mr. Truphême died the year after. No one wanted to work here in the factories in Setúbal. There were strikes almost on a daily basis and companies went through very difficult times. At a certain stage I was even kidnapped and there was shooting, but it was all a joke. People acted like children. I spent almost three days in my office, but people came to see me and brought me cigars and food. Those days went by really fast. Nowadays I get along with everyone." (Marc Velge)

> "They did not leave and at a certain stage they isolated Mr. Marc Velge in the factory in Setúbal, more precisely in the offices. He was locked up for a few days. Without anyone seeing me, I took him some cigars." (José Henrique Semeão)

These were difficult days for the whole Velge family. The signs of time were unfavourable to families who owned large businesses. Around them they saw companies being nationalised and many friends going into exile. Businesses were generally affected and had to face many difficulties.

> "So this is what was going on: SAPEC sold fertilisers, right? And farmers, now converted into Collective Production Units, simply did not pay. SAPEC, too, lived its own crisis; how could they pay their staff when they were not paid themselves. But SAPEC paid them, God knows how. Not one salary was left unpaid. But SAPEC always had great people taking care of its financial affairs." (José Henrique Semeão)

But the signs of time were not only felt in Portugal. In Spain, too, Tharsis also experiences many difficulties which Frédéric, as its Chairman, follows closely.

> "At the end of the 60's the atmosphere of social peace begins to change. Everything changes to the worse and things begin to deteriorate. It is true that in Portugal things were a bit smoother than here in Spain, where people are more vulgar and bloodthirsty. The Portuguese are a much more docile people. Here in Spain, I had many problems in the 80's, which I think were much more serious than the ones I had to face in Portugal, in Setúbal.
>
> In 1975 a law is published in Spain which came into force in 1978, which did not allow the share capital of mining companies in Spain to be majorly held by foreign entities. The Tharsis company was British, had been bought from the British and was listed in the London Stock Exchange. We had to have a spinoff, which meant that we separated the mining concession from the real estate business. Tharsis PLC kept the real estate component and the pyrite business, whilst a new company was incorporated, whose share capital was mostly Spanish, the sole object of which was the exploration of the pyrite mines. It was named Compañia Española de Minas de Tharsis and was listed in the Madrid Stock Exchange. Everything that was not industrial remained in Tharsis. At the time, Mr. Frédéric Velge is appointed Chairman of the British Tharsis and Executive Advisor of the Spanish Tharsis. The company's Chairman had to be Spanish. I am appointed as general secretary of the two companies, each of which had

different businesses. The British Tharsis started capitalising its assets and the Spanish Tharsis explored the pyrite mines. It was also during this period that there was an increasing number of social disputes, with employees constantly on strike. At one point, as many as 3 000 people went on strike, the club was destroyed and some 32 cars were burnt down. I had to send my family off to Madrid, as my house was burgled several times. Between 1982 and 1984 I had many problems here." (Günter Strauss)

Even so and considering the adverse conditions, the group does not cease to look for new solutions in order to make its businesses profitable.

"This was when we set up a partnership with a British/Canadian group (which had 40%) and a Belgian group (with 10% of the business) to develop the gold and silver separation process. For each tonne of pyrite, we could obtain 2 grams of gold and 5 grams of silver. In general, results were very satisfactory. The price of gold in the world market in those days was rising whilst pyrite prices were falling abruptly and at a constant pace."(Günter Strauss)

Meanwhile, Frédéric Velge continued his businesses in SOCFIN. However, his constant urge to involve himself in new experiences led him to embark in new projects in 1985. This time he would be taking a risk in the world of press, which despite being for only a brief period, was a well-aimed target. His goal was to recover an editorial group which was having financial problems.

"During the final part of the Belgium stage, my father helped a Belgian family, the le Hodey family in their recovery of a French newspaper in Belgium. In Belgium we have two populations: the French-speaking and the Flemish, and my father strongly believed in the survival of French-speaking Belgium. And there was a moment when the two Belgian French newspapers, '*La Libre Bélgique* and '*La Dernière Heure-Les Sports'* were in a very difficult financial situation. They were about to closedown. This is when my father supported the le Hodey and together resumed and developed the business. They developed a new rotary press, as my father was very keen on keeping these newspapers." (Antoine Velge).

The group Libre Bélgique had its origin in the beginning of the 20th century and belonged to the wealthy Brébart family[60]. In the 70's, after several less fortunate business ventures, the group had accumulated much debt and an obsolete machinery load. No investments had been made for many years.

In the beginning of the 80's, François le Hodey, whose family were industrial Walloons of catholic tradition, met Frédéric Velge. He was looking for people to support his project, which basically involved the restructuring of the communication company. He needed to increase its capital so that he could restore the company's finances and render the editorial structure more professional. Velge was at the time, a shareholder of Caisse Privée, a bank which ended up investing in this project. With a growing empathy between the two and with a mutual belief in the underlying principles, they end up taking control of the group in 1985. The two kept the liberal tradition of '*La Dernière Heure'* and resisted the attempt of political manipulation, something which third parties aimed to attain. With the fulfilment of this project and once the company's management had stabilised, in 1986 Frédéric Velge withdraws from management and sells his shares.

Yet again, Frédéric had confirmed his capabilities as a businessman. A businessman committed to the construction of anything that resulted in well-being and prosperity.

Meanwhile in Portugal and from 1981 onwards, the events which will once again lead to a radical change in his professional and family life begin to materialise.

> "In 1981 I hired Dr. Catroga[61]. I was the one who invited him to come and work at SAPEC. We had been informed by a friend of ours from a bank that Dr. Catroga was available to work with us." (Marc Velge).
>
> "We were in April 1981, and I was first contacted by Mr. Marc Velge. Then I received and invitation from Mr. Marc Velge and Mr. Freddy Velge. They both invited me when we were in Rua Victor Cordon to come and work for SAPEC. And so in August 1981, I accepted the post of Co-

[60] The first edition of *La Dernière Heure* is on the newsstands on the 19th April 1906.

[61] Eduardo de Almeida Catroga was born in São Miguel de Rio Torto, in Abrantes, on the 14th November 1942. He is appointed as SAPEC's chairman in 2002, after the death of Frédéric Velge. He starts his business career with CUF in 1966. At the beginning of 1974 he is appointed as director, and remains in this post even after the group's nationalisation.

> Executive Director at SAPEC, which then only had one Executive Director, Mr. Marc Velge. From now on it would
>
> have two executive directors. This was my first contact with Mr. Freddy Velge.
>
> At the time, I had decided not to accept another term in office as Vice-Chairman of Quimigal (a state company, which was part of the nationalised CUF) so that I could think about my professional life. I had two or three options. I had sent my CV to Prof. Blondel, who was the Chairman of Kréditbank (with headquarters in Luxembourg) to see if they were interested in having a representation in Portugal, and with whom I had spoken before when I was Financial Director of CUF. I was not aware that he was also SAPEC's non-executive director. When he received my CV, Blondel speaks to Marc Velge. - *There is a young man here who could be useful to SAPEC"*.
>
> "SAPEC was going through a very difficult period. Because of the nationalisations and the Agrarian Reform in Alentejo, SAPEC had lost market share. SAPEC which had been basically very strong in fertilisers in the south of the country saw its share drop from around 25% to 10 to 15%. At the time, fertilisers were subsidised but the grants were always late in arriving. SAPEC had experienced great productivity drops at its factories. During that stage, the major concern was the company's survival amidst the seriously accumulated economic and financial imbalances." (Eduardo Catroga)

So, it is the viability of SAPEC, the family-run company created by his father, Antoine and his grandfather, Frédéric Jacobs that drive Frédéric Velge for yet another challenge and return to the mother-company founded by his father and grandfather.

# THE GREAT CHALLENGE

The admission of Eduardo Catroga to SAPEC's Board of Directors represented an acquisition of extremely valuable skills. Eduardo Catroga, one of the country's most renowned economists, with a vast experience in business, dedicates himself to the hard task of making SAPEC a viable company. Again, the Velge family's strategy of betting in the best available resources will be crowned with success. Frédéric Velge will win his bet and a friend for life.

> "In 1982 I was appointed as co-executive director of SAPEC and had a perfectly sound relationship with Mr. Marc Velge. He gave me *carte blanche* to manage the company. He was mainly focused in the project about which he dreamt incessantly: SAPEC II. He set up a research unit as well as a pilot unit in Setúbal to develop a new technology for pyrite and recuperation of its metals. He had a team of Belgian and Portuguese experts working on this. And so, I was really the one in charge of managing the company in Lisbon. After a quick diagnosis, I restructured SAPEC and divided it into Profit Centres, that is, into different business units, and started implementing a new management system.
>
> SAPEC's business at the time was in fertilisers and it also had a small agrochemical and animal feeds business. So we set up three business units: fertilisers, agrochemical products and animal feeds. We introduced new management methods and new planning, control, performance evaluation and investment analysis systems. We restructured the management teams. We changed from being a centralised functional organisation into a management system that was decentralised by business units. The ultimate object and main focus of these was the company's economic and financial recovery.
>
> In 1981, the company was on the verge of bankruptcy. Bank indebtedness was too high, representing around 70% to 80% of sales. As a result of the ongoing restructuring, the new management methods, the teams' motivation, new efficiency and rigour, SAPEC gradually recovered its financial situation and market position. By 1987 the recovery was well under way and it was now possible to start thinking about a new development cycle." (Eduardo Catroga)

Frédéric Velge follows Eduardo Catroga's first years of work at quite some distance.

> "I only had contact with Mr. Freddy Velge at the Board meetings held every three months in Brussels. Even though SAPEC was the family's economic group, he did not follow its business on a daily basis, except with regards (something which he never stopped doing) to the management of SAPEC's interests in Spain, at the time limited to Tharsis, where he was the major shareholder but not in control of the company. As a company working in the pyrite area, Tharsis was also jointly managed between Günter Strauss and Mr. Frédéric Velge. However, what Frédéric Velge was mostly concerned with in those days was the management of other interests which he had inherited from an uncle in a Belgian economic group called SOCFIN." (Eduardo Catroga)

Even if the company in Portugal was showing good signs of financial recovery and performance, there were still many uncertainties as to what the future may hold. Not only would the rules change with Portugal's admission to the European Community but the evolution of the world's economy also called for caution. And even if Frédéric Velge was so enthused with his businesses in SOCFIN, he did not disregard the strategic evaluation of his interests in SAPEC. Whilst attending SAPEC's Board Meetings, all the members' attention was concentrated in the economist's well-founded words and expert working capacity.

> "SAPEC was still using the old industrial scheme and business model. It still had its old sulphuric acid factories, which consumed the pyrite from Louzal and was accumulating losses. When Portugal joined the EEC in 1986, it was obvious that it would have to change its management philosophy. All the former concepts which ruled that prices were stipulated by the government based on cost – regardless of whether the prices for fertilisers in the Portuguese market were higher than in the international markets – were questioned. If SAPEC wished to survive in the sector it would have to become competitive. In other words, it would have to produce fertilisers at competitive prices. And if pyrite was no longer a competitive raw material the same applied to the obsolete industrial unit in Setúbal." (Eduardo Catroga)

> "During that period, SAPEC was experiencing the same problem which we had in Tharsis. Maybe the level of social conflict was not as bad in Portugal, but a decision

had to be taken regarding the future of its businesses. We knew that the world of pyrite was on the verge of ending and alternatives had to be found." (Günter Strauss)

"I know that in 1984, my father and SAPEC's Board of Directors asked Günter for an exclusively technical opinion about the Louzal mine. By then he was already a member of the Board and had already recommended the close down of Louzal for technical and economic reasons. So he compared the cost of extracting a tonne of pyrite in Louzal and that of a tonne in Tharsis, plus transportation to Setúbal. There are no doubts that Tharsis was more competitive with its 300 000 tonnes as opposed to the Louzal mine with its 120 000 tones. And the same applies to the fertiliser sector. We were on the eve of joining the EEC and Dr. Catroga perfectly knew that the grants given to the fertiliser industry would soon be finishing. It was already known that mine-related fertiliser production was basically doomed." (Antoine Velge)

The options were hence becoming clear. With Eduardo Catroga managing SAPEC in Portugal, it had been possible to improve the company's results and overall organisation, but this was not enough to face the future. There were business areas which showed no viability and the single European market would only aggravate the situation.

"To produce fertilisers at competitive prices, one also had to have the intermediate chemical products, amongst which was sulphuric acid, phosphoric acid, etc at attractive prices. It was thus obvious that the classic industrial model of the 50's and 60's, which was based on the exploration and production of pyrite, upstream integration with the production of sulphuric and phosphoric acid, etc., had no viability in the future. And why? Because pyrite was no longer a competitive material in the production of sulphuric acid and because the intermediate products' industrial facilities could not compete in terms of dimension. On an international scale, sulphuric acid was now only produced from sulphur (extracted from open air mines or derived from oil refineries) and it became a banal sub-product." (Eduardo Catroga).

The choices were obvious. Decisions had to be made regarding SAPEC's future industrial model. It was necessary to decide on whether to keep the classic industrial model or to develop the latter. So, depending on the chosen option it would be necessary to decide

not only on what to do in Setúbal but also on the future of the Louzal mine in Portugal and Tharsis in Spain.

For Frédéric Velge this was not an easy decision. Keeping the old model seemed to be the road to disgrace. Altering it meant that he would have to face his brother, his lifetime companion and on whom the father had entrusted the company's industrial production control, and finish with the miners' world. A world which he had helped to erect and of which he kept very happy memories.

> "The pyrite in Louzal was not rich enough in metals to be a source of metal production, as in the case of the pyrite from Neves Corvo. And so it was clear to me that SAPEC would have to shut down the Louzal mine. Likewise, Mr. Marc Velge's project to revamp the mine and build new production units from this raw material made no sense. We were in 1987 and SAPEC's economic and financial recuperation was taking place at a good pace." (Eduardo Catroga).

> "Well, the problem in those days was to find out if it would be possible to use the zinc, copper and gold for industrial purposes at SAPEC's factories. Not to mention the sulphuric acid production. I joined SAPEC's Board in 1984 but had developed a process through which we could obtain gold in Tharsis, which enabled us to produce a tonne of gold." (Günter Strauss).

However all the collected information and general advice pointed in one direction. Frédéric Velge starts believing in the need to alter SAPEC's strategy.

> "What I really wanted at the time was to increase SAPEC's production capacity and make our factories competitive. We had to replace the furnaces. So I set up a research unit to study the production level and the new manufacturing processes which we should implement. We needed to increase our capacity ten fold in order to create a new SAPEC, SAPEC II" (Marc Velge).

> "I think that his brother Marc was not so well advised during this period. You know sometimes when people tell their superiors that which they want to hear, they are worse than their own enemies. I know that Frédéric Velge's decision was not an easy one, but he had to opt for what he thought would be most adequate for the future. And the decisions which he had to make involving his brother were not the only difficult ones and ones

which affected everyone. He also had to consider his whole life in the companies in which he had participations. He had been working for SOCFIN for around 20 years. Once again, he showed the courage and wisdom to find the right direction and to bet on it." (Günter Strauss)

"I went up to Mr. Freddy Velge and said: - *Look! According to my strategic evaluation, the company does not have the right conditions to continue. Your brother is insisting and therefore you either stick to your brother's intentions or follow the path which I have delineated. And I believe in the restructuring of the fertiliser business, which requires the permanent shutdown of the Louzal mine and of the sulphuric acid, phosphoric acid and ammonia sulphate factories. And then the idea is to proceed to a gradual diversification of SAPEC's businesses. Your brother defends SAPEC's historic business and that has no future*."

And Mr. Freddy Velge, who was not only well aware of the evolution of the pyrite business because he was connected to the pyrite market in Spain, but also of the global trends in the fertiliser, sulphuric acid and pyrite market, did not hesitate in supporting my ideas. This lack of consensus led to disagreements in the heart of the family". (Eduardo Catroga)

"In 1986 my father said to me: - *Well we have this strategic divergence with your uncle and we have to do something about it. Dr. Catroga has spoken to me. He has clear ideas about the future of SAPEC whilst your uncle will not hear of parting with the industrial area*. *We have to do something about this."* (Antoine Velge)

This was probably Frédéric Velge's toughest decision. Struggling between his emotions and reason was tough, but his vision of a businessman, combined with his belief that the future is built with much effort and dedication, prevailed. During his lifetime, this was probably the moment in which he realised that to build something new one must sacrifice something old. His perception of what was at stake was explored to the limit.

"Mr. Marc Velge's businessman profile was different from that of his brother. He is a delightful person, (whom I like very much), but is essentially emotive and easily influenced, whilst his brother was more of the radical

type. It was therefore easier to speak to Frédéric Velge in business and economic rationality terms. Mr. Marc Velge was still living in an economic world of the past. He was still in the world of the 60's and 70's and not in the world of competition that would soon arrive with Portugal joining the EEC in 1986. He had not really considered the competition scenarios and the change in the economic game rules." (Eduardo Catroga).

"The strategic conflict in SAPEC, between Dr. Catroga and my uncle Marc, breaks out in 1986. My father was very involved in this conflict. He had a minority stake in SOCFIN, and had signed a management agreement with another two important shareholders who supported his management. Individually, he was also a minority shareholder in SAPEC and needed my uncle's votes to be able to decide. So I said to my father: - *It makes no sense to go on with this as a minority shareholder. In SOCFIN's decisions you will depend on your partners' decisions, at SAPEC you will depend on your brother's decisions. You have to make a choice*. *One or the other*." (Antoine Velge)

And so he asked me: - *What would you do? You're going to be my successor.* And I replied: - *Well, I would prefer to build on SAPEC!* With Portugal and Spain joining the EEC in 1986, a whole new world of opportunities would be awaiting us in the Iberian Peninsula. Being married to a Spanish girl, I knew at the time that within the next 10 or 15 years SAPEC would be an Iberian-based company and not only Portuguese. Because of our relations in Spain, I already had it in my mind what my future would be. I would either move to Belgium to dedicate myself to Indonesia and Africa, or I would move to Portugal to dedicate myself to Dr. Catroga's project of converting the business into an Iberian company. Dr. Catroga would be in charge of the business in Portugal and I would concentrate on the development of SAPEC in Spain." (Antoine Velge)

This is when he finds a new and precious ally. His own son. The future also meant leaving behind a legacy which his son Antoine was now mature enough to handle. Frédéric decides to take the risk.

"This is when the fight for the shareholding control begins. When my grandfather Antoine died, his shares were passed on to his children. And then my father and my uncle gradually bought their sisters' shares, which

meant that they each had around 30% of the company. By 1985, the two had a total of around 60%, which increased to 80% after they each bought shares in the market.

The moment for the Final Agreement between my father and my uncle comes in October 1988. I will always remember that day because it was my sister Caroline's thirtieth birthday and we were all together in our estate in the north of France. That evening my father came for dinner, having just arrived from Switzerland. With the priceless help of the Espírito Santo group (particularly that of Manuel Ricardo Espírito Santo, Ricardo Salgado and the then chairman of ESI, Dr. Tristão da Cunha, as the mediators and negotiators) my father and uncle had come to an agreement regarding SAPEC's future.

Hence, by November 1988, my father had about 80% or 90% of SAPEC's share capital. He then had to make an option: I will either do one or the other. He sold his shareholding in SOCFIN and doubled his holding in SAPEC. He had a shareholding of 20 or 25% in SOCFIN, but which was worth almost 50% of SAPEC. It was more valuable in terms of assets." (Antoine Velge)

"At the time, when my brother was Chairman, he decided that it would be better to follow Dr. Catroga's suggestions. So we met and talked about it. He had a son who would like to work with him, whilst mine enjoyed doing other things. It would therefore be better if my brother took care of the family business. I then distanced myself from SAPEC." (Marc Velge)

This was nonetheless a complex quarrel which left profound scars in the family. Time and the family women's conciliating character helped solve the conflict. The winds had eased up.

"Every year we would all get together in the summer in the house in Caveira. During those years, Marc stopped going, but that's over now." (Madame Velge)

"My uncle and my father stopped talking to each other for a few years. My uncle stopped visiting the family house, which was his father's house, for some years. But then, thanks to my mother and aunts who were not involved in the conflict, they were able to have the brothers speaking to each other again. When my father was in Portugal he used to have lunch with my uncle or vice-versa, at least

> in the six years that preceded his death. The reconciliation between my uncle and Dr. Catroga took place at my father's funeral." (Antoine Velge)

> "I worked all my life for SAPEC. Currently I have nothing left to do it. This is the world of business. We have to do what is best for it. I'm sorry I did not continue with SAPEC but at the same time I'm happy to know that it is in good hands. My nephew is well prepared. I am currently busy with a totally different subject. I very much like living here in Setúbal. I like the people here; they are very welcoming and I like to speak with them."(Marc Velge)

Caught in the middle of the shareholding turmoil, Antoine Velge, who was then 30, and his father Frédéric, now 62, alter the direction of their professional lives. They pick up the family legacy and conquer the right to decide on its future: the future of SAPEC.

> "I started working in January 1984, in an Investment Bank in Paris, which was very much involved with business in Indonesia and in that region and I also travelled a lot. But this had nothing to do with the family business. I have no doubt that the SAPEC option was a good one. If I had had to decide, I would have backed Dr. Catroga's proposal. I already had a strategic vision of SAPEC, and knew that we had a historic opportunity of setting up a team, consisting of Dr. Catroga and myself, as well as the other people who worked for the company, and dedicate ourselves to the internationalisation of the company's business within the Iberian Peninsula. With Portugal joining the EEC, there would be a whole range of opportunities. If today, we still talk about the Velge family's 80 years in SAPEC it is because we too made that choice, right? What we felt for Portugal and SAPEC was much more than what we felt for SOCFIN. SOCFIN was a well-grasped opportunity for my father and which provided him with the financial means to keep SAPEC." (Antoine Velge)

The shareholding quarrel had used up a great deal of Frédéric Velge's energy. While waiting for a strategic clarification, Eduardo Catroga continues with his restructuring programme and adaptation of SAPEC's production methods to the market's emerging conditions.

> "Together with Quimigal, but under our leadership, we defended the idea that the government should alter the rules of the game in the fertiliser business, namely in

terms of its intention to stop giving grants, claiming that a transition period would be required during which a restructuring would take place. We convinced the government to support the sector's (made up of SAPEC and Quimigal) restructuring, providing us with non-reimbursable grants. And so by the end of the transition period, there would be no more grants and the companies had to be competitive. As a result we would be moving from an administrative economy in the sector to a market economy competing with other countries.

The non-reimbursable grants which SAPEC was able to get at 1987 prices, totalled 4 800 million escudos and were destined to finance the restructuring programme (disinvestments, staff rationalisation and investments)[62]. In proportion to its market share, Quimigal received a substantially higher sum.

Previously we had also been able to recover around 600 million escudos in interest from delayed payments due by the Development Fund.

As such, SAPEC gained enough financial strength to support the costs with the shutdown of Louzal, the closing down costs of the sulphuric acid, phosphoric acid and ammonia sulphate factories in Setúbal and to cover the expenses incurred with staff indemnities by mutually agreed contract termination. On the whole, between Louzal and Setúbal, but mainly in Setúbal, there was staff cut of 1 000. So, we paid out indemnities, made new investments (new granulation factory in Setúbal, new investments in the quay), restructured the staff and the company's finances. These funds were decisive, even crucial to the future viability of SAPEC. Emphasis must be given to the fact that this restructuring was only possible thanks to the non-reimbursable grants, which represented the company's largest share of equity (around 70% of SAPEC, SA's equity). This also enabled to keep the normal shareholders' dividend distribution policy.

The fertiliser restructuring plan (delineated in conjunction with Eric van Innis) included a concentration of the industrial equipment in the final stage of the production process (granulated fertilisers), the intermediate products

[27] At the time, approximately 70% of SAPEC's equity.

(sulphuric acid, phosphoric acid, etc.), being now purchased in foreign markets. There was an excessive supply of these intermediate products in the international market. Another essential aspect in the restructuring strategy was the investments in innovation and marketing, with the introduction of new formulas and fertilisers. In Portugal, SAPEC introduced specific fertilisers with a price premium. Consequently, we were able to gradually increase our share in the fertiliser market, as well as in the agrochemical and animals feeds markets, thanks to the new management dynamics." (Eduardo Catroga)

With the clarification of the shareholding structure, the clarification of the company's strategy follows suit. Having completed the company's financial consolidation restructuring and that of the production equipment, Eduardo Catroga is now ready to implement a new stage of his strategy. The diversification of the company's activities. The internationalisation challenge was just around the corner and to face it, he could count on Frédéric Velge and his son, Antoine. Together they will set up a team of excellence. [63]

"Meanwhile, Antoine had already come to work for SAPEC. He had come in February and was working with me. SAPEC – Comércio e Serviços had been set up in the meantime, and it was the embryo of today's SAPEC - Agro-Distribuição, (in 1988 we created INTERPEC and SETEIA). This is the area in which Antoine concentrated, assuming its leadership when António Galvão Lucas left in 1990.

Simultaneously with the economic and financial restructuring, the strategic guidelines for the business diversification were also established. The respective process had to be based on the existing skills and available resources.

Apart from the fertiliser restructuring and the agrochemical and animal feeds' expansion, the foundations for the development of SAPEC – Logística, SAPEC – Química, SAPEC - Agro-Distribuição, were laid

[63] Together with João Sinde, who had come from CUF Group in 1982 and takes over the management control, the Belgian, Eric Van Innis, who supports the restructuring operations in the fertiliser sector, and Christian Terlinden who works in the financial area for a while.

down together with a venture capital risk in the computer information sector (with Prológica and Geslógica, later on sold and generating important profits) and we started making the most of the dormant real estate assets (with SAPEC – Imobiliária and SAPEC – Parques Industriais). Of all these projects, the only one which did not go ahead was the one involving the conversion of the Maintenance department into a company (later extended to operational management consultancy), due to a lack of quality leadership.

The idea was to make SAPEC a market-oriented company and find opportunities based on its resources (which were scarce) and skills.

The port and railway infrastructures were converted into a market-oriented profit centre (as said before, the embryo of the logistics sector, later on consolidated with the acquisition of SPC – Serviço Português de Contentores). With the liberalisation of the raw materials' market and to grasp this new business opportunity, two other companies were incorporated in 1988. INTERPEC Ibérica, in Spain and SETEIA, in Portugal. SAPEC - Química was also incorporated with the aim of optimising the company's know-how in chemical products for fertiliser production and thus be able to enter the chemical market for the industry as well as progressively extend its portfolio of products. From 1989 onwards and with the shareholding situation now solved, Mr. Freddy Velge became increasingly interested in SAPEC's businesses. Between 1989 and 1993, Mr. Freddy Velge, Antoine and myself, consolidated the company's development, concluding its restructuring and diversification.

During the above-mentioned period, decisive steps were taken to fulfil our goal of transforming SAPEC into an industrial and service holding company, with a quite diversified business portfolio, with the structural characteristics adapted to the resources of a family-run business like SAPEC." (Eduardo Catroga)

Meanwhile, between 1993 and 1995 Eduardo Catroga is appointed as Minister of Finance of the 10$^{th}$ Constitutional Government, but the strategy continues. Frédéric Velge starts coming to Portugal more often.

> "I joined the Government in December 1993 (after having previously refused the invitation due to the implementation of the new strategy) and returned to SAPEC at the end of 1995. During those years, SAPEC consolidated the ongoing strategic orientation. It was Antoine who replaced me as executive director. Meanwhile, Mr. Freddy Velge starts coming to Portugal more frequently. Antoine, Eric Van Innis and João Sinde (who played a very important role in the new strategy) supported by Mr. Frédéric Velge, continued working on the company's consolidation and development.
>
> It is important to emphasise the fact that there was total strategic consonance between Mr. Freddy Velge, myself and Antoine, in that we all aimed to convert SAPEC into a holding with a certain degree of diversification. So, based on this development strategy, SAPEC currently holds a business portfolio that is dynamically managed according to value-generating objectives." (Eduardo Catroga)

The implementation of the restructuring process and diversification of SAPEC's production base leads to the creation of various empty areas in the territory. Both industrial and mining activities create great impacts and mine shutdown processes are always socially complex. But the solutions were diversified.

> "At a certain point we realized that there was a dormant real estate asset that could generate profits. With the aim of increasing the value of the historically accumulated real estate assets, we thought of developing projects in this area, not necessarily with the aim of entering the sector but to increase the value of our assets. The idea was to be able to generate enough funds to constitute a financing reserve which would in turn finance our businesses.
>
> In this context we converted Herdade das Praias do Sado into an Industrial and Logistic Park and we used other land, like Quinta do Anjo for other purposes. In Spain, Günter Strauss did the same with the land in Tharsis." (Eduardo Catroga)

In Spain, in the case of the Tharsis mines, the option was to capitalise the assets, dispose of them and then reorient the investments. This process was led by our lifetime colleague Günter Strauss.

"At that time we had to take measures that were highly disputed. For example, the railway line and the port were both closed down. We had to cut down our 3 000 employee workforce to around 1 000. Even so, the pyrites were not able to survive. There were times when the company had no money to pay salaries. It was a period of great agitation. And because the management was mostly in the hands of the Spanish, we could not always make the necessary decisions. The Andalusia Regional Government wanted to keep the company working so that unemployment would not rise. But it was no longer viable, so by July 1991 the business enters voluntary liquidation.

In 1992 we sold our shareholding in the company FILON SUR, which produced gold, and received a few million pesetas which we invested in the development of our real estate projects and in the reconversion of our businesses. The farming estates, fully prepared for production, were sold in 1994. All the land in Corales was transformed and divided into housing and industrial plots and then sold. With these earnings, we reoriented our investments and allocated them in new investments. Between 1995 and 1996 we bought the company Guadalmancha and later on, Hidronorte. This period was followed by Frédéric Velge and by his son-in-law, Mr. Rafael Sanchez-Castillo, married to his daughter, Patrícia Velge. The business reconversion project was concluded in 2001." (Günter Strauss).

Meanwhile, back in Louzal, the old mining village where Frédéric Velge started his business in Portugal, an innovative idea emerges. Aware of its potential, the businessman encourages the implementation of the project.

"The Louzal project was fomented by Fernando Fantasia[64]. He starts working in SAPEC's real estate sector and convinced us that it would be possible to develop a tourism project which would enable to rehabilitate the village as well as build some property.

[64] Fernando Fantasia was born in Algoz, Algarve on the 19th June 1937. He begins his career at CUF, in Barreiro, in 1955. With a degree in Economics, in 1992 he is invited by Eduardo Catroga to come and work for SAPEC in the development of the real estate sector.

> Mr. Freddy Velge always supported this idea. Because he lived part of his life in Louzal he was emotionally very attached to it. The rehabilitation of Louzal was indeed a very dear project to him."(Eduardo Catroga)

Frédéric Velge's emotional attachment to Louzal was still very vivid when the mining village rehabilitation project is presented to him.

The decision to shut down the mining activity had been dramatic. Without the mine, the village had lost the reason for its existence. However and unlike in other mines, where the mining community had been expelled from the company's houses creating ghost villages[65], Frédéric lets the families remain in their houses. They had lost their sustenance, but at least they had a roof under which they could find shelter.

The close down of any economic activity is always painful, especially when the reason for occupying the territory depends on it. And Frédéric always felt like doing something for those people.

> "We must admit that the person who thought of recuperating Louzal was Dr. Fantasia, with my father's support. At first, my father was not really sure that these people would be able to once again find the reason for the existence of this village, but thanks to Fernando Fantasia it was possible to recover it." (Antoine Velge)

When the machines' roaring ceased, bringing to life that which the slow decadence announced, the mining village of Louzal closes up on itself. The more diligent look for new jobs outside. The more qualified find new positions in Neves Corvo or in the Sines port and industrial complex. The older, with their pensions or pre-retirement pensions adjust themselves to the situation. However, there were no perspectives for the younger generations.

> "The first time I went to Louzal I was shocked. People had lost interest in living. They even let weeds grow on their front doors". (Fernando Fantasia)

[65] As in the case of the São Domingos mines, in Mértola, which shut down in 1966, or the ones in Caveira in 1955.

> "The Louzal project is an idea generated by SAPEC. During my first term in office in 1995[66], Dr. Fantasia went to the Town Hall and said: - *Look, we have a project here*
>
> *that we think is very interesting and worth your while looking at it. What do you think of it?* With the end of the mining business, the idea was to basically find an alternative, allocate some funds and potential and find an activity that would retain these people in the village whilst making the most of the existing heritage.
>
> The mines had shut down in 1988. And so, the Town Hall shows its interest in the development of this project in partnership with SAPEC. Back then, the population of Louzal was of some 700 and a new course of life had to be found for these people. The name given to these investments was 'Centro Rural'. We also had to create a Foundation that would be entrusted with the cultural and museologic development.
>
> The Foundation was formed by SAPEC and the Grândola Town Hall on equal terms. One of the things that most struck me at the time was the respect and in some cases, the affection which the mining population felt for Frédéric Velge. To the surprise of some, this was the reason which took the Town Hall to suggest the name of Frédéric Velge as the Foundation's name." (Fernando Travassos)

In 1995, the memory of Frédéric Velge was still very fresh in the population's memory.

> "Many of the more aged miners had direct experiences with Frédéric Velge. These memories were passed on to the younger generations, who considered the name of Frédéric Velge very appropriate for the Foundation's name." (Fernando Travassos)

One of the most interesting aspects of this project and one of Frédéric Velge's main concerns was the creation of new activities that would generate benefits for the village and the company at the same time respecting the location's memory and identity. This would be the project's major contribution, in that it enabled to make this territory the pioneer in the dissemination of the mining heritage in Portugal.

---

[66] Fernando Travassos, architect, was the Mayor of the Grândola Town Hall between 1994 and 2001.

From his experience, Frédéric Velge knew that his village would have to find a market niche.

> "Frédéric Velge was a delightful person from a personal point of view. He was genuinely interested in the future of Louzal and in any projects related with it. He always made sure that he attended the Foundations' meetings. He was always well informed, with clear opinions on the various issues and had a very intelligent vision of Louzal. The first impression I had of him as an individual was quite striking. He was a very alert person who knew how to listen others. He wanted to meet me and evaluate me as spokesperson. He wanted to make his own judgment and consider the project's potential. His intervention often solved the difficulties found along the way.
>
> Not only did Frédéric have a clear vision of all issues and of what Louzal may become, but he also felt a genuinely sincere and enormous affection for the population. He was hence very interested in the successful outcome of this venture. He was concerned in having these things made for these people, which was also our main goal. What really mattered was that some sort of project was developed in Louzal now and not in fifty years. The idea was to do it now and for that population. That was the fundamental issue. That was our main objective and the one which we presented to the Town Hall. Curiously enough we were always in agreement with him." (Fernando Travassos)

Once the right people had been found and the project's organisational grounds had been established, it was time to get down to work. Which projects and ideas to develop? Here too, Frédéric Velge plays a decisive role.

> "He had two main concerns, the level of which was that of a businessman. There was a heritage here and he would like to rehabilitate it. And then, there was also a human concern which involved the need to find a new activity based on the existing heritage. This is what he defended. It was necessary to find new activities which would somehow preserve the local heritage and memory.
>
> The idea was not to develop just any kind of tourism economic activity or convert the place into a theme park, but rather something that was based on the deep respect for that memory and an activity which people found attractive and from which they could earn a living. It was

this clairvoyance which Frédéric showed when defining priorities that struck me."

The specificity of this project are the mines, the industrial archaeology and the museologic approach of Louzal. This is what differs from other projects. At the time, we visited the mines of Rio Tinto and São Domingos which had shut down and where investments had been made. But these were complementary investments. There were shops, restaurants and hotels. Regardless of the number of available structures, if the local heritage and identity were not preserved then this would be a lost project. It was necessary to value the memories of the mining communities. And this was the difference. He did not just want to build a theme village based on a pretend village from Alentejo! He wanted to base it on a deep respect for an identity and an economic activity that had once been very important. This was the origin of these people's life." (Fernando Travassos)

However, discussions were not always peaceful and it was not so easy to convey the ideas which were down on paper into the sphere of reality. Normally when there are various agents involved, ideas multiply and assumptions change. But Frédéric Velge's clear objectives were a precious element on these occasions.

"Even though we only held meetings from time to time, he always highlighted the project's essential aspects, which were primarily concerned with the recovery of the mine's memory. Tourism projects may be ephemeral and not very consistent. If the industrial archaeology project is not in the front line, then it really does not matter if there are any local handicrafts, restaurants, gastronomy, landscape, lagoons, etc, because it is this historic past that gives Louzal its expression. This is where Frédéric Velge came in with a new *élan* in his suggestions.

He had a very strong affection for the mines as he had lived memorable experiences there. Many times, when we went around Louzal, people would come up to him very nicely and he would return their kindness in a very touching way. He normally knew people by their names and asked about their families. He had a very strong and close relationship with these people and this place. Therefore, it is understandable that he feels such an affinity with this project, as it had much to do with his life and with his investments in the area. From his conversation, it was clear that he did not want to make

> just any kind of investment. As a businessman, he would like to do something, such as, let's convert this into a tourism resort. Fine! But we must keep the memory of the past and we must consider these people. This was his focal point. We must make the most of what already exists. This is what really made him feel so enthusiastic about this project." (Fernando Travassos)

By now, Frédéric Velge is in his 70's. Due to his arduous life, he is no longer able to enjoy the mobility he had in the past. His businesses are well managed in the hands of his lifetime assistants, but nonetheless he follows them until his death.

> "Mr. Freddy Velge followed his businesses until he died. He was the Chairman and used to come to Portugal twice a month, keeping well informed about the business world in general. This is something he always did." (Eduardo Catroga)

Frédéric Velge spends longer and longer periods in his castle in Folembray, where he likes to have the whole family and continues to host the Rallye Nomade on a regular basis.

> "Towards the end of his life, my father spent most of the winter in Folembray. He travelled to Portugal once a month, but basically, he was now living in France.
>
> In the woods, we go deer hunting on horseback. In Folembray we have a very old kennel dating back to the 19th century. We hunt twice a week; Tuesdays and Saturdays. At the beginning of the season we don't wear tailcoats. We only start wearing them on St. Hubert's day, the 3rd of November.
>
> When we hunt deer, we do 'La curé'. The deer is sliced up. We remove the head and the skin and the meat goes to the hounds. The best parts of the deer are distributed amongst the various participants. Sometimes we all get together for a meal, but that is not always the case. The hunting season in Folembray lasts for six months and my father hunted all his life." (Antoine Velge)

In October 2002, Frédéric Velge, a man whose health had always been unshakable, becomes ill and dies on the 20th October, four days before turning 76. He lived an intense life and moments of great happiness. He had the privilege of leaving behind a remarkable legacy as a businessman.

# FREDDY VELGE FOREVER

The death of Frédéric Velge catches everyone by surprise. But the direction of his businesses was well traced out. His followers continued his work. At SAPEC, Eduardo Catroga is invited to hold the seat of the Chairman.

> "With the death of Mr. Freddy Velge, Antoine and his family ask me to move from Vice-Chairman to Chairman. Therefore I am now the Chairman, a semi-executive chairman and in perfect cooperation with Antoine, who is the head of the executive. I follow the company's life and all its key aspects. I attend all the most important meetings, namely the ones concerned with the strategic evaluation, investment analysis and performance control. The everyday management is undertaken by Antoine, Eric Van Innis and João Sinde who follow SAPEC's businesses according to the previously defined models. The operational management is decentralised into business units, in which the business managers are the 'bosses' of the respective business, directly responsible for the return on the invested capital and for proposing investment projects in line with the Board's strategic orientations". (Eduardo Catroga)

The example left behind by Frédéric Velge is rich in teachings for all those who live in a rich and constantly changing world.

> "Mr. Frédéric Velge lived during a very rich period. He was always surrounded by top level assistants and had a vast experience in the world of business. He was very close to his assistants and had a very refined vision of what the economic world was like. The people he chose to work with him had a great capacity to transform the business, see its potential and go ahead with determination. They were flexible before adversities, young in spirit and with a great deal of initiative and control in each specific situation. If you notice, SAPEC ventured into various areas. It had many successful experiences, but naturally it also saw some experiences fail. But as a general rule, Mr. Frédéric Velge was someone who was always able to find the right way to follow a business.
>
> Today, we live in a rapidly changing world. SAPEC has changed what needed to be changed but continues to do

so when necessary. One needs to be prepared for all these changes. When I arrived in the world of mines, when I began working in Louzal, investments were very heavy. We were only able to reap any profits from those investments a few years later. Even so, there were many variables that depended in the world market, which meant that the business could change from one minute to the next. Currently, everything changes so quickly that if there is no maturity and clear thinking, survival is very tough. That is one lesson that we all learnt from Frédéric Velge." (Günter Strauss)

"My father used all his energies and skills in his work. His greatest quality was to be a fantastic leader. He had a great natural authority and easily created a sense of power over the others. He was a risk taker and a decision-maker. He was not such a great economist as Dr. Catroga, or a good engineer like Günter Strauss, who knows all about physics, chemistry, etc. His greatest quality, which was basically the typical characteristic of a businessman, was that he had good sense, worked hard and had a good capacity for risk analysis." (Antoine Velge)

"Mr. Freddy Velge had a great 'sense of smell' for business. He quickly knew the best way to follow when there were various alternatives. I think that his most distinguished characteristics were indeed a refined strategic vision, great determination, great coldness and great good sense. His leadership qualities generated empathy. He knew how to communicate and motivate people. Let's put it this way, his leadership had charisma and promoted collaboration. And when he believed in people, he really believed in them. His style was very incisive and determined.

To the characteristics which I have mentioned above, I must add his perseverance. This is what enabled SAPEC to gradually take over the control of Tharsis, (anticipating the valuation of its assets), and then in conjunction with Günter Strauss, develop the ideas given by Raphael Sanchez Castillo of entering the renewable energies' sector, a vector of development which may be an important value generating source for SAPEC …" (Eduardo Catroga)

Frédéric Velge left his children and grandchildren as well as all those who shared his successes and failures with him, much more than a

successful company. He left them an example of work and dedication for things in which he believed. He left them an example which will help in guiding them along the various paths of life.

> "I think that we have to give our children a family education, based on strong values in which we believe. And then we should give them as many opportunities as possible, be it in business, sports or in anything else. Our family has a vision that extends beyond Portugal and the Iberian Peninsula. In our case, we would like to give our children an international openness." (Antoine Velge)

> "I was too young to understand my grandfather's work in SAPEC[67]. Little by little, as I heard people who had business relationships with my grandfather speaking about him, I realised the importance and greatness of his work. His work reflected many of his personal characteristics, namely his maturity, loyalty, firmness when necessary and kindness as often as possible.
>
> He was a tall, calm and affectionate person. He was always well-dressed. He lived at an intense and fast pace and never stopped. When he was angry he became really red. He liked to have things clear and always said what he had to say, be it good or bad. He liked both refined things and simple things. One minute he could be eating caviar and the next he could be having 'caldo verde' (kale soup), provided that it was very hot.
>
> He had his habits and these had to be respected for him to feel happy. His whisky, his cigar, his reserved seat on the table, sofas and even his car seat had a special position for him.
>
> I still remember one day when he got angry with me and José Henriques[68] because his seat was not in the right position. José Henriques had taken me to SAPEC and then went off to pick up my grandfather from the airport. I had moved the seat forward, and so when he went in the car he immediately noticed that the seat was not the way he liked to have it. He was a very unpretentious person who did not like treating people as being inferior in any way.

---

[67] Frederico Velge, eldest son of Antoine Velge, born on the 29th September 1986.

[68] José Henrique Semeão - driver

In the car he always sat next to the driver. Sometimes he went in through the kitchen and greeted the maids. He

lived a life of luxury combined with an attitude of simplicity towards those who worked for him.

He had the patience to listen from beginning to end. My grandfather always gave me good advice. He made an effort to understand what we were doing. He really liked hunting. He told me a lot of stories while I served him whisky.

He was always waiting for us in Folembray, in France. Always waiting at the top of the stairs, regardless of whether it was raining, snowing or foggy. One day I asked him why he was always outside waiting for us instead of being inside where it was so warm. And he said that this was his way of showing that he was always ready to help and support the family whenever in need, no matter the cost.

His work in Louzal can only be understood if you knew my grandfather. He gave Louzal love, respect and the best working conditions to the miners. He knew what the miners needed in order to work better and yet be happy. The small things he changed made all the difference. He did this because he was in permanent contact with the miners. If a miner shows his gratitude is because he feels the need to return what someone, my grandfather, has given him." (Frederico Velge).

"My grandfather[69] was a very tall and punctual person. He really liked to go deer hunting in Folembray (France). He also enjoyed staying at home, relaxing with a cigar in his mouth and a whisky, prepared by his grandchildren, in his hand. Even though we always told him that smoking was bad for his health, he never gave it up.

My grandfather really liked having his family around him, to talk to us and to always have someone to speak with. He had a very easy way of speaking. He spoke to everyone, whether he knew them or not.

---

[69] Letícia Velge, daughter of Antoine Velge and granddaughter of Frédéric Velge. Born on the 14th May 1991.

Everyone in Louzal tells me that he was a very good person and that as soon as he arrived he greeted everyone. He loved Louzal, as this was where he began

his life in Portugal. So this village always had a great meaning for him throughout his lifetime.

My grandfather was always present in the most important occasions of my life and we talked a lot. One day, he explained to me that the most important thing in life was to work very hard, enjoy what we did and be punctual. He also taught me that you can't do anything in life on your own, that we need good friends, good working companions with whom we can communicate well.

My grandfather's work in the Louzal mines was acknowledged by everyone, unforgettable by the whole family and something which he deserved! It was also a life of work which he built and left to his family! I am very proud of being his granddaughter and to see that his projects have continued and hopefully one day with me." (Letícia Velge)

My grandfather[70] was, other than the rest of my family, one of the persons I loved the most in this entire world. I loved the way he looked at me, he smiled at me, he laughed with me or at me and all the times we had together.

When I was with him it was like in a book, when the princess has found her blue prince (if you know what I mean) and it was just as if I'd found a person that's like me and with whom I would be able to spend all my life.

One of my best times with him was when at midnight and when it was full moon he would just come and wake us all up, and in our pyjamas we would go and watch the deer at night.

Another time I also loved it and thought he was mad. I was in Portugal, and I was 1 or 2 years old with my sister, and we brought him his spaghettis where we had put black ants and we told him they were fish… We never

[70] Sofia Sanchez Castillo, youngest granddaughter of Frédéric Velge and daughter of Patrícia Velge. Born on the 10th January 1996

thought he was going to fall for that, but he just ate them one by one to make us feel happy and so we were looking at him with our wide eyes open as if he was some kind of monster or as if he was blind and he didn't see they were ants and so we giggled and giggled all day long.
On another occasion which I also loved, was when I got a new puzzle and I didn't want to go to bed because I wanted to keep playing and my grandmother said: - *That's it I'm going to get grandpa so hopefully he can put you in bed*! He just came and started doing the puzzle with me!!!

And other things I'll never forget is that every time I saw him I got richer and richer because he told us: *Every time you bring me a whisky I'll give you 1 euro,* so we were all dying to serve him! And when he was in hospital we bought a red fish for him, and the hospital didn't want us to bring animals in so we just hid it and brought it in the hospital with us so he had his red fish with him!

There were sooooooooo many good times I had with him but I just cannot write them in this page because I could keep going on forever and ever…

All I want to say about this is that I love you and I had such good times with you and that I miss you.

I hope even if you are up there and I cannot see you that you can see me and you keep guarding me…" (Sofia Sanchez Castillo)